

PROJETO

MEMÓRIA E PATRIMÔNIO DA SAÚDE
PÚBLICA NO BRASIL:
A TRAJETÓRIA DE SÉRGIO AROUCA

Relatório de Atividades
Sérgio Arouca
1967-1975

Rio de Janeiro, setembro de 2005

Projeto: PRODOC 914 BRA 2000 – UNESCO

PROJETO
MEMÓRIA E PATRIMÔNIO DA SAÚDE PÚBLICA NO BRASIL:
A TRAJETÓRIA DE SÉRGIO AROUCA

Coordenação:

PPGMS - Programa de Pós-Graduação em Memória Social - UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Financiamento:

DECIT – Departamento de Ciência e Tecnologia – Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos – Ministério da Saúde

Projeto:

PRODOC 914 BRA 2000 – UNESCO

Instituição Signatária:

FIOTEC – Fundação para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico em Saúde

Apoio:

FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz

Coordenadores:

Profa Dra Regina Abreu (UNIRIO)

Prof. Dr. Guilherme Franco Netto (Ministério da Saúde)

Consultores:

Profª Drª Anamaria Testa Tambellini (UFRJ)

Dr. Ary de Carvalho Miranda (FIOCRUZ)

Pesquisadores:

Helena Rego Monteiro

Fabício Pereira da Silva

Fotografia de Cena:

Helena Rego Monteiro

Fotografia de Vídeo:

Pedro Sol de Abreu Nunes

Edição do Vídeo:

Daniel Bona

Pedro Sol de Abreu Nunes

Estagiários:

Carlos Augusto Ferreira Figueira

Marta Joyce dos Anjos Ferreira

Este relatório foi produzido no contexto da cooperação UNESCO/DECIT-MS, Projeto 914BRA2000 Decit PRODOC. As opiniões aqui expressas são de responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente a visão da UNESCO sobre o assunto.

Sumário

| | |
|---|------------|
| Apresentação..... | 4 |
| Contexto Sócio-Político e Trajetória do PCB (1964-1975)..... | 6 |
| Trajetória de Sérgio Arouca (1967-1975): os caminhos possíveis | 15 |
| Perfis dos Entrevistados..... | 25 |
| Transcrição das Entrevistas | |
| Guilherme Rodrigues da Silva e José Rubens..... | 26 |
| José Aristodemo Pinotti..... | 49 |
| Maria Dutilh Novaes..... | 58 |
| Ana Maria Canesci..... | 71 |
| Gastão Wagner de Sousa Campos..... | 82 |
| Carmem Lavras..... | 100 |
| Everardo Duarte Nunes..... | 113 |
| Cronologia de Sérgio Arouca..... | 125 |

Apresentação

Este relatório contém todo o material produzido pela equipe do Projeto Memória Sérgio Arouca acerca da trajetória de Sérgio Arouca no período entre 1967 e 1975 (os primeiros anos de sua trajetória profissional, em Campinas, São Paulo). Traz, inicialmente, um texto dividido em dois tópicos: a primeira parte trata dos aspectos políticos e sociais que norteavam a vida brasileira naquele período (“Brasil: 1964-1975”), e a segunda trata do PCB (“PCB: 1964-1975”). Traz também um segundo texto, sobre a trajetória de Arouca naquele período (“Arouca em Campinas: os caminhos possíveis”). O relatório segue com os perfis dos entrevistados em São Paulo e Campinas entre os dias 28 e 30 de abril de 2005, e com as transcrições das referidas entrevistas. Por fim, apresentamos uma cronologia de Sérgio Arouca.

Textos sobre a trajetória de Sérgio Arouca (1967-1975)

A seguir, apresentamos alguns textos sobre o período de 1967 a 1975. O primeiro está dividido em dois tópicos: a primeira parte trata dos aspectos políticos e sociais que norteavam a vida brasileira naquele período (“Brasil: 1964-1975”); e a segunda parte trata do PCB (“PCB: 1964-1975”). O segundo texto analisa a trajetória de Arouca no período (“Arouca em Campinas: os caminhos possíveis”).

Contexto Sócio-Político e Trajetória do PCB (1964-1975)

Brasil: 1964-1975

A partir de 1964 o Brasil teve a experiência ditatorial mais longa de sua história. Não que isso fosse esperado, ou fosse a intenção da maioria dos atores envolvidos no processo. Quando o golpe estourou, era visto por muitos de seus participantes como um movimento “saneador”. “Na representação intelectual que dela faziam seus atores hegemônicos, a revolução de 1964 deveria compreender uma breve e excepcional intervenção militar na política, no curso da qual seriam eliminados quatro males que haviam comprometido a estabilidade e a ordem políticas: a forte mobilização política induzida pela demagogia populista; o amplo espectro de organizações, movimentos e mecanismos sob os quais atuava a subversão comunista; a corrupção e o comportamento predatório na gestão política e administrativa do Estado (...); e, por fim, a estatização intoleravelmente crescente a que se havia submetido o conjunto da economia.”¹ Tal projeto havia atraído amplas parcelas da sociedade brasileira, interessados em um ou vários desses objetivos – o que explica a vitória da proposta autoritária e conservadora ao invés da popular na polarização do pré-64.

Mas o que parecia um “movimento saneador” começou a dar mostras de que tinha vindo para ficar. Um primeiro governo “revolucionário”, encabeçado pelo marechal Castello Branco, foi escolhido pela cúpula militar e aprovado pela maioria do Congresso (já devidamente “saneado”). O novo governo começou nos primeiros meses a implantar o programa liberal antiestatizante esperado (levado adiante por Roberto Campos), e a prometer que o período de exceção duraria pouco. No entanto, logo começou a famosa queda-de-braço entre a “moderados” e “duros” no governo e nas Forças Armadas. Havia, no interior do regime, diversos grupos interessados na radicalização da ditadura. Convencionou-se chamar a esses de “duros”. Hoje sabemos que a distinção muito usada entre “moderados” e “duros” muitas vezes encobre uma real compreensão da dinâmica interna do regime militar-tecnocrático. Em muitos momentos essa clivagem não era clara, se modificando caso a caso: o “moderado” de ontem era o “duro” de amanhã, bem como muitos eram “duros” para algumas questões,

¹ José Antônio Giusti Tavares. “O sistema político brasileiro”. In: TAVARES, José Antônio Giusti, ROJO, Raúl Enrique (orgs.). *Instituições políticas comparadas dos países do Mercosul*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, págs. 225-226.

e “moderados” para outras. O fato é que “a clássica divisão entre linha dura e moderados não dá conta da diversidade de clivagens que configuravam os diversos grupos militares.”² Mas para fins explicativos, tal dicotomia cumpre sua função de clarificar os processos internos do regime ditatorial, por isso será adotado aqui.

Castello Branco e seu grupo (considerado “moderado”) começaram a sofrer pressões de setores radicalizados para acelerar o processo e modificar orientações. Logo, o novo governo se viu acuado e levado a se desviar ligeiramente do seu caminho original. O regime deu mostras de que continuaria e se aprofundaria ainda durante o governo de Castello Branco, com a edição do Ato Institucional Número 2 (AI-2, de 27 de outubro de 1965), derivado dos clamores dos “duros” por mais repressão, em especial depois da vitória da oposição moderada em Minas Gerais e na Guanabara em 1965. Este ato proibiu os partidos políticos existentes (encerrando o sistema partidário inaugurado em 1945) e deixou espaço para a formação de apenas dois partidos – que acabaram sendo a Aliança Renovadora Nacional (ARENA, partido oficial) e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB, oposição consentida). Também aumentou os poderes de exceção do regime e da pessoa do presidente e instituiu a eleição indireta para o cargo. O regime estava tentando se reproduzir, e conseguiu. O crescimento dos “duros” foi consolidado pela indicação da maior parte dos setores militares (e do consentimento da ARENA) do nome de Costa e Silva como candidato único à sucessão presidencial, sendo “eleito” no final de 1966 e assumindo no início de 1967.

Com todo o radicalismo autoritário, uma característica curiosa do regime foi a manutenção de mecanismos democráticos mesmo no período mais radical – a manutenção do Congresso, permissão de um partido de oposição, aprovação do nome do futuro presidente pelo Congresso e manutenção de eleições em alguns níveis. Isso tudo claramente se prestava a uma legitimação do regime e a uma tentativa de autopreservação por um longo tempo. Na prática o Congresso perdeu grande parte do seu poder (para um Executivo poderosíssimo) e foi posto em recesso várias vezes, os militares escolhiam o presidente e a liberdade de ação das oposições sempre foi reduzida.

As diretrizes econômicas do regime também dariam uma guinada no início do Governo Costa e Silva. A proposta econômica liberal de saneamento das finanças, enxugamento do Estado e associação com o capital externo seria substituída pela

² FICO, Carlos. *Além do golpe*. Rio de Janeiro: Record, 2004, pág. 81.

estatização e pelo fortalecimento da tecnocracia – dando os contornos à ditadura de regime “militar-tecnocrático”³, que se manteria até o fim. “A lógica objetiva da dominação da burocracia tecnocrático-militar e do comportamento patrimonialista das classes médias e médias altas tecno-burocratizadas – sobre o qual se edificara o regime inaugurado em 1964 – conduziu não apenas ao estatismo econômico crescente e ao autoritarismo político, mas à interdependência e ao sinergismo entre ambos.”⁴ A ditadura a partir dali iria levar adiante o processo (comum na história brasileira) de *desenvolvimento capitalista conservador e “pelo alto”*: *conservador* porque leva adiante o desenvolvimento preservando ao máximo a estrutura desigual da sociedade; *“pelo alto”* por ser dirigido pelo Estado autoritariamente e manter as elites industriais apenas como auxiliares, não como a classe dirigente do processo (papel ao qual ela nunca se mostrou apta no Brasil⁵).

A radicalização do regime minou suas bases civis. Setores das elites políticas (por exemplo, Carlos Lacerda, Juscelino Kubitschek e Ulisses Guimarães, que apoiaram abertamente o golpe em 1964 ou ao menos não se opuseram), do empresariado e das classes médias, antes simpáticos ao movimento de 64, passaram a se opor ao regime crescentemente autoritário. Fora esses setores, os movimentos populares (em especial estudantil) e organizações de esquerda (incluindo as novas esquerdas “armadas”), recuperados do choque e se reorganizando agora em condições adversas, conseguiram apesar de tudo retomar suas atividades e uma crescente ofensiva, que teve seu ápice em 1968, visto por muitos como reprodução dos movimentos contestatórios daquele ano na Europa Ocidental e nos EUA, mas que na verdade no Brasil assumiu uma lógica muito própria. Guardadas as importantes influências externas, o 1968 brasileiro foi caracterizado principalmente pela luta contra a ditadura, marcada pela Passeata dos Cem Mil (26 de junho) e pelos atos de guerrilha urbana. De certa forma, o 1968 brasileiro podia ser visto também como o último fôlego das lutas acumuladas no pré-64. Depois dali, os movimentos populares só se reorganizariam e assumiriam um papel de protagonismo uma década depois, com uma lógica bastante diferente e novos atores.

A cultura brasileira, diferentemente dos movimentos populares e de esquerda, não foi imediatamente cerceada pela ditadura. A censura aumentou, é verdade, mas é

³ Conforme conceituação de Carlos Nelson Coutinho em *Democracia e socialismo*. São Paulo: Cortez, 1992.

⁴ José Antônio Giusti Tavares, op. cit., pág. 226.

⁵ O que pode ser explicado pela inexistência até pelo menos o início do século XX de uma unidade nacional (e, portanto, classes sociais nacionais orgânicas) e pelo processo de desenvolvimento retardatário e dependente do país.

bom lembrar que já existia censura no período pré-64. Os movimentos culturais se tornaram mais que nunca uma válvula de escape para o protesto e a crítica social no pós-64, através entre outros do Teatro Opinião, do aumento das canções de protesto e de filmes do Cinema Novo. Mas, para além do protesto, é notável a efervescência do período, em especial na música – com a consolidação de uma Música Popular Brasileira (MPB), os festivais de TV, o surgimento da extremamente criativa Tropicália e da Jovem Guarda (e os estranhamentos e preconceitos entre os diferentes movimentos). Na verdade, é possível afirmar que a efervescência cultural que se iniciou no final dos anos 1950 seguiu adiante apesar do golpe, sem cortes abruptos. Tal corte se daria apenas no final de 1968. A partir de então, a produção cultural ficaria extremamente cerceada, com prisão e exílio de muitos e a intensa censura a todos.

O final de 1968 marca a repressão aos movimentos contestatórios (também no âmbito cultural) narrados nos parágrafos anteriores. Estamos falando da resposta do regime àquela “perigosa” efervescência: o AI-5 (que veio à luz trazendo as “trevas” em 13 de dezembro, considerado por muitos “um golpe dentro do golpe”). O decreto permitia o decreto de recesso do Congresso (o que foi feito imediatamente), intervenções em estados e municípios, a cassação de direitos políticos de qualquer cidadão e o aumento da censura – e se manteve até o final de 1978. Com a doença e posterior morte de Costa e Silva em 1969, o Alto Comando Militar escolhe para a sucessão Emílio Garrastazu Médici (referendado por um Congresso cerceado e expurgado, que foi então reaberto), que assume no final de 1969. O Governo Médici ficou caracterizado como o auge da ditadura, por um lado pela repressão aos setores descontentes (com o desmantelamento dos movimentos populares e o massacre dos movimentos guerrilheiros), mas por outro também pelo crescimento vertiginoso do apoio popular ao regime. Tal crescimento era influenciado em boa parte pela censura a informações independentes e pelas campanhas nacionalistas do tipo “Brasil: ame-o ou deixe-o” e grandes obras levadas adiante pelo regime, como a Rodovia Transamazônica. Mas também se deu pelo inegável e vertiginoso crescimento da economia brasileira, que atingiu naqueles tempos estratosféricas taxas de mais de 10% anuais. Era o ápice da modernização conservadora capitalista falada acima, que consolidou o capitalismo no país e o integrou, beneficiando naquele momento muitos setores das camadas médias (além das elites).

Assim, o período entre o AI-5 e o final do governo Médici (final de 1968 ao início de 1974) pode ser considerado o ápice do regime, da violência às oposições e de

seu apoio popular. Tal situação começaria a dar sinais de fraqueza por volta de 1973, quando a economia começou a se desacelerar (o modelo demonstrava estar chegando ao seu limite), o que foi acelerado pela crise do petróleo de 1974-75. Por outro lado, a sociedade civil se organizava. Cada vez mais se utilizavam os espaços que o regime oferecia. O partido de oposição consentido pelo regime, o MDB, progressivamente ganhava um real conteúdo oposicionista, enquanto crescia eleitoralmente – sempre com o importante apoio dos pecebistas (vários deputados eleitos pelo MDB tinham algum tipo de ligação com o PCB⁶). As eleições de 1974, e especialmente de 1978, foram marcos do avanço oposicionista. A votação contrária ao regime se deveu em parte à desaceleração do “milagre econômico” (em pouco tempo ele se reverteria em recessão profunda). Mas houve também um real aumento da consciência acerca da validade da luta democrática, progressiva, nas brechas existentes – em detrimento da luta “revolucionária”, desmantelada pela ditadura. Assim, levantavam-se outras bandeiras de luta, como a da anistia dos presos e exilados políticos.

Como resposta a isso, em 1974 assumiu o governo o “moderado” Ernesto Geisel, com um claro projeto de liberalização do regime. Tal projeto era de uma “abertura” pelo alto, motivada em boa parte pela consciência das transformações na sociedade brasileira e na conjuntura internacional (a crise econômica mundial e as pressões logo protagonizadas pelo governo do democrata Jimmy Carter nos EUA), e da necessidade de autopreservação. Tratava-se praticamente de uma institucionalização do regime: “Os regimes ditatoriais modernizadores e não fascistas – de que são exemplos ‘clássicos’, entre outros, o Brasil pós-64 e a Espanha *franquista* em seu segundo período – apresentam uma contradição fundamental: desencadeiam forças que, em médio prazo, não podem mais controlar, ou, em palavras mais precisas, desenvolvem os pressupostos de uma sociedade civil que, progressivamente, escapa à sua tutela”.⁷

Há que se diferenciar o *projeto* de “abertura” do *processo* que acabaria se dando. A Abertura foi “resultante de um duplo processo: de um lado, conflitos internos ao regime e, de outro, a pressão da sociedade civil.”⁸ Assim, a partir de 1974 começaria a “distensão” do regime, mas tal projeto “pelo alto” teve que conviver com os diferentes projetos verdadeiramente democráticos de parte da sociedade. Nessa dinâmica, com idas

⁶ Como Modesto da Silveira, Roberto Freire, Fernando Sant’ana, Marcelo Cerqueira e outros. Cf. FERREIRA, Marieta de Moraes et al. (orgs.), *Vozes da oposição*, Rio de Janeiro: Grafiline, 2001.

⁷ COUTINHO, Carlos Nelson. *Democracia e socialismo*. São Paulo: Cortez, 1992, pág. 50.

⁸ ARAUJO, Maria Paula Nascimento. *A utopia fragmentada – as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000, pág. 118.

e vindas e dependendo diretamente da correlação de forças entre os diferentes atores, a “distensão lenta e gradual” foi virando “abertura” de fato – especialmente a partir de 1979. Mas por enquanto, o processo ainda era controlado em boa parte pela ditadura que não diminuiu seu caráter autoritário. Que o diga o PCB, que entre 1975 e 1976 sofreu os mais violentos ataques por parte do regime.

PCB: 1964-1975

O PCB, surpreendido pelo golpe inesperado e pela repressão que se seguiu a ele, viveu uma paralisia no imediato pós-64. O partido levou um ano para se reorganizar em diversas cidades, bem como realizar uma reunião de sua direção. Já em 1965 surgiram diferenças acerca da interpretação do golpe, bem como das maneiras de enfrentá-lo. A maioria da direção e parte da militância (que ficaram conhecidos como “moderados”) defendia que em 1964 o partido havia pecado por “golpismo” e radicalismo exagerado, contribuindo com o isolamento das forças populares e os golpistas. Para o combate à ditadura, propunham o caminho das amplas alianças (incluindo setores da burguesia nacional e integrantes da base governista descontente), o caminho progressivo e de aproveitamento dos meios legais. Já as correntes que ficaram conhecidas como “revolucionárias” (alguns dirigentes nacionais e um setor considerável da militância) afirmava, pelo contrário, que o partido havia tido uma atuação excessivamente moderada no pré-64, se atirando aos acordos de cúpula com João Goulart e à aliança com a burguesia nacional. Defendiam a *derrubada* da ditadura, pelo caminho armado, através de experiências de guerrilha.

A disputa se resolveu em 1967 com a realização do VI Congresso, no qual o grupo “revolucionário” (para além das manobras dos “moderados”) realmente se mostrou minoritário, e teve seus membros afastados ou expulsos – uma verdadeira sangria de militantes se deu no partido, principalmente entre 1967 e 1968. Os integrantes dessa corrente se dividiram em diversas organizações, de acordo com suas diferentes concepções da luta guerrilheira. Fossem quais fossem as opções (guerrilha rural ou urbana, revolução nacional-libertadora ou socialista, etc.), todas seriam massacradas pela ditadura até os primeiros anos da década de 1970. Enquanto isso, o PCB seguiria adiante com dificuldades, participando com certa relevância das mobilizações estudantis e operárias de 1968. Com o AI-5, a repressão ao partido e sua

clandestinidade se acirraram, e sua atividade a partir daí se viu muito dificultada, dando-se em parte através do MDB, do qual os militantes pecebistas eram orientados a participar – e com o qual contribuíram nas vitórias eleitorais de 1974 e 1978, inclusive elegendo deputados comunistas por aquela legenda.

Tal política (enfrentamento pacífico e utilizando-se sempre que possível dos espaços legais, visando uma aliança intraclassista para *derrotar* progressivamente a ditadura) de um modo geral se manteve ao longo de toda a ditadura, porém seu percurso não foi tão linear. Sabe-se que essa linha política foi aprovada com grandes dificuldades em 1967 (à custa de uma grande perda de contingentes na agremiação) e que permaneceu sendo questionada por alguns – até ser abertamente atacada mais tarde por Luiz Carlos Prestes e seu grupo, que a partir de 1975 disputariam o poder na direção do partido, defendendo propostas de enfrentamento mais violento com a ditadura e desvalorização da democracia formal. Com tal pluralidade de posições no partido, sua linha política oficial se manteve intocada em sua essência, mas sofreu certas inflexões ao longo do tempo. Para o sociólogo Luiz Werneck Vianna, por exemplo, a “Resolução” elaborada pelo CC do PCB em 1973, que caracterizou o regime como “fascista” por motivos políticos (uma novidade nas análises pecebistas, em geral economicistas), assumindo que havia um tipo de “nacionalismo burguês antipopular e associado ao nacionalismo”⁹, teria favorecido uma melhor compreensão da questão democrática em detrimento da nacional. Já a “Resolução” de 1975 seria praticamente um rompimento com o VI Congresso, na medida em que caracterizava o regime como expressão dos monopólios internacionais, devendo ser *derrubado* por uma “frente patriótica e nacionalista”. Nesse documento (uma possível reação à violência da repressão contra o partido em 1975 e o fortalecimento de posições “prestistas”), a luta pela democracia seria somente um meio para a criação das condições para a derrota dos monopólios nacionais e estrangeiros. Finalmente, seriam as declarações de 1977 e 1978 que apresentariam a formulação definitiva da idéia de “frente democrática” para “derrotar” a ditadura. “Deslocado o orientalismo de uma revolução nacional-libertadora, subordina-se o nacional à democracia.”¹⁰

Os anos 1970 foram especialmente difíceis para o PCB. Se antes o partido sofreu uma verdadeira “sangria” de seus quadros para as organizações da “esquerda armada”, a

⁹ Cf. VIANNA, Luiz Werneck. *Questão nacional e democracia: o Ocidente incompleto do PCB*. Rio de Janeiro: Iuperj, 1988, pág. 37.

¹⁰ *Ibid.*, pág. 41.

partir de 1974 se tornou (desmanteladas aquelas organizações) o alvo preferencial do aparelho repressivo – que parecia temer a atividade do PCB nos meios legais, em especial no MDB e no nascente Movimento pela Anistia. O princípio do complexo processo de Abertura, a partir do governo de Ernesto Geisel, coincide curiosamente com um aumento da perseguição aos pecebistas: “Entre o final de 1974 e o decorrer de 1975 o partido foi fortemente golpeado. Nove membros do Comitê Central foram assassinados pelos órgãos policiais. Uma parte da direção foi para o exterior¹¹ e o jornal oficial *Voz Operária* passou a ser editado fora do Brasil.”¹²

O partido se viu obrigado praticamente a recomeçar. No exterior, seus dirigentes esforçavam-se para manter a unidade, realizar as reuniões de direção e editar o jornal oficial (principal elo de ligação entre a direção exilada e o partido), enquanto no Brasil o partido buscava reorganizar-se em cada estado. O PCB do Rio de Janeiro parece ter sido o único a manter uma continuidade ao longo de todo o período ditatorial, centrada na figura de Geraldo Rodrigues dos Santos – o “Geraldão”. Em São Paulo, por exemplo, após a onda repressiva de 1975, o partido só se reorganizaria efetivamente a partir de 1977. A ligação entre exílio e bases partidárias no Brasil se dava de forma um tanto precária. O partido encontrava-se em 1975 com seus dirigentes exilados ou assassinados; militantes espalhados por diversos países; e sua a maioria permanecendo no Brasil sem contato direto com a direção. No exílio, surgiram as disputas dilacerantes (que estourariam com o retorno dos exilados graças à Anistia de 1979) entre a maioria da direção e os chamados “prestistas”; mais tarde, entraria na disputa um terceiro grupo, os “renovadores”, que defendiam transformações estruturais no partido e uma “radicalização da democracia”, enquanto caminho para o socialismo. A partir de 1975 e pelos anos seguintes, o PCB esteve desarticulado e dividido. Foram os primeiros movimentos da crise que o faria encerrar sua trajetória anos depois.

Bibliografia:

- ARAUJO, Maria Paula Nascimento. *A utopia fragmentada – as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

¹¹ Apenas três membros da direção permaneceram no Brasil em liberdade: Geraldo Rodrigues dos Santos, Antônio Ribeiro Granja e Amaro Valentim. Prestes já havia partido em 1971.

¹² PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e companheiros*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994, pág. 210.

- AROUCA, Sérgio. *O dilema preventivista – contribuição para a compreensão e crítica da Medicina Preventiva*. São Paulo: UNESP; Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2003.
- COUTINHO, Carlos Nelson. *Democracia e socialismo*. São Paulo: Cortez, 1992.
- FERREIRA, Marieta de Moraes et al. (orgs.). *Vozes da oposição*. Rio de Janeiro: Grafline, 2001.
- FICO, Carlos. *Além do golpe*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e companheiros*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- TAVARES, José Antônio Giusti, ROJO, Raúl Enrique (orgs.). *Instituições políticas comparadas dos países do Mercosul*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- VIANNA, Luiz Werneck. *Questão nacional e democracia: o Ocidente incompleto do PCB*. Rio de Janeiro: Iuperj, 1988.

Trajatória de Sérgio Arouca (1967-1975): os caminhos possíveis

Em 1967, no auge das disputas internas no PCB (ver o texto *Gestação do sonho*), Arouca se mudou para Campinas, a convite de Zeferino Vaz, onde se tornou professor do recém-inaugurado Departamento de Medicina Preventiva e Social da Universidade de Campinas (UNICAMP), e mais tarde aluno do Doutorado em Medicina. Anamaria se juntaria a ele, e os dois se casariam em 1968. Mais tarde nasceria o filho do casal, Pedro.

Em Campinas, seguiu sua militância, mas em um contexto cada vez mais opressor, que reduzia progressivamente as brechas de atuação (em especial após o AI-5). Não há muitas informações sobre as atividades estritamente partidárias de Arouca nesse momento. Tudo leva a crer que o jovem professor (seguindo a orientação do PCB de atuar nas lutas legais e manter o partido funcionando) se dedicou a atividades mais discretas e em sua área profissional (sendo razoável supor que nessas atividades atuasse coletivamente com outros integrantes do PCB, dando a elas até certo ponto um caráter também de *militância partidária*), começando a materializar o sonho gestado nos anos anteriores – através da síntese da Medicina com a transformação social. Nos anos de atividade na UNICAMP, os questionamentos e interesses de Arouca o fariam se aproximar cada vez mais do campo das Ciências Sociais, mantendo fortes relações com o Departamento de Ciências Sociais da universidade – do qual chegou a se tornar mestrando em Sociologia. Essa ligação se refletiria no conteúdo de sua Tese de Doutorado, como veremos adiante.

Arouca participou nesse período de um projeto de Medicina Comunitária ligado ao seu Laboratório de Estudos em Medicina Comunitária (LEMC): o Pró-assistência UNI. Há informações de que este projeto teria servido como uma das referências para a implantação do Sistema Único de Saúde (SUS) no final dos anos 1980 – seria uma espécie de “embrião do SUS”¹³. O seguinte depoimento descreve em linhas gerais como esse projeto se desenvolveu:

Nós tivemos aqui duas linhas de trabalhos práticos (...) que nós chamávamos BJO, que era o bairro do Jardim das Oliveiras. Que foi um trabalho de visita de levantamento sócio-econômico das famílias, de relação também com associação de

¹³ Cf. “Depoimento de José Aristodemo Pinotti”, São Paulo, 29/04/2005, pág. 44.

*amigos do bairro, com as escolas, que tanto incluía atenção médica quanto um trabalho mais amplo do estilo, vamos dizer, da chamada participação comunitária daquele momento. (...) era um trabalho feito assim que a gente levava nos próprios carros, era uma coisa assim muito precária, né? Então, chegou no momento que foi montar o projeto com maior magnitude já na instância de prefeituras municipais, né? Então foi quando se iniciou o trabalho de Paulínia que naquele momento tinha uma relação grande do Departamento com Paulínia. E eu quero lembrar o papel do Arouca nisso que foi pensar também, ajudar a pensar. Que papel teria toda essa equipe? (...) E as interrogações eram: como instituir um novo modelo de atenção à saúde no Brasil?*¹⁴

Sérgio intercalava as atividades em Campinas com cursos de especialização em São Paulo: *“eles vieram para São Paulo naqueles anos fazer cursos de especialização, o Arouca, a Anamaria... o Arouca veio pra São Paulo para a Faculdade de Saúde Pública, tiveram um convívio também com o Dr. Walter Lezer, que na época era um secretário de Saúde importante, com uma visão que vinha da preventiva. E o David Capistrano...”*¹⁵.

Um momento importante na trajetória de Arouca naquele período foi sua entrada na Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), ligada à Organização Mundial da Saúde (OMS). A OPAS tinha (e tem) o objetivo de integrar as atividades de saúde dos países do continente. Nesse contexto, passou a investigar o ensino dos aspectos preventivos e sociais da Medicina na América Latina. Logo, se expandiu até analisar de maneira geral o processo de formação de médicos e sua ligação com a prática médica e a estrutura social – questionamentos que marcaram a produção acadêmica e sanitária posterior de Arouca. Na entidade, atuou como consultor representando o Brasil no Comitê Assessor de Investigações para a América Latina, atuando em diversos países como México, EUA e Colômbia (1972), e no Peru, Honduras e Costa Rica (1973). Nesse período de atuação na OPAS, aprofundou sua relação com uma personagem importante em sua vida, o argentino Juan Cesar Garcia, dirigente marcante da entidade e estudioso da influência das relações socio-econômicas na Medicina. Garcia teve nesse

¹⁴ “Depoimento de Ana Maria Canesci”, Campinas, 29/04/2005, págs. 66.

¹⁵ “Depoimento de Marília Bernardes Marques”, reunião na casa de Anamaria Tambellini. Conferir *Relatório Sérgio Arouca (1975-1988)*, pág. 64. David Capistrano Filho era um membro do PCB, filho de um importante dirigente do Comitê Central morto pela repressão em 1975. “Davizinho” mais tarde (início dos anos 1980) participaria da dissidência dos “renovadores” paulistas. Iria para o PT, partido pelo qual seria eleito prefeito de Santos.

período uma participação importante no estudo da educação médica na América Latina – e também no desenvolvimento da Medicina Social brasileira:

neste momento nasce a relação com o Garcia, o Garcia veio aqui pela primeira vez pra fazer uma reunião assim em 68, ele vem em Campinas, ele passa no Rio (...). Essa relação se torna uma relação assídua, quer dizer, de trocas com o Garcia; o Garcia nos enviava pacotes de material de literatura porque nós tínhamos dificuldade de adquirir esses livros porque eram considerados subversivos (...). Então, esse (...) é o momento em que essa coisa já está em efervescência, já está andando e que a partir (...) dessas novas idéias formulam um novo projeto que é o projeto (...) que de certa maneira efetuava em várias áreas da saúde, mas tudo preso nessa coisa de mudança do ensino, mudança dos currículos.¹⁶

Junto à atuação na OPAS, também marcaram a trajetória de Arouca os encontros de docentes dos Departamentos de Medicina Preventiva e Social do estado de São Paulo, ocorridos entre o final dos anos 1960 e o princípio dos 1970. Tais encontros levaram Arouca a ter contato com uma gama de problemas e questionamentos do seu campo de uma maneira mais sistemática e complexa, o que sem dúvida alimentou suas reflexões. Configurou-se ali um espaço de debates que explicitou para Arouca os avanços e limites do campo da Medicina Preventiva: *“toda a reflexão crítica que Sérgio fez (...) fazia parte de uma discussão que esse grupo estava levando à frente no contexto do conjunto dos departamentos de Medicina Preventiva do Estado de São Paulo. Lembro das reuniões de Medicina Preventiva; se hoje nós temos grandes congressos, naquele momento eram as pequenas reuniões do grupo da Preventiva aqui do Estado de São Paulo.”¹⁷*

Podemos dizer que tais encontros, junto à sua atuação na OPAS, os projetos de Medicina Comunitária e sua militância política, levaram à Tese de Arouca *O Dilema Preventivista* (1975) – um resultado do acúmulo de suas experiências e questionamentos até então. Nela, Arouca buscou compreender as limitações da Medicina Preventiva, propondo caminhos alternativos. Para isso, lançou mão de argumentos aparentemente antagônicos (mas que, para os seus intuítos, acabaram funcionando). Basicamente, buscou analisar o *discurso* da Medicina Preventiva através da metodologia da

¹⁶ Anamaria Tambellini em “Depoimento de Carmem Lavras”, Campinas, 29/05/2005, pág. 96.

¹⁷ “Depoimento de Ana Maria Canesci”, op. cit., pág. 66.

“arqueologia do saber” desenvolvida por Foucault: “Esse instrumental teórico permitiu que nos afastássemos das sucessões cronológicas, da determinação das influências dos sujeitos, das análises de conteúdo, para a aproximação da estrutura de um fato social em toda a sua especificidade, ou seja, a emergência e constituição do movimento preventivista.”¹⁸ No entanto, para evitar que sua análise fosse algo “solto no ar”, combinou a análise discursiva com o marxismo, mas numa versão “herética” – o marxismo de Althusser, recorrendo pontualmente a Gramsci e, na verdade, quase nada ao próprio Marx. Como afirmou o autor, o “Materialismo Histórico serviu como referência geral para situarmos o discurso, que assim abandonou sua liberdade para articular-se com instâncias de uma formação social.”¹⁹

Arouca defendeu a tese de que a Medicina Preventiva era a primeira tentativa de resposta no campo da Medicina a um contexto de crise mundial no Entreguerras e ao acúmulo de questionamentos e críticas no campo médico. Era, no entanto, uma leitura *liberal e civil*, crítica ao estatismo que começava a surgir como alternativa também naquele campo. Nos EUA, país onde mais se desenvolveu no período (e de onde foi “exportado” para a América Latina após a Segunda Guerra Mundial), teria assumido a caracterização de “movimento ideológico que tinha como projeto a mudança da prática médica através de um profissional médico que fosse imbuído de uma nova atitude formada nas Faculdades de Medicina (...), [uma resposta ao] crescente custo da atenção médica nos Estados Unidos e uma proposta alternativa à intervenção estatal, mantendo a organização liberal da prática médica e o poder médico.”²⁰ Aí estava a insuficiência da Medicina Preventiva, que se mostrava ainda mais problemática no contexto brasileiro. A tese era a afirmação de Arouca da (cada vez mais notada pelos então “militantes” do preventivismo no país) incapacidade do ideário preventivista em resolver os problemas da saúde pública, porque não atacava o cerne da questão (o poder médico e a individualização e financeirização da saúde). Não questionava as estruturas sociais das quais derivavam os problemas do campo médico. Em suma, “o movimento preventivista (...) possui uma baixa densidade política ao não realizar modificações nas relações sociais concretas e uma alta densidade ideológica ao constituir, através do seu discurso, uma construção teórico-ideológica daquelas relações.”²¹ A viabilidade daquele projeto

¹⁸ AROUCA, Sérgio. *O dilema preventivista – contribuição para a compreensão e crítica da Medicina Preventiva*. São Paulo: UNESP; Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2003, pág. 249.

¹⁹ Id.

²⁰ Ibid., pág. 250.

²¹ Ibid., pág. 252.

no interior do modo capitalista de produção tendia a zero, e deveriam ser propostas alternativas a ele, que passavam pelo questionamento das estruturas sociais desiguais e pela superação do preventivismo – útil até certo ponto (especialmente pelo seu papel na configuração de um campo crítico no interior da Medicina), mas insuficiente. Arouca pelos anos seguintes caminharía em direção à “saúde coletiva” e pública e à luta pela democratização da Medicina (com “pitadas” de estatização).

Uma Tese com tal conteúdo só poderia desagradar os setores mais conservadores da UNICAMP, representados pelo Reitor Zeferino Vaz. Há relatos de que ele dificultou ao máximo (certamente com a colaboração de outros membros da instituição) as atividades de Arouca na universidade e especialmente a defesa de sua Tese. Na verdade, parece que Zeferino fez saber a Sérgio que ele não defenderia sua Tese enquanto não encontrasse outra instituição para trabalhar: uma espécie de “demissão branca”. Mas por que a situação teria chegado a esse ponto? Há diferentes versões desse processo. Numa delas, a Fundação Kelloggs (que financiava o projeto em Paulínia) assume um peso importante:

Tinha havido uma reação da própria Fundação Kelloggs... havia um projeto da Kelloggs que depois alguns elementos americanos descobriram que o apoio da fundação estava sendo usado para pregar uma espécie de revolução dentro da própria academia. (...) nós fazíamos trabalho num bairro Jardim das Oliveiras e depois na cidade de Paulínia. Era um projeto que era financiado pela Kelloggs em cima dessa proposta, porque eles acreditavam que a gente estaria desenvolvendo a proposta americana da Medicina Preventiva, só que o projeto ia além daquilo e ele dava às populações poder decisório em relação aos serviços e a participação na pesquisa inclusive, através dos alunos do curso primário e secundário e no qual a gente discutia a situação brasileira também.²²

Já em outra versão, a entrada de Arouca e Anamaria no Mestrado de Sociologia da UNICAMP como alunos teria sido um fator considerável de insatisfação para Zeferino Vaz:

²² Guilherme Rodrigues, “Depoimento de Guilherme Rodrigues e José Rubem”, São Paulo, 28/04/2005, pág. 31.

Arouca e eu fazíamos Mestrado no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Mestrado em Sociologia e nesse Mestrado de Sociologia em que era discutido Marx, era discutido Gramsci, era um Mestrado muito avançado teoricamente e nós discutíamos, ou seja, aquilo pra nós era uma maravilha porque nós fomos pra lá... Eu fazia inclusive cursos na Graduação, de Sociologia e Filosofia, porque nós queríamos aprender, porque nós estávamos convencidos que a questão de saúde não se esgotava dentro da área chamada de saúde, ou seja, na Medicina, no serviço... que ela estava muito além. Então na verdade quando nós começamos a trabalhar... nesse curso nós viramos alunos e como alunos nós começamos a participar de movimentações de protestos contra a ditadura, inclusive contra as autoridades da universidade (que era o Zeferino), denunciando problemas (...). Aí o Zeferino achava que nós fomos pro Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, que era o “dodói” dele, pra fazer política, pra subverter a ordem²³

Na verdade, para além do conteúdo da Tese de Arouca ou de sua atuação no projeto de Medicina Comunitária, parece ter contado muito a questão da disputa de poder no interior da universidade. Arouca estaria fazendo oposição mais aberta naquele momento à administração de Zeferino Vaz (ou ao menos sua movimentação fazia com que o Reitor acreditasse nisso). Uma pista nesse sentido nos é dada pelo seguinte depoimento de Ana Maria Canesci, colega de Arouca naquele período que narra, segundo ela, a versão *a posteriori* do próprio Arouca acerca daquele episódio (que ele teria dado numa Conferência na UNICAMP nos anos 1990):

eu ouvi a versão do Arouca sobre essa história, até então não tinha ouvido porque eu vivi e vivia a história como parte dos agentes que estavam sendo naquele momento comprimidos aí pelo próprio Zeferino Vaz e tudo mais. Então, tinha atrás disso tudo, e isso o próprio Arouca colocava, a militância dele no PCB, isso era uma coisa, um partido clandestino naquele momento, não se esqueça disso. (...) se contrariava também outros interesses inclusive no contexto da própria universidade através de alianças que o próprio Sérgio Arouca fez contra o Reitor, e ele mesmo usa essas palavras: “eu perdi para o Zeferino Vaz”. Quer dizer, quando eu ouvi isso (...) eu entendi todo o processo.

²³ Anamaria Tambellini, “Depoimento de Guilherme Rodrigues e José Rubem”, *ibid.*, pág. 31.

Era uma disputa também, na qual ele e outras figuras da universidade estavam envolvidos e que significava oposição muito forte ao Zeferino Vaz.²⁴

Com o clima de incerteza na instituição, e o início das operações repressivas de 1975 contra o PCB (ver *PCB: 1964-75*), Anamaria e Arouca acabariam optando pela mudança para o Rio de Janeiro. No início da onda de prisões e “desaparecimentos” de membros do PCB, Arouca encontrava-se em Brasília a trabalho. Anamaria, informada da possibilidade da prisão, fugiu às pressas com seu filho, instalando-se na casa de um aluno e entregando o filho aos cuidados de sua irmã – tudo isso sem poder contatar Arouca de imediato:

nós já estávamos no processo de cassação, digamos assim, porque a gente não podia dar aula, não podia fazer reuniões, nós atendíamos a pacientes, até que chegou no ponto em que eu pedi uma licença, uma licença prêmio que eu tinha e o Arouca foi pra Brasília, nós já estávamos procurando lugar pra ir, porque já sabíamos que tinha que sair daqui, quando aconteceu a morte do Herzog. Quando aconteceu a morte do Herzog, o Tadeu tava sozinho com o Pedro em casa, o Arouca tava em Brasília nessa peregrinação dele e o que aconteceu foi que o Davizinho tinha uma série de nomes em que, ele sendo preso, essas pessoas deviam ser avisadas (...). A Rosa tinha esses nomes. (...) ela saiu avisando as pessoas que era o Zé Eduardo, era pra avisar a mim, tinha 4 pessoas ou 5 que era pra avisar. Quando o Zé Eduardo chegou na minha casa, tava eu e Pedro lá sozinho, o Pedro tinha 4 anos de idade, tava dormindo e eu tava lendo. Quando o Zé Eduardo chegou, ele já chegou com a família, com o carro todo preparado, ele já tava saindo. Bateram na porta... (...) Aí eu abri a porta, aí eu ouvi a voz do Zé Eduardo e da Maria Lucia, falar: “Ana, Ana, abre aqui, por favor, professora, abre aqui, é urgente”. Aí eu falei: “Pronto, prenderam alguém”. Aí, abri a porta, ele falou: “ah, é com você. O Davizinho foi preso e ele pediu pra avisar que era pra vir aqui dizer a você, que você tava sozinha, que era pra que você saísse da sua casa”. Eu disse: “amanhã”. “Amanhã, não, agora, e nós vamos esperar você sair, não é pra ficar nenhum minuto aqui, é pra sair agora”. Aí peguei o Pedro dormindo, botei no carro, não tive, o Arouca não sabia onde a gente tava. (...) E o Arouca nesse tempo todo não sabia, não tinha idéia do que tava acontecendo. Sabia que eu não tava mais

²⁴ “Depoimento de Ana Maria Canesci”, op. cit., pág. 72.

*em casa (...) falaram pra ele não voltar, que era pra ficar lá, e que nós estávamos protegidos e que eu e Pedro estávamos em segurança. Então, era um clima de terror, ninguém tinha coragem de falar nada.*²⁵

Mais tarde, contatos refeitos, Arouca iria reencontrar sua família e acabaria tendo que confirmar sua saída de Campinas e ida para o Rio de Janeiro²⁶. Voltaria a Campinas no ano seguinte apenas para defender finalmente sua tese: “O ano, 1976. Local: o auditório Paulistão, na Santa Casa de Campinas, onde a Faculdade de Ciências Médicas havia se instalado desde 1965. O motivo da agitação, em um auditório lotado, era assistir à defesa de tese de Sérgio Arouca, entregue à comissão há um ano, e que, finalmente, seria apresentada, mesmo com a ausência do seu orientador [Miguel Inácio Tobar, que faltou à defesa]”²⁷.

Tese defendida (com a obtenção do grau “distinção com louvor”), Arouca retornou para o Rio de Janeiro, onde já estava instalado com Anamaria e seu filho. Mas não somente eles: vários integrantes de seu “grupo” seguiram para lá, em busca de maior espaço para a atuação política e profissional – Arouca mantinha assim a marca de *atuação coletiva* e de *agregação* que o caracterizou por toda a vida. Mas por que teriam optado pelo Rio de Janeiro (havia a alternativa, por exemplo, de irem para Brasília, onde tinham contatos com diversos colegas que haviam ingressado recentemente no Ministério da Saúde)?

Por que o Rio de Janeiro? Acho que tem duas coisas que são decisivas nesse contexto. Uma delas foi claramente a ação de uma figura que tem que estar na raiz (...) que é Juan Cesar Garcia. Bem, naquela época, o Juan estava muito ligado a essa questão da saúde brasileira e no Rio de Janeiro, quer dizer, embora o Juan Cesar tenha viajado a São Paulo, ele acabou decidindo que o Rio de Janeiro era o alvo e aí tinha o Instituto de Medicina Social [da UERJ] e a Escola Nacional de Saúde Pública [da FIOCRUZ] e durante muitos e muitos anos foram os dois principais pólos de Saúde Coletiva. Por outro lado, tinha também o “pólo modernizador da potência regional” do General Geisel (...) na FINEP e que foi absolutamente essencial para essas coisas. Por que

²⁵ Anamaria Tambellini, “Depoimento de Gastão Wagner de Souza Campos”, Campinas, 29/04/2005, págs. 89-90.

²⁶ Cf. depoimento de Anamaria Tambellini na entrevista coletiva de Ribeirão Preto, no *Relatório Sérgio Arouca em Ribeirão Preto (1941-1967)*, págs. 39-40.

²⁷ Everardo Duarte Nunes. “Por uma arqueologia da medicina preventiva”. In: AROUCA, Sérgio. *O dilema preventivista*, op. cit., pág. 103.

*então o Rio de Janeiro? Porque o Rio de Janeiro era claramente o pólo irradiador do novo pensamento sanitário brasileiro.*²⁸

Nessa nova fase de sua vida, Arouca se firmaria definitivamente como uma espécie de “representante/porta-voz/líder” de um grupo cada vez maior que se configurava em torno da defesa e divulgação da Saúde Coletiva. Era um papel que Arouca já havia começado a assumir pela sua atuação em seu Departamento, nos encontros de Medicina Preventiva e Social e na OPAS – e finalmente pela importância que sua tese foi assumindo em seu campo, sendo na verdade uma proposta de superação de suas limitações: *“o trabalho foi fundamental, foi muito importante. Levou muito tempo pra ser publicado, mas apesar disso ele foi lido, ele foi amplamente lido. Era muito comum que todos aqueles que estavam interessados em trabalhar nessa área tivessem guardado em algum momento um exemplar ensebado da Tese que se reproduzia e transmitia.”*²⁹

Nos anos seguintes, Arouca consolidaria sua liderança naquela área, e mais tarde (com a redemocratização) se projetaria como uma personalidade nacional.

²⁸ Reinaldo Guimarães, reunião na casa de Anamaria Tambellini, conferir *Relatório Sérgio Arouca (1976-1988)*, pág. 44.

²⁹ Guilherme Rodrigues, “Depoimento de Guilherme Rodrigues e José Rubem”, op. cit., pág. 28.

***Entrevistas realizadas em São Paulo e Campinas
entre 28 e 30 de abril de 2005***

A seguir apresentamos os perfis dos entrevistados entre os dias 28 e 30 de abril de 2005 em São Paulo e Campinas (SP), e a seguir as transcrições das referidas entrevistas.

Perfis dos entrevistados

Guilherme Rodrigues da Silva

Professor da USP, fez parte da banca de doutorado de Arouca, assumindo a orientação da tese.

José Rubem

Aluno de Arouca, presidente do CEBES, militante do PCB até 1980.

José Aristodemo Pinotti

Colega na Faculdade de Medicina, professor da Unicamp, reitor da Unicamp, participou da banca de doutorado de Arouca, e foi mais tarde colega na Câmara dos Deputados.

Maria Dutilh Novaes

Aluna de Arouca, atualmente é professora do Departamento de Medicina Preventiva da USP.

Ana Maria Canesci

Professora do Departamento de Medicina Preventiva e Social da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp. Foi colega de Arouca no Departamento.

Gastão Wagner de Sousa Campos

Professor da Faculdade de Medicina Preventiva e Social da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp. Foi colega de Arouca no Departamento.

Carmem Lavras

Aluna de Arouca, pró-reitora de Extensão da PUC/Campinas.

Everardo Duarte Nunes

Professor de Medicina Preventiva e Social da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp. Foi colega de Arouca no Departamento.

***Depoimento de Guilherme Rodrigues e José Rubens
(São Paulo - 28.04.2005)***

E: Na verdade quando a gente fala do Sérgio Arouca a gente está falando também de um grupo, está falando de um movimento, está falando de um período, de uma geração. Então, embora o foco do trabalho seja a trajetória do Sérgio Arouca, na verdade a gente está pensando isso coletivamente, é um movimento coletivo... então eu acho que a gente vai conversando. Então o senhor não se acanhe de falar de sua própria trajetória, entendeu? Não é apenas de falar da sua relação com o Sérgio Arouca, mas dessa sua trajetória que em um determinado momento se liga à trajetória do Sérgio Arouca e produz vários sentidos, vários significados para o senhor, pra ele, para o movimento. Então é a gente estar mesclando essas duas vidas, vamos dizer assim. Então eu acho que a gente podia começar. A gente pede... a Ana está falando que vai provocar um pouco o senhor, mas a gente pede assim que o senhor fale o seu nome completo e as credenciais mais por conta da identificação da fita...

E: E pra explicar que isso é um vídeo, uma gravação relativamente longa agora e que vai ser editada. Então, não precisa ter muita formalidade, o senhor pode ficar bem à vontade, vão ter partes que vão ser tiradas. Então não há problema de erro, de risos, de interrupção...

E: Ah é, isso aqui é uma documentação que a gente depois vai cortar, vai limpar, não é um programa ao vivo...

[silêncio, preparação do equipamento de gravação]

E: Então Dr. Guilherme, o senhor podia começar se apresentando...

G: Eu sou Guilherme Rodrigues da Silva, sou professor emérito... esse título pomposo foi concedido recentemente e eu estou começando a aprender a usá-lo. Sou professor aposentando compulsoriamente em 1998 pela Faculdade de Medicina. Eu tive várias funções no Departamento de Medicina Preventiva, fui superintendente do Hospital das Clínicas de São Paulo. Tive a honra de conhecer Sérgio Arouca na primeira metade dos anos 60. Eu diria que o conheci nas origens do Movimento Sanitário, movimento que se inicia na Academia, nas discussões de teóricos sobre saúde e sociedade e que ele foi um participante (...). Nossas reuniões do Departamento de Medicina Preventiva aqui em São Paulo capital ou em Campinas... o Departamento que eu tive lá em Campinas, eram muito frequentes e foi o que deu origem a discussões amplas e que gerou todo um processo de produção do conhecimento teórico na área de saúde e sociedade. Uma pessoa muito importante que teve participação muito cedo, em um intercâmbio muito grande com o Sérgio Arouca foi a Maria Cecília Donangelo, que nós perdemos precocemente em lamentável acidente de carro em que perderam a vida, ela, a mãe e o esposo. Eles realmente começaram a construir através das publicações iniciais... porque Arouca veio publicar muito tempo depois a tese dele que é um marco nessa discussão da teoria de saúde e sociedade. A Cecília publicou vários livros na primeira metade da década de 60 e isto inspirou uma discussão de nível nacional e fora do país, em vários países latino-americanos que deram realmente base ao que nós chamamos hoje “Teoria da Saúde e Sociedade”, da relação de saúde e sociedade. Eu conheci Arouca então

nessas reuniões que a gente fazia no Departamento (...) No início era o Departamento em Campinas e o nosso aqui em São Paulo { }

E: E nessa ocasião a Ana Maria trabalhava junto. Então como é que era o grupo, quem mais participava... Acho que talvez a Ana também pudesse falar um pouco de como ela viveu isso...

A: Esse grupo era basicamente um grupo que se conhecia além da atividade acadêmica, tinha uma relação muito grande de amizade, de afeto entre as pessoas. Era uma época onde a gente não tinha muita vergonha de misturar as questões de trabalho, profissionais e as questões políticas com o afeto. Então a gente tinha aquele bando de gente que se gostava e gostava de conversar junto e tinha uma paixão muito grande pelas questões do conhecimento, pela política. Então era um grupo muito interessante e que, não por acaso, trabalhava com a chamada Medicina Preventiva. Então participavam dessa discussão o pessoal do Departamento aqui do Dr. Guilherme, que era professor titular... O Dr. Guilherme pra nós foi um exemplo, eu diria um guru, porque ele foi a pessoa que falando, comungando uma posição bastante avançada e crítica em relação à Medicina Preventiva, além de ter uma competência, principalmente no nível epidemiológico muito grande, fez um concurso pra professor titular aqui em São Paulo e veio competir com os “quatrocentões” e foi um concurso assim que ele não era o favorito, porque ele era uma pessoa da Bahia e tinha uma fama de esquerdeiro. E aí o Dr. Guilherme fez um concurso brilhante que nos encheu todos de orgulho, aquilo foi uma vitória festejadíssima na Medicina Preventiva não só de São Paulo, como também de Campinas, Ribeirão Preto, Botucatu eu acho que também já existia. Então era o pessoal que trabalhava com ele, era um outro baiano chamado Euclides, além da Cecília, tinha o nosso amigo que agora está no Ministério da Saúde, o Moisés; de São Paulo tinha o Ricardo Bruno...

G: Ricardo Lafetat e a esposa...

A: Que é a Maria. A Maria era aluna nossa e depois ela veio pra cá. E depois lá em Campinas tinha Everardo, tinha... o Arouca tinha o Joaquim Cardoso de Melo. E, além disso, a gente tinha alunos muito interessantes. O Zé Rubens era um deles, o Davi Capistrano, o Simão, o Kobielski e a Leo, a esposa dele que hoje é uma Dermatologista que está até no Espírito Santo, é uma batalhadora, trabalhou bastante no Sindicato dos Médicos aqui no Estado de São Paulo. Era um grupo bastante diversificado.

E: Agora, era uma época muito difícil, porque era uma época da Ditadura Militar, então como é que vocês viviam essa época dentro da proposta de trabalho com a Medicina Preventiva, mas a questão política propriamente, como é que isso interferia no trabalho de vocês?

G: Essa soma de esquerda, como ela falou, gerou algumas dificuldades grandes na Medicina e aquela época era muito conservadora. Não pestanejava em indicar seu nome para ser caçado... o Regime Militar. E nós escapamos por pouco. Eu na realidade escapei de cassação política porque eu havia saído da Bahia durante o movimento, logo depois do movimento militar e vim pra São Paulo. Aqui eu não tinha muito estranhamento, nem lá em Salvador na Bahia, nem aqui em São Paulo. Aí eu passei por isso, passei em branco por isso, mas vários companheiros foram presos e passaram por dificuldades para lidar com esse monte de coisas. Por outro lado gerou uma reação

contra a ditadura militar, com apoio, sobretudo do movimento estudantil que era bastante forte na época e a sociedade civil começa também a se organizar e a tomar posição contra e isso deu margem a alguma coisa que depois veio se consolidar com o nome de “Movimento Sanitário” no Brasil, isso já durante a década de 70. Mas esse foi o momento que eu conheci Sérgio Arouca. Eu conheci através dessas reuniões aqui, tive oportunidade de participar com ele de vários eventos, inclusive da tese dele { }

E: Eu queria entender mais... quer dizer, eu acho que como a gente está fazendo um trabalho também pra gente que não conhece nada sobre esse assunto, eu acho que a gente pensa em mostrar pros jovens, pessoas que nunca ouviram falar de nada disso. Então eu queria que vocês explicassem um pouco quais eram as principais teses nesse momento. Quer dizer, quando o Arouca faz a tese “O Dilema Preventivista”, ele está se contrapondo ao quê? Então existia uma tese de Medicina Preventiva que era de certa vertente americana, de uma determinada linha e ele vai trazer uma reflexão, um questionamento com relação a essa vertente. O que ele está propondo de novo, qual é a transformação que ele está querendo imprimir, eu queria entender um pouco essas teses que estão na época.

G: O trabalho dele é muito importante porque ele desnuda o chamado movimento preventivista que aparece nos Estados Unidos, que os americanos desconfiam da possibilidade de estar ocorrendo uma tentativa de intervenção do Estado na área de prevenção médica, esse é o ponto de partida de uma problemática que faz a proposta de uma organização dentro da academia, das escolas médicas americanas de uma reação, de uma leitura liberal de um novo projeto, de um projeto liberal de Medicina Preventiva que vai se calcar numa medicina integral assim chamada e que vai... mas sempre uma leitura civil como o Sérgio coloca. Uma leitura que realmente põe de lado o Estado, o Estado não deve intervir, apenas a profissão médica, a medicina é que deve se organizar, mobilizar a comunidade e todas as agências na área de saúde em prol de uma mudança, de uma mudança que consiste inclusive em ver de uma forma diferente as ações médicas e até a problemática de saúde como um todo. Cria-se um paradigma que é a história natural da doença, aliás, um paradigma muito interessante e até hoje realmente vale, proposto pelos educadores americanos da Universidade de (...), do Dr. Hill Never (?), que foi um grande consultor do governo americano durante o período de guerra. Então Hill propõe que a Medicina se transforme através de um movimento interno como se isso fosse possível. Arouca diz que isso é impossível sem alterar a estrutura, realmente a estrutura da organização da Medicina dentro da sociedade específica. Então o trabalho foi fundamental, foi muito importante. Levou muito tempo pra ser publicado, mas apesar disso ele foi lido, ele foi amplamente lido. Era muito comum que todos aqueles que estavam interessados em trabalhar nessa área tivessem guardado em algum momento um exemplar enebado da tese que se reproduzia e transmitia. Eu mesmo quando fui convidado pra escrever o prefácio da tese, eu não tinha, meu exemplar tinha sumido e eu fui encontrar com a Maria Novaes { }.

A: Dutilh.

G: Ela vai ser entrevistada amanhã e pode dar esse depoimento. Um exemplar que ela tinha guardado... eu usei e depois eu devolvi pra ela como se fosse alguma coisa assim muito importante, uma peça importante para ser guardada. Então esse momento foi um momento realmente importante, muito interessante, muito rico, foi um momento em que se produziu muito em termos dessa teoria sobre saúde e sociedade.

A: Dr. Guilherme, completa um pouquinho essa noção porque a tese do Arouca não fica muito clara se a gente não tiver em mente o trabalho pioneiro da Cecília Donangelo que é... que teoricamente está colocado a partir de uma outra raiz e que eu acho que completa muito o trabalho pra que o pessoal possa entender essa questão.

G: A Cecília publicou dois trabalhos com o Luiz Pereira: “Ciência e Sociedade” e “Saúde e Sociedade”, nos quais ela desenvolve exatamente as condições críticas da saúde de um modo geral, dos serviços de saúde, agência médica, mostrando que eles realmente emanam da própria estrutura social, onde você pode ter elementos dessas várias instâncias da estrutura social. Esse trabalho teórico muito importante foi o trabalho que deu a base e foi muito citado por todos que trabalharam sobre esse tipo de problemática. O trabalho de Arouca, embora não publicado, foi também importante porque ele era incorporado nesse tipo de discussão.

E: Agora eu acho que é importante... eu estava conversando um pouco com a Ana e ela estava me falando um pouco do clima da época, porque hoje quando a gente fala... eu sou professora universitária, então quando a gente fala pros jovens hoje, eles não tem noção do que era produzir uma tese crítica, uma reflexão crítica em um momento em que estava vedada essa possibilidade de pensar, né? Nesse momento da ditadura você não podia exercitar o pensamento. Então eu sei que o Arouca estava no Departamento de Medicina Preventiva na Universidade onde Zeferino Vaz era o Reitor, não é isso? E havia toda uma questão política envolvida com relação a essa participação crítica dele, do movimento, de outras pessoas. Então como é que isso se dá... Porque eu sei que ele passou um tempo até defender a tese, e não queriam que defendesse a tese. Não sei, talvez até a Ana pudesse falar um pouco disso também.

A: Não, o Dr. Guilherme sabe, ele foi figura ativa, pró-ativa importantíssima nesse acontecimento.

G: O que ocorre na realidade é o seguinte, você teve essa época de chumbo, mas no meio da década de 70 surge dentro do governo militar alguém com uma visão de apoio... Reis Veloso, Reis Veloso foi importante porque ele abriu esse passo, começou realmente a permitir o financiamento de projetos, de vários projetos que vieram da ENSP, depois com o Arouca e o grupo e que foram muito ricos em teses... chamado de PESES/PEPPE. Esses projetos foram financiados em uma fase que era uma fase muito difícil, mas o Reis Veloso tinha uma visão de que você devia permitir a discussão, abrir uma discussão para a oposição. Ele já tinha uma visão que o Regime Militar tinha que ter uma abertura... ele teve uma visão precoce disso { }

E: Isso já no Governo Geisel?

G: Do Costa e Silva. Reis Veloso já era do Costa e Silva. Interessante porque o governo Costa e Silva era difícil. Mas mesmo antes disso aqui era possível publicar e sair, divulgar, fazer reuniões, seminários, não se trancava totalmente essa possibilidade. Essa vantagem da academia, a academia era uma espécie inócua, aquilo não traria perigo nenhum para o regime, eu acho que esse era o raciocínio. E isso permitia realmente que se divulgassem as idéias e que se fizesse realmente os contatos. E essa mobilização que vai terminar bem depois já, se coroar na reforma sanitária já no final da década de 70 e início dos anos 80 é muito interessante, porque ela começa nesse período, começa na

academia e com essa discussão teórica e com elementos dessa discussão teórica que servem de base para todos aqueles que estavam discursando mais no plano de ação política, na área de saúde. Isso porque se embasou toda a discussão nesse período desses trabalhos. E Sérgio e outros foram fundamentais na preparação desse material teórico.

E: Agora, Dr. Guilherme, só pra entender um pouco o fenômeno brasileiro. A impressão que eu tenho é que em muitas oportunidades você tem até teses e projetos interessantes de concepções, teóricos, mas você não tem exatamente a ação. E aqui no Brasil a impressão que eu tenho é que existiu uma latência já colocada e que, por exemplo, quando no campo da saúde você tem essa possibilidade de ter essa função teórica-acadêmica. Você tem a construção de diversas manifestações extremamente fortes e importantes que foram propiciadoras de toda essa movimentação que culmina na VIII Conferência, depois a construção do Sistema Único de Saúde e tal. Hoje a gente tem aqui no Brasil um dos encontros científicos e políticos mais importantes da América Latina que são os congressos da ABRASCO, particularmente o chamado “Abrascão”, mas sem ficar atrás de maneira nenhuma, o próprio Congresso da Epidemiologia, ou seja, existe uma massa crítica impressionante no Brasil, são milhares de pessoas buscando aprimorar, ou entender, ou contribuir nesse campo. A que no seu entendimento a isso se atribui? Existe alguma coisa que consegue dar uma explicação a isso ou é um acaso...

G: Seguramente não é o acaso. Realmente na origem de tudo isso está também o movimento sanitário... que era um movimento ao mesmo tempo de resistência dentro da academia e de produção de propostas. Antes de passar essa fase eu gostaria de acentuar a dificuldade em Campinas. Eu fui testemunha disso e no momento em que a crise culminou num momento sem saída eu fui falar com o Reitor Zeferino Vaz e Zeferino disse que era impossível, tinha chegado a um ponto que não tinha condições, tinha perdido o controle da situação. Tinha havido uma reação da própria Fundação Kelloggs... havia um projeto da Kelloggs que depois alguns elementos americanos descobriram que o apoio da fundação estava sendo usado para pregar uma espécie de revolução dentro da própria academia.

E: Quer dizer, o Departamento de Medicina Preventiva tinha o apoio da Fundação Kelloggs pros seus projetos, um convênio. O Sérgio Arouca, Ana Maria faziam parte desse grupo...

{ }

A: Todo o Departamento fazia parte.

E: ... e estavam fazendo teses que eram contrárias ... { }

A: Não, não estavam fazendo teses, era um projeto de Medicina Preventiva e que entrava uma coisa de saúde comunitária, entre aspas, nós fazíamos trabalho num bairro Jardim das Oliveiras e depois na Cidade de Paulínia. Era um projeto que era financiado pela Kelloggs em cima dessa proposta, porque eles acreditavam que a gente estaria desenvolvendo a proposta americana da Medicina Preventiva, só que o projeto ia além daquilo e ele dava às populações poder decisório em relação aos serviços e a participação na pesquisa inclusive, através dos alunos do curso primário e secundário e no qual a gente discutia a situação brasileira também.

G: Eles acharam que isso era subversivo.

A: Mas tem um outro lado. Ao lado disso, nesse momento, Arouca e eu fazíamos Mestrado no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Mestrado em Sociologia e nesse Mestrado de Sociologia em que era discutido Marx, era discutido Gramsci, era um Mestrado muito avançado teoricamente e nós discutíamos, ou seja, aquilo pra nós era uma maravilha porque nós fomos pra lá... Eu fazia inclusive cursos na Graduação, de Sociologia e Filosofia, porque nós queríamos aprender porque nós estávamos convencidos que a questão de saúde não se esgotava dentro da área chamada de saúde, ou seja, na Medicina, no serviço... que ela estava muito além. Então na verdade quando nós começamos a trabalhar... nesse curso nós viramos alunos e como alunos nós começamos a participar de movimentações de protestos contra a ditadura, inclusive contra as autoridades da universidade que era o Zeferino, denunciando problemas, etc. e tal. E de certa maneira a gente tinha uma certa liderança. Eu era uma pessoa que eu fico muito no meu canto, mas quando eu pego o pedaço eu entro. Então eu falava muito naquele lugar, representava, assumia propostas etc. e tal, lideranças, então a gente ficou conhecido. Aí o Zeferino achava que nós fomos pro Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, que era o “dodói” dele, pra fazer política, pra subverter a ordem, pra fazer...

G: E é interessante. Ele dava apoio em algumas coisas avançadas às vezes. Eu trazia de fora do país contribuições muito grandes de professores, de cientistas avançados, mas por outro lado ele tinha receio, ele tinha medo de minar o poder dele na universidade. Eu me lembro até hoje bem que eu fui conversar com ele no Instituto de Ciências, ele tinha uma sala lá onde ele recebia as pessoas. Quando ele vinha pra São Paulo ele tinha um espaço lá onde ele recebia as pessoas. E ele começou a puxar os livros assim da estante pra mostrar a bibliografia dele e eu disse: *eu não vim aqui discutir a sua formação acadêmica e nós conhecemos muito bem, sabemos que é sólida. Nós queremos discutir um pouco a problemática da crise política que está havendo lá...* e ele não queria discutir isso e nós ficamos frustrados por não termos conseguido evitar toda a saída do grupo que praticamente foi expulso de Campinas para o Rio de Janeiro. Aliás, foi uma grande vantagem, porque o Rio foi um ambiente adequado para o desenvolvimento do movimento. Eu já mencionei essa... o apoio do próprio governo se conseguiu mostrar... isso permitiu na época um desenvolvimento muito grande no Rio de Janeiro de trabalho na ENSP...

E: A ida de pessoas como Anamaria e Sérgio Arouca para o Rio de Janeiro, né? Agora, antes disso, Dr. Guilherme, parece que essa defesa de tese do Arouca foi um certo mito, porque ele ficou um tempo com a tese pronta e o Zeferino não queria que ela fosse defendida e quando ela conseguiu ser defendida o orientador não apareceu, o senhor que estava no lugar, não é? Eu queria que o senhor contasse um pouco essa história porque parece que o auditório ficou cheio, então foi um certo ícone do movimento da época.

G: O orientador simplesmente ficou com medo, ficou impressionado pela pressão e ele realmente saiu. Agora jamais fui orientador de coisa nenhuma...

A: Era o Miguel Inácio Tobar...

E: Ah, era o Tobar...

A: Era o chefe do Departamento. O Arouca chefiava uma área do Departamento, mas o chefe do Departamento era o doutor Miguel.

G: Era o Dr. Miguel Inácio Tobar. Eu sempre vivia meio atravessado com ele. Ele pegou uma biografia minha sobre movimentos (...) que eu tinha trazido dos Estados Unidos no Mestrado. E ele tomou emprestado isso e jamais devolveu, até hoje. E eu vivia brigando com ele por causa disso. E também tinha restrições a suposições dele. Mas a tese teve que ser defendida à revelia do então orientador. Nós demos o apoio que era possível dar. A defesa do Sérgio, como sempre ocorreu com manifestações dele públicas, foi brilhante. Só lamentamos que ele não publicou logo, levou esse tempo todo pra publicar o trabalho.

E: Agora interessante, quer dizer, a fundação Kelloggs que patrocinava e dava apoio pra pesquisa, mas impunha limitações, quer dizer, se pode questionar até certo ponto, pode ir até certo ponto. É isso?

G: Eu tive também financiamento da Kelloggs quando eu ainda trabalhava na Bahia. Eles faziam o seguinte, eles financiavam e não perguntavam o que você estava fazendo. Mas eles tinham esperança que não era algo muito subversivo digamos assim, né? Aí no caso eles acharam que estava muito subversivo.

A: Na verdade eles foram alertados por algumas pessoas que eram colegas de Departamento, inclusive pessoas... um chileno que veio pelo convênio trabalhar... eles foram alertados e o professor Zeferino também... de que estariam ocorrendo subversões em alto estilo, inclusive utilizando-se o dinheiro do projeto e a própria universidade.

G: A fundação, ela é muito liberal, não sei hoje como ela está, mas era muito liberal nessas coisas. Eles não perguntavam, eles queriam que se desenvolvesse o trabalho na esperança sempre...

E: Agora é (...) ter esse tipo de coisa na saúde, Fundação Ford, Fundação Kelloggs e outros... elas tem... até porque tem uma estratégia. E essa coisa da Medicina Preventiva, transição pra Medicina Comunitária...

G: Mas a Kelloggs era mais liberal do que as outras. Eles não davam uma receita, você tem que fazer assim e assado, mas veio no caso uma crise política que começou a ser gerada e envolveu a queda...

A: Na verdade... a Kelloggs disse que pra ela não tinha problema, o problema tinha surgido diante do Brasil e pela universidade e ela não podia fazer nada. Então... porque esse programa morreu, ele desapareceu depois disso, ele sumiu.

G: Naquela época o coordenador era um americano, um sujeito muito liberal, visitava, perguntava se estava fazendo, fazia visita de campo aos projetos, o importante era você submeter relatórios periódicos. Então eles simplesmente foram envolvidos nisso através da política local. Possivelmente Pinotti que vai ser entrevistado amanhã pode responder um pouco esses aspectos.

A: O Pinotti foi um grande defensor nosso daquele tempo.

E: Agora, tem um aspecto que eu acho interessante, quer dizer, vocês estão falando muito dessa noção do subversivo, o subversivo. E eu fico pensando nas entrevistas que a gente já fez sobre o Sérgio Arouca... quer dizer, de algum modo Sérgio Arouca era um subversivo mesmo, quer dizer, no bom sentido da palavra era alguém que incitava fazer pensar, fazer com que as pessoas se transformassem. Ele não se contentava... por exemplo, você está falando de fazer pesquisa ali direitinho e tal... quer dizer, talvez nem Sérgio Arouca e nem essa geração. Quer dizer, a Ana está aí, é uma pessoa que viveu intensamente esse momento, como ela está dizendo, ela ia além, ia lá na comunidade, ela queria a opinião das pessoas e tal, quer dizer, não se contentar de fazer o relatório certinho, a pesquisa... não sei... O senhor concorda com isso em relação ao Sérgio Arouca?

G: Ah! Concordo! Era um indivíduo que estava querendo mudar as coisas, uma revolução. E terminou fazendo da reforma sanitária uma revolução. É o único país que tem essa declaração de direito de constituição na área de saúde... que eu conheço é o único país. Eu tive uma convivência mais próxima com o Sérgio Arouca também quando ele estava na direção da FIOCRUZ no Rio de Janeiro, como substituto... eu fui membro do Conselho Consultor da FIOCRUZ juntamente com pessoas como o Carlos Chagas... Carlos Chagas sempre foi uma pessoa muito importante e muito respeitada e era membro também desse conselho. Havia reunião semanal. Eu tinha naquela época um certo receio de viajar de avião, então eu morria de medo de viajar de São Paulo aqui, mas pra mim era uma satisfação muito grande, porque os temas que estavam sendo discutidos eram muito grandes. Eu tinha participado já de um Conselho Consultor da FIOCRUZ na gestão do “economista”, mas quem dirigia na realidade era o Guillard Martins...

A: Que depois foi o presidente...

G: Depois foi presidente, isso mesmo. O “economista” era o Veloso, ele participava pouco porque ele não era da área de saúde, então transferiram pro Guillard que manejava toda parte... E começou a fazer a reforma do Instituto Oswaldo Cruz. O interessante por mostrar isso é que ele conseguiu trazer de volta ao Instituto Oswaldo Cruz todos os pesquisadores que haviam sido cassados e estavam... e isso foi extremamente importante porque eram nomes de peso internacional com um volume imenso de pesquisas nas várias áreas e ele conseguiu realmente trazer de volta esse pessoal. Sérgio conseguiu realmente consolidar... a gestão dele foi brilhante. E daí foi o laboratório onde se discutiu, se elaborou todo o projeto da reforma sanitária e que o projeto terminou na Emenda, na Constituição de 88.

E: Dr. Guilherme, o senhor tinha ligação com o Partido Comunista?

G: Olhe, eu nunca fui membro do Partido Comunista, eu tinha medo de ser membro do Partido Comunista. Eu sempre fui amigo de pessoas do partido, alguns líderes extremamente importantes e que me convidavam pra entrar no partido e eu sempre saía de lado. Então eu era considerado como uma espécie de aliado do partido comunista, mas nunca fui membro formal do Partido Comunista.

E: Dr. Guilherme, nesse teu convívio com o Arouca... o senhor conheceu ele muito jovem?

G: Foi, exatamente.

E: E o que de mais nele lhe chamou atenção? Pode ser uma coisa boa ou uma coisa ruim...

[]

G: O que me chama atenção é sempre coisa boa porque ele era um indivíduo extremamente brilhante. Ele dominava o ambiente em qualquer discussão que ele participava pela firmeza, o domínio... realmente foi o que mais me chamou atenção desde o começo. E nós todos passamos a admirá-lo muito, daí porque nós começamos a essas reuniões de Campinas... eu estava tentando localizar as atas dessas reuniões... eu devo ter em algum canto as atas dessas reuniões do Departamento. É interessante ver as discussões... é claro que são resumos das discussões que eram feitas na época. Depois isso se ampliou para além do Departamento, para a Santa Casa... { }

A: Botucatu, Ribeirão Preto.

G: E foram ampliando até ter um conjunto de todas as escolas médicas de São Paulo, que tinham departamentos de Medicina Preventiva e participavam... Ele era uma pessoa fantástica, de um convívio muito fácil, muito tolerante com as ignorâncias da gente. Ele tinha, por exemplo, um domínio de Foucault muito grande, e eu sempre tive muita dificuldade de entender Foucault, ler Foucault e saber o que é que ele estava querendo dizer nos seus escritos. E ele às vezes explicava com paciência, um pouco didaticamente cada um daqueles trabalhos importantes. Então ele detinha o domínio completo dos livros da obra de Foucault.

[Pausa para lanche]

Durante o lanche:

E: Mas esse trabalho, Dr. Guilherme, tem a participação da universidade, da UNIRIO, eu sou professora da UNIRIO. A Marta é aluna de graduação em História, então tem uma equipe de alunos da História. Tem o Fabrício que já é mestre, mas são alunos de História. A gente tem uma Pós-graduação em Memória Social, então a gente vem trabalhando com histórias de vida, com memórias, de maneira geral. Então o Guilherme quando pensou na idéia nos convidou para sediar o projeto na Universidade, porque aí é interessante, como eu estava falando... inserir os jovens que não viveram esse período pra eles entenderem também um pouco dessa história recente do Brasil. Porque a gente vê hoje que a universidade está muito despolitizada e os alunos vivem... principalmente na graduação é um esquizofrenia porque eles tem curso disso, curso daquilo, corre pra lá e pra cá e parece que falta às vezes algum projeto mais coletivo, alguma coisa que... Quando eu vejo assim um pouco a Ana falando do que foi a experiência dela na Faculdade de Medicina, em Ribeirão Preto, toda essa trajetória, a gente vê que é uma trajetória toda de um grupo, de uma época... Foi uma época que teve um sentido importante, então, quer dizer, não é todo dia que se tem esse tipo de movimento, essa junção que vai num projeto que vai redundar nessa reforma sanitária, na Constituinte, em tudo isso. Quer dizer, é alguma coisa que foi sendo elaborada e foi crescendo dentro de um coletivo. Eu penso muito que essa garotada está precisando um pouco dessas utopias, desses movimentos.

A: O problema agora na Universidade é que as pessoas têm que publicar, elas não pensam em outra coisa. ()

G: Eu vou te mandar um artigo maravilhoso que saiu na Revista “Teoria e debate”.

A: Você falou que ia mandar e não mandou.

G: Pois é, eu me lembrei agora... do PT essa revista, do PT. É um desmonte a essa idéia do produtivismo político. O autor é filho da Marilena Chauí...

E: Pensei que ela só tivesse uma filha.

G: É um filho, e ele é professor doutor de Ciências Biológicas. Mas olha, um artigo maravilhoso, de arrasar. Eu recebi o artigo porque eu sou assinante da revista, aí eles demoram a colocar isso na disponibilidade eletrônica, aí eu liguei, me identifiquei e pedi pra ele me mandar o arquivo eletrônico e pra fazer uma divulgação na Pós-graduação da secretaria e ele mandou. Pelo menos a Pós-graduação conhece esse artigo.

A: Você sabe que o Mestrado *stricto sensu* da UFRJ de Clínica, ele pra manter o nível da nota da CAPES, ele descredenciou umas cinco linhas de pesquisa porque o nível mínimo pra você poder orientar tese e ser professor permanente, você sabe quantos artigos publicados nível A por ano? Dez. tem que ser dez. Os caras descredenciaram todas as linhas em que os professores não tinham publicação em massa.

[Participação de José Rubens na entrevista]

JR: Meu nome é José Rubens Alcântara Bonfim e eu sou médico sanitaria desde quando eu me formei em dezembro de 1973. Portanto, eu tenho 31 anos dedicados à saúde pública do Brasil e tive a aventura de, quando estudante conhecer Guilherme Montenegro Abath que, foi meu amigo. Hoje nós vamos conversar não apenas sobre ícones como também sobre os realizadores dessa luta na saúde pública que hoje se conhece um sentido muito mais completo que é a saúde coletiva. Na época que eu fui fazer residência no Departamento de Medicina Preventiva e Social da faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, aonde eu conheci Anamaria Tambellini Arouca e Antônio Sérgio da Silva Arouca este conceito de saúde coletiva que ainda estava sendo criado. Aliás, o professor Guilherme Rodrigues da Silva poderia até atestar ou contestar se essa expressão já existia naquela época. Eu não me recordo.

G: Essa expressão começou a ser cunhada realmente ao longo dessas discussões que geraram essa reforma sanitária de meados da década de 70 e que queria fazer uma diferenciação com a saúde pública tradicional, a saúde pública clássica. E ela foi oficialmente cunhada em 1979 quando em uma memorável reunião em Brasília criou-se a ABRASCO.

JR: Então, quando eu entrei no Departamento de Medicina Preventiva e Social na realidade houve uma fortuna de um lado e houve uma necessidade de outro, porque se eu não tivesse sido tão perseguido pela ditadura militar, talvez eu jamais tivesse chegado a São Paulo. Porque eu me referi há pouco que, em meados de 1970, eu conheci Guilherme Montenegro Abath, que foi a moda de Rudolph Virchow, já que estamos falando de pessoas importantes e verdadeiros ícones no sentido mais profundo

da palavra, o ícone maior da saúde pública é Rudolph Virchow que era patologista e Guilherme Montenegro Abath que também era patologista e encaminhou-se para a medicina preventiva de com formação na Inglaterra. Aliás, os autores ingleses, e mais uma vez o Dr. Guilherme pode confirmar, tiveram uma grande influência nos renovadores da saúde pública brasileira a caminho da saúde coletiva. Não quer dizer que os brasileiros copiaram os ingleses, mas, acho que os professores brasileiros reconhecem que os autores ingleses são muito importantes. Vez por outra eu olho os grandes textos da década de 70 e 80 e fico admirado com a visão dos ingleses, realmente eu fico impressionado. Então, o convívio com Guilherme Abath na metade do curso médico, no quarto ano, ou seja, na metade do curso médico, fez com que eu tivesse a certeza de que eu seria um sanitarista. Eu já estava me preparando para isso. Mas no último ano, o impulso para que eu viesse parar em São Paulo foi dado pela ditadura militar porque em setembro de 73, tentaram me seqüestrar. Porque eu tinha ligações, não partidárias, mas ligações de solidariedade, com algumas pessoas. Eu sabia que alguma coisa poderia acontecer comigo quando eu abri, no início de setembro, o jornal e na primeira página tinha uma foto de retratos de fichamento criminal e uma manchete sobre o desbaratamento de aparelho em Itamaracá e eu disse: “Mas que coisa interessante! Eu estou vendo cinco organizações diferentes aqui! Vem coisa feia por aí!”. Porque, para a polícia política, o Exército e o DOPS, eles colocaram no mesmo cesto, várias assassinatos que tinham cometido e plantaram essa notícia nos jornais... Diário de Pernambuco, Jornal do Comércio... de que a repressão estava com muita força. Então eu disse: “Vai sobrar alguma coisa pra mim!”. Poucas horas depois eu soube que vários amigos haviam sido presos e eu... o que é que eu podia fazer?

Eu ia fugir com a formatura já em dezembro? Então, eu continuei a minha vida de sempre. Neste ano de 72, 73, mas antes disso, eu fiz parte da militância clandestina porque eu fiz parte da Ação Popular já na sua fase mais madura, que naturalmente como qualquer grupo político, teve em seu desdobramento aqueles que eram assim digamos de ilustração mais religiosa ficaram a parte e, um grupo maior, passou a se denominar Ação Popular Leninista-Marxista que depois veio a ter ainda outro desdobramento para a Ação Popular Leninista-Marxista do Brasil. É uma coisa impressionante a história das esquerdas no Brasil. Mas esse não é o motivo da nossa conversa, mas ilustra que eu, apesar de não estar mais militando formalmente nessa organização clandestina, eu nunca deixei de ser solidário com militante de organização, seja ela qual fosse. É por isso que, quando eu vi aquela foto, eu disse: “Vai acontecer alguma coisa!”. E, tentaram me seqüestrar no Hospital das Clínicas, no antigo Pedro II. Que hoje está completamente desativado. Mas eu estou contando tudo isso para frisar que graças a Guilherme Montenegro Abath e horas antes à Francisco Trindade, que tentou me tirar do Hospital, a polícia política do exército... DOI-CODI... impediram que eu fugisse. Eu então entrei... me evadi por dentro da favela... porque o entorno do Hospital era dentro de uma favela... e aí eu liguei para o Guilherme Abath e ele conseguiu me colocar num convento de freiras, onde jamais eu seria encontrado. Então eu fiquei como se fosse um parente do caseiro. E lá, durante esse período de três meses eu tinha como companhia uma Bíblia e uns dois bons livros de saúde pública em inglês, por isso que eu falo dos autores ingleses porque eu não me esqueço deles jamais. Foi nesse momento que eu escrevi um texto, que havia sido tanto recomendado para o ingresso no Departamento de Saúde Preventiva quanto... ou seja, tanto para a Universidade de São Paulo, cujo chefe era o Dr. Guilherme... quanto lá em Campinas. Então, fui colar grau, recebi a proteção do grande pesquisador, do grande pesquisador clínico, o Guilherme conhece... ele morreu em 95... Amaury Domingues Coutinho... ele foi um grande médico. Se eu tivesse tempo, eu escreveria uma biografia do Dr. Coutinho pelo valor como

pesquisador e pelas suas atitudes médicas. Fez pesquisas durante muito tempo, mesmo quando ainda não existiam normas de pesquisa no país, e nunca recebeu um se não. Então eu admiro muito o professor Coutinho. Pois ele me garantiu três meses de ausência praticamente e eu fugi de Recife, no dia 8 de dezembro, de ônibus para São Paulo. Aí entrei num mundo novo! Cheguei primeiro no Rio de Janeiro, na casa da minha tia, e depois fui pra São Paulo. Aí cheguei no Departamento de Medicina Preventiva. Fui recebido pelo professor Guilherme. E, não sei, acho que o professor Guilherme tem uns dons... eu acho ele um pouco vidente... porque ele me disse assim: “José Rubens, você deve ir pra Campinas!”. Ao me recordar disso... olha que isso já faz trinta e um anos e meio!... foi, então graças a ele, que eu fui pra Campinas com o empuxo dele. Não é porque a Ana está aqui, mas ela sabe da admiração que tenho por todos os amigos que fiz em 1974 até meado de 1975, porque a nossa convivência estreita, íntima e diuturna durou 18 meses e foi ceifada pelo anti-comunista fervoroso, ferrenho e ademais autocrata, Zeferino Vaz. Quer dizer, se há algum tempo o professor Guilherme fez com que eu tivesse os meus horizontes alargados, como eu acho que foram, um ano e meio depois Zeferino Vaz tentou ceifar vocações. A gente não deve jamais esquecer isso!

Não é esse o motivo da nossa conversa, mas como tem relação com essa pessoa extraordinária que eu conheci no final de dezembro de 1973, que foi Sérgio Arouca, e que eu conheci a um só tempo com a Ana. Pra mim, o Zeferino Vaz tentou e perdeu. Ele pensou que calaria as vozes do Sérgio, da Ana e de tantas outras, e não conseguiu. Ele pensou que fulminando Sérgio e Ana, ele fulminaria os demais. E viveu o tempo suficiente para sentir o gosto da derrota porque ele morreu em 81. E hoje, quem fala de Zeferino Vaz? Não estou tirando os méritos dele como grande parasitologista que foi, hein! Pelo amor de Deus! Ele foi um pesquisador nesse campo nota 10, hein! Mas isso foi no início da carreira dele porque no resto da vida o que ele fez foi tentar, tentar... ele tentou aqui... Olha! Se a gente fosse aqui dimensionar o estrago que o Zeferino fez para a universidade brasileira, eu diria que ele foi o grande líder civil na universidade da ditadura militar, e ele era mais conseqüente do que os próprios militares. Existe um livro, de uma historiógrafa, que saiu recentemente a respeito da faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e que conta com muitos elementos, riquíssimos de quem foi Zeferino Vaz. Eu digo hoje com satisfação, ele foi derrotado. E hoje eu acho que os caminhos da saúde pública tiveram outro rumo por causa do autocratismo do Zeferino. Não vamos esquecer de falar do lado do mau! Se formos olhar por essas categorias maniqueístas vamos ver que o Zeferino representava o império do mau! [risos]. Mas nem tudo foi perdido, eu acho que houve inovação. Porque quando eu vejo esse livro aqui editado *pos mortem* [José Rubens refere-se à tese de doutorado de Sérgio Arouca], eu vi, porque tinha intimidade com a Ana e com o Sérgio... eu vi muitas vezes o Sérgio escrevendo rodeado por livros. Agora, eu só contribuí de alguma forma na tese da Ana porque era uma tese que envolvia estudo empírico e eu fui o entrevistador. Mas o trabalho do Sérgio era um trabalho isolado. Era um trabalho que só ele podia fazer. Não tinha ajuda de ninguém.

Regina: José Rubens, eu gostaria que você dissesse qual foi a grande contribuição do Arouca.

JR: Pois é, apesar desse livro [José Rubens refere-se à tese de doutorado de Sérgio Arouca] já ter sido consultado por vários especialistas, por todo o mundo que adentrou o campo da saúde coletiva de alguma forma teve acesso às fotocópias da tese. Mas a gente nunca... eu acho que a gente não pode saber... porque aí seria um exercício cabalístico...

saber qual foi o prejuízo que houve desse trabalho não ter sido editado antes. Se ele fosse editado antes, ele teria sido editado tal qual ele foi escrito. Mas esse aqui é um livro especial graças à competência de Anamaria, que coordenou essa edição, e que fez com que cada capítulo fosse precedido por uma explanação dos cabeças da saúde pública brasileira. Mas a gente não pode saber o que teria acontecido. O que eu sei é que, eu pessoalmente, e Davi Capistrano da Costa Filho, nós tentamos editar este livro nos anos 80. Explico o porquê: porque em 76, eu, Davi, Ana e Sérgio, fundamos o Centro Brasileiro de Estudos em Saúde, o CEBES, do qual eu fui presidente de 76 à 79, e fui substituído exatamente por Arouca. Nós fundamos uma revista, a “Saúde em Debate”, e os seis primeiros números foram feitos em São Paulo e, a partir do sétimo, passaram a ser feitos no Rio de Janeiro. Hoje, como vocês já sabem, estamos no número 66 ou 68. Então, é uma longa jornada. Concomitantemente a “Saúde em Debate”, na Editora HUCITEC, nós criamos, eu e outros colegas, uma linha de edições. O primeiro livro editado no país que eu acho que representa uma espécie de emergência foi o livro do nosso querido amigo Carlos Gentile de Melo... já fazem 22 anos que o nosso querido amigo morreu. Então, nós editamos esse livro do Gentile.

Nessa época houve aqui em São Paulo o primeiro grande congresso de saúde pública. E o nome era de saúde pública mesmo. Mas as pessoas que estavam lá já estavam voltadas para a saúde coletiva. Os docentes já estavam passando por esse processo e os ex-residentes de pouco tempo também.

Regina: Explica um pouco sobre essa diferença no conceito de saúde coletiva.

JR: Isso é porque nós médicos formados a mais de trinta anos, nós nunca sequer tínhamos acesso à discussão que está explanada dessa magnífica obra. Nós ainda estávamos sobre o espírito da higiene, atrás da Medicina Preventiva. Agora, quando eu conheci o Guilherme Montenegro Abath. Então, o que aconteceu foi que eu já vi pra Campinas com o espírito fecundado pela Medicina Preventiva à moda inglesa. Mas isso graças a Guilherme Montenegro Abath porque era exceção. Então, é por isso que eu fiz essa referência. Quando eu cheguei e entrei em contato com a Ana e com o Sérgio, eu estava em casa. É claro, eles tinham uma formação epistemológica compreendendo tudo, sociologia, filosofia, antropologia, e que eu não havia tido contato. Até hoje eu tenho esse espírito irrequieto porque eu recebi uma espécie de infecção que até hoje eu não me curei dela [risos]. A nossa turma de residentes era Davi Capistrano da Costa Filho, eu, José Augusto Cabral de Barros, Rosali Zília de Araújo, e mais velho que a gente porque estava desde o ano anterior, Alberto (?).

Eu estou falando do ano de 74. Aí, no ano seguinte, ainda entraram Eduardo Mares Guia de Carvalho, Elizabeth Moreira da Silva, entrou Francisco Eduardo de Campos...

Anamaria: O Francisco é o Chico Gordo...

JR: Isso... Chico Gordo. Esses nomes que eu falei. A minha exceção porque eu não sou docente. A exceção do Davi, que nunca foi formalmente um docente. Era um mestre, mas não era um docente formal e morreu à quatro anos e meio. E Rosali Zília de Araújo que dedicou-se a prestação de serviço, todos os demais são proeminentes docentes e mesmo com essa tentativa de ceifar o Departamento de Medicina Preventiva e Social... bem, pra usar uma expressão francesa que eu acho cabível nesse momento *esprit de corp*. O Departamento de Medicina Preventiva e Social tinha um *esprit de corp*, mas não no sentido de corporativismo, mas no sentido de um alento, de uma valorização da

inteligência, da vontade de fazer da melhor maneira e a serviço do bem estar coletivo. Foi essa a grande lição, que eu acredito, que nós todos tivemos. É claro, eu não estou diminuindo ninguém no Departamento, mas o Sérgio Arouca era uma estrela fulgurante. Ainda pouco dizia isso. Sérgio dominava sem fazer nenhum tipo de arrumação. Ele dominava, realmente, as ambiências intelectuais que freqüentava. É por isso, que ele foi uma pessoa de tão grande talento aonde é. Nós perdemos um epistemólogo, entre aspas, para ganharmos um administrador de políticas científicas, para ganharmos um deputado representante do povo e por aí vai.

Regina: Pois é, essa parte é interessante. Como é que você vê a participação dessas teses, dessas idéias na reforma do Estado?

JR: Justamente! Porque Sérgio e as pessoas que viveram sob a liderança científica dele, ou tiveram relações de igual como é o caso do professor Guilherme da Silva, são pessoas que nunca fizeram uma cisão entre a teoria e a prática. Nesse sentido, são verdadeiramente marxistas. É isso que as pessoas não conseguem entender muitas vezes. Quer dizer, hoje você tem uma universidade esquizofrênica. Eu guardo essa imagem, essa apreensão da realidade a mais de trinta anos e vendo o trajeto das pessoas intelectual e profissional, eu sinto isso. Que essas pessoas, não só de Campinas, mas do espírito da época. Isso que eu acho relevante. O espírito da época, essas pessoas assimilaram e, apesar das dificuldades e das vicissitudes, não perderam a coragem.

Anamaria: Você agora colocou uma coisa interessante! A ditadura, proibindo o convívio e a participação social acabou fazendo com que isso nos levasse a uma reflexão sobre o que nós éramos, o que nós queríamos, quais seriam os nossos projetos. Isso nos obrigou a ter uma outra forma de viver. A ditadura fazia as pessoas brigarem, causava uma divisão. Nós tínhamos que nos organizar para ficarmos juntos...

JR: Isso! Eu acho que lá em Campinas foi um período muito curto da minha vida, do meu aprendizado, mas quando eu faço um exame de consciência eu vejo o quanto foi importante exatamente para isso, para pensarmos enquanto um grupo. Agora eu quero falar um pouco sobre o que aconteceu depois porque em maio de 75 nós recebemos um *ultimatum*: “Ou vocês se enquadram aqui como alunos da residência, proibidos até de ganhar o sustento nos fins de semana, ou vocês não podem ficar na residência”. Ordens do reitor Zeferino Vaz. Foi exatamente essa a mensagem. Bom, aí falamos: “Para onde vamos?”. Na mesma hora fomos conversar com o Sérgio e com a Ana para sabermos o que queríamos e a aprovação foi imediato e ficou decidido que nós iríamos para um outro berço, igualmente generoso, igualmente criador. A história mostrou isso. Voltamos para o professor Guilherme. De que jeito? Não podíamos mais ser residentes, o jeito foi o mestrado. Nós fomos expulsos da residência. Foi uma cassação branca. E tem mais uma coisa: não houve, na faculdade de Medicina, nenhum tipo de solidariedade. Nada! Nada! Nada! Absolutamente nada! É o que eu falo: quando você fala em autocratismo, você tem que falar de Zeferino Vaz. Ele era um déspota esclarecido! Ele se achava o grande realizador da prática médica social.

Mas esse espírito nós não ganhamos em Capinas, esse espírito começou a ser amalgamado lá. Quer dizer, nós enquanto indivíduos, nós tínhamos as nossas inquietações, as nossas experiências, as nossas leituras e a nossa maneira de ver a vida. Nós tínhamos também a nossa militância. Uns arriscavam mais a pele, mas todos nós arriscávamos a pele. Quando nós chegamos lá em Campinas, no meu caso por recomendação expressa do Dr. Guilherme, aí nós sentimos que lá o terreno era fértil

para que nós nos sentíssemos livres, embora, toda a ditadura estivesse em nossos poros. Eu continuei sendo perseguido. Tive que voltar de ônibus para depor em abril ou maio de 74. Voltei de ônibus para Recife! Olha o castigo! Por quê? Porque o DOI-COD admitiu pela primeira vez que queria me ouvir. Antes queriam me seqüestrar, me colocar num pau de arara. Quando eles admitiram que queriam falar comigo, eu constitui um advogado e fui. Cheguei antecipadamente, me informei do que eu podia dizer e do que eu não devia dizer e se tivesse dúvida, não era pra dizer mesmo para não alimentar as expectativas deles. Veja a situação: eu não estava sob tortura física, era uma tortura psicológica! Você sabe o que é uma pessoa chegar pra você com a foto de uma pessoa morta e perguntar assim: “Você conhece essa pessoa?”. Aí você diz assim: “eu acho que essa pessoa já esteve no hospital Pedro II procurando minha ajuda para um problema de saúde dela”. Aí perguntam: “sabe onde esta pessoa está?”. Aí eu digo: “Não faço a mínima idéia. Até porque, como vocês sabem, eu sou residente. Estou trabalhando”. É duro! E ainda ti obrigavam a escrever! Diziam assim: “Nós não precisamos lhe interrogar! O senhor escreve aí no papel sobre tais e tais situações...”. Aí você vai lá escrevendo...

Anamaria: Agora eu quero que você fale sobre as diferenças políticas que aos poucos foram surgindo entre a corrente do Davi e a corrente do Arouca. Essa coisa precisa ser colocada...

JR: Antes eu queria só colocar uma coisa. Quando nós, em junho fomos para São Paulo, por recomendação expresso do Sérgio e da Ana, porque... eu quero dar um testemunho porque Sérgio e Ana tiveram a preocupação, mesmo naquela agitação... porque eles eram os alvos principais... de solidariedade, de proteção e de encaminhamento de todas as pessoas! Vocês imaginam o que eram os meados de 1975! Bom, então nós fomos para o Departamento do Dr. Guilherme e entramos, segundo os procedimentos da Universidade de São Paulo, como mestrandos no ano seguinte. Quer dizer, com esse novo acolhimento, nós sentimos que a nossa união não iria ser quebrada.

Em 69, no governo Abreu Sodré, o secretário, durante quatro anos, foi o professor Walter Sidney Bezerra Azenta. Eu regredi um pouco no tempo justamente para que vocês pudessem situar a importância que foi Walter Bezerra Azenta, mesmo que ele não tivesse uma consciência completa a respeito disso, no reforço que ele deu à saúde coletiva, embora fosse um profissional fantástico, que absorveu os princípios da medicina preventiva que foram explanados pelo professor Guilherme Rodrigues da Silva ainda pouco. Quer dizer, o que havia de bom na medicina preventiva, segundo aquele modelo, o professor Walter Lezer explanou isso, mas ele não fez a crítica disso. A crítica disso foi feita pelos seus contemporâneos, um pouco mais jovens como o professor Guilherme, Sergio Arouca e tantos outros, que compunham o que era a expressão da inquietude intelectual dos anos 1970. Quero frisar que o professor Guilherme é o decano desse processo. Não por ser o mais velho, mas por ser o mais experiente. Porque o professor Guilherme enfrentou paradas muito duras nos anos 1960. Manter-se, criar as condições pra germinar um centro de inteligência, de saber, de cultura, como é o Departamento de Medicina Preventiva, que ele ficou tantos anos à frente, não é uma tarefa fácil. É uma tarefa que eu acho que ele cumpriu, mais de duas gerações...

Regina: E deixou as sementes...

JR: Deixou as sementes lá na Bahia. E apesar dos infortúnios da vida, imagine o que seria saúde coletiva se Maria Cecília Donangelo não tivesse morrido em janeiro de 1983? Isso é uma pergunta que não tem resposta. Ainda hoje as pessoas se debruçam sobre a análise dos artigos dela de 1982, portanto, há 23 anos. Ora, uma pessoa que tem esse descortino intelectual, o que pensar se não tivesse morrido tão tragicamente? Então, o professor Lezer concebeu a reforma da Secretaria de Saúde, que era uma modernidade do antigo sanitarismo clássico, que é basicamente Geraldo Horácio de Paula Sousa. Ele fez um aperfeiçoamento do pensamento... Geraldo Honório de Paula Sousa foi um grande sanitarista paulista... Ele foi da primeira turma de saúde pública da Universidade de John Hopkins, em 1922, ele e seu vice, o eterno braço direito, Francisco Borges da Silveira. Pessoas seríssimas! Imprimiram nos anos 30, 40, 50. Ambos morreram nos anos 50. Aliás, morreu Geraldo Honório de Paula Sousa, um mês depois morreu Borges da Silveira. Em 51, eles morreram; de 51 para 52.

Regina: Mas por que você está falando de sanitarismo clássico?

JR: É esse sanitarismo clássico que é o sanitarismo que tem uma influência marcante do chamado campanhismo sanitário, que em seu turno, é consequência da saúde pública americana, que desenvolveu-se muito. A saúde pública deve seu estímulo ao desenvolvimento às guerras imperialistas, que os americanos próprios provocaram e venceram. E se expandiram. Isso começa pra malária, e vai por aí. Então, Geraldo Horacio é a vertente mais refinada desse sanitarismo clássico. Tanto que ele foi um dos fundadores da Organização Mundial de Saúde, e um de seus vice-presidentes. Ele não era um homem paulista, não era um homem brasileiro. Era um homem internacional. Então, deixou uma herança profunda, que ainda hoje eu acho que merece ser estudada.

GS: Deixa eu só mencionar uma coisa rápida. Essa tradição de saúde pública antiga baseada nos grandes institutos, é a tradição francesa, que criou inclusive o Instituto Oswaldo Cruz. Então, se fabricar soros e vacinas e aplicar esses produtos era realmente a idéia central, através de campanhas. O Paula Sousa fez a transição para a saúde pública centrada para os centros de saúde, na atividade local, na comunidade.

JR: Então, o que em 1970, 71, o professor Lezer fez? Ele fez exatamente o que o professor Guilherme acabou de dizer, e que eu já tinha mencionado. Ele pegou o que havia de mais moderno e adormecido nas idéias do Paula Sousa e pôs em prática. Então, com a instituição dos centros de saúde, unidades polivalentes de atendimento e essa coisa toda, criou-se, e já estava previsto no pensamento do professor Lezer, criou-se quadros. Aonde é que seriam recrutados os quadros? Esse é que foi o grande problema. Naquela época, os regressos do Departamento de Medicina Preventiva não tinham ingresso automático na Saúde Pública, que passou a ser regra dez anos depois. Então, veja o espírito, o senso prático inovador do professor Lezer: não, vamos abrir concurso público para clínicos. Não é nada, não é nada, era uma centena de pessoas.

G: E ficavam acumuladas... em nível acadêmico...

JR: Exatamente. Então, o que o professor Lezer fez? Concurso para Secretaria, concurso público, rigoroso. Eu, por exemplo, fiz concurso para clínica geral. Aliás, fiz clínica muitos anos.

G: E tinha os cursos rápidos...

JR: Mas pra fazer os cursos rápidos que ele está se referindo, é o seguinte: você tinha que passar pro concurso público da Secretaria, tomava posse e depois você era convocado para os cursos. David Capistrano da Costa Filho, Eduardo Jorge Martins Alves Sobrinho, que foi secretário de saúde do município de São Paulo, José Augusto Cabral Barros, eu mesmo... Nós somos 40 de São Paulo mais 10 do Ministério. Fomos a primeira turma de Saúde Pública chamada “Curso de Especialização em Saúde Pública de nível local Área Medicina”, formada só de médicos, conhecida desde aquela época de uma forma pejorativa como “curso curto”, como se nós tivéssemos a mentalidade reduzida.

G: Só vou te comentar rápido. Nesse período, todos eram egressos do Departamento e estavam sem lugar no mercado de trabalho. Com esses cursos, que praticamente todos os alunos eram ex-residentes do curso de Medicina Preventiva, começava a Escola de Saúde Pública a dar esses cursos e não estava habituada com o nível crítico. Então, alguns docentes choravam e começaram a questionar as coisas porque não estavam habituados, eles chegavam pra dar aula expositiva e o pessoal dizia Amém. Era assim. Esse pessoal tumultuou e fez parte do movimento de mudança.

JR: Então, veja bem a contribuição. É claro que nada disso foi planejado, no sentido de se ter consciência de que isso tudo vai acontecer. Mas eu acredito nas pessoas de boa fé. Elas tendem a convergir a interesses maiores. É nesse sentido que eu fiz a digressão a respeito do professor Lezer. Ele era, e assim permaneceu durante muito tempo, da escola clássica. Ele era preventivista mesmo. Eu conheço bem a aula do professor Lezer. Aí, o que aconteceu? Foi nessa turma de abril a julho de 1976 que nasceu o CEBES. Foi essa turma que criou o CEBES.

Regina: Qual é a participação do Sergio Arouca nesse processo?

JR: Sergio era o epígono, o mentor, era o homem de referência, como era, e ainda é, o professor Guilherme. É que nada foi combinado. Nós não fazíamos separação, volto a frisar, entre a teoria e a prática. Jamais.

Guilherme: E qual era a idéia do CEBES? Naquele momento, vocês debatiam o quê? O que vocês tinham em mente? Qual seria o papel do CEBES?

JR: Olha, eu fui um dos redatores do estatuto. Se você ler o estatuto, que permanece o mesmo até hoje, não mudou nada... O CEBES já existe há 25, 26, quase 30 anos... Então, onde é que estava o pensamento, pelo menos do meu, do David, do pessoal que formou o CEBES? Estava lá na Saúde Pública moderna, ou seja, na Europa de 1848, no Manifesto Comunista, no pensamento marxista clássico... Estava na saúde pública alemã. Porque a leitura que nós fazíamos, a gente não copiava as coisas, mas a leitura que nós fazíamos começou daí, os autores que nós líamos... Tanto que uma idéia do David... a gente ficou horas discutindo como seria o nome da revista. Eu me lembro de ter essa conversa com ele. A principio, nós queríamos que a “Saúde em Debate” se chamasse “Reforma Médica”, em alusão à reforma médica de (?). “Mas, David, a gente não é médico!” Até discussões etimológicas fazíamos, porque médico aí, quando se fala de reforma médica, está se falando em reforma da medicina, não em relação aos médicos, o adjetivo está até correto. O (?) quando fez a reforma médica não estava pensando nos médicos, mas estava falando das alusões entre a medicina e a sociedade.

Anamaria: É, ele estava repensando a saúde e de uma medicina da força de trabalho.

JR: Exatamente. A revista tinha esse nome. Mas aí, pra evitar qualquer dúvida, não sei quem partiu com a idéia, realmente não me lembro, e jamais me lembrarei porque a gente não gravava as reuniões... mas aí surgiu “Saúde em Debate”.

Anamaria: Mas tinha uma questão mais prática. Nós, nessa época, não tínhamos como, porque o tempo das catacumbas, nós já estávamos renunciando a possibilidade de movimentação. E nós, na verdade, não tínhamos um veículo de comunicação do pessoal da saúde coletiva nem do pessoal da área médica também, os profissionais da saúde como se chama hoje, porque, na verdade, as associações de Saúde Pública não nos aceitavam, lembra disso?

JR: Só existiam a Associação Paulista de Saúde Pública e a Sociedade Brasileira de Higiene.

Anamaria: Que não nos aceitaram. Rasgou nossas inscrições. Então, nós nos vimos na contingência de formular uma saída. Nós precisamos de um órgão de expressão. E o CEBES não foi pensado com um órgão acadêmico, mas um órgão para difusão das idéias de mudança no sistema de saúde, no pensamento médico, na saúde pública, tudo isso... Então, precisava-se de um veículo para nos comunicarmos, porque naquela época já estava claro que alguma coisa estava mudando e nós precisávamos de uma inserção que nos possibilitasse falar pra fora.

JR: Regina, eu gostaria muito que você e o Guilherme e sua equipe toda lessem o editorial do numero 1 de “Saúde em Debate”. Vocês devem encontrar fácil no Rio, mas se quiser, eu mando pra vocês. Eu devo até ter dois exemplares em duplicata que eu posso mandar. Esse editorial foi escrito por David e por mim, e submetido a um grupo numeroso, essa turma toda. Nós escrevemos o editorial e submetemos a discussão, e saiu o que vocês vão ler. No primeiro numero de “Saúde em Debate”, saiu uma reflexão da tese então escrita, no primeiro numero. É por isso que eu digo que, embora o CEBES tenha tido concretamente sua realização nos três primeiros anos em São Paulo, e essa etapa foi importantíssima que garantiu todo o impulso de que a entidade precisava, mas já no primeiro número espelhava tudo isso que a gente está conversando. Está lá o professor Guilherme, a Ana, o Sergio e uma porção de gente. Consulte, por favor, os números iniciais da revista que você vai confirmar tudo que eu estou dizendo. Então, na realidade, nós sempre constituímos uma espécie de grande família, eu acho. E uma grande família não quer dizer que não tenha divergências, modos diferentes de pensar; grandes dissensões no nosso meio realmente nunca houve. Eu não tenho conhecimento. Estou tirando, digamos assim, as falhas humanas, as dissensões que podem ter na chamada feira de vaidades, né, doutor Guilherme? O senhor é mais experiente que a gente, pode dizer que a feira de vaidades é muito grande. Então, vocês poderiam entrevistar depois o professor Guilherme sobre a feira de vaidades da saúde pública/coletiva, porque ele deve ter muita coisa pra contar. [risos] Mas a gente sempre foi uma grande família. Mas eu até hoje não consegui entender isso que a Ana estava dizendo a respeito das dissensões entre o David e o Sergio porque primeiro: nunca foram escritas pelos protagonistas. Se não escreveram é porque verdadeiramente não existiam. É a impressão que eu tenho, porque quando você tem uma idéia diferente de uma pessoa que você preza, até por uma questão de honestidade intelectual, você

escreve contra. Os intelectuais fazem isso. Sergio Arouca e David Capistrano foram dos maiores intelectuais dos anos 1970 pra cá. Dos maiores! Reiteradamente eu digo isso: nós precisamos, mais do que nunca, estudar, ler, refletir o que esses homens disseram, seja na forma de arquivos, fragmentos, livros, ou entrando em contato com pessoas que estudam as contribuições que eles deram à saúde pública e a saúde coletiva, ou a moderna saúde moderna, que, aliás, ainda não se firmou. Nós não temos uma saúde pública definida segundo as grandes concepções desse período. Nós temos grandes espaços, ilhas de excelência, muito pensamento inovador, discussões, mega-congressos. Aqui se falou a pouco, os mega-congressos de saúde pública, da ABRASCO e Pneumatologia... 4 mil pessoas... Pra além de 4 mil pessoas! Mas eu acho, e talvez seja minha reflexão final nesse momento, eu acho, e quero frisar, que um dos momentos mais importantes da saúde pública do Brasil foi a 8ª Conferência Nacional de Saúde, cujo presidente da comissão era Antonio Sergio da Silva Arouca e o relator era o doutor Guilherme Correia da Silva. Então, se a gente pegar aquele documento, vai ver que ele é uma síntese do que fomos, do que estávamos sendo e do que queremos. Hoje o Sistema Único de Saúde que está concebido ali, porque isso aconteceu antes da Constituição, mas o Sistema Único de Saúde está ali, nessa conferência. Nosso Sistema Único de Saúde está ameaçado, profundamente ameaçado. Corre o risco de existir uma emenda constitucional que vai criar dois SUS's que Gilson Cássia Carvalho, grande sanitarista paulista, chama de SUS-PNR e SUS-PPM, ou seja, SUS para nobres e ricos e SUS para pobres e miseráveis. É a dupla porta instalada aqui, tornada oficial. Eu acho que os deputados que querem aprovar essa lei, precisam tomar uma vaia, porque embora esse espírito de corpo em nós boa parte ainda conserva, nos mais antigos se conserva, que esse espírito que se traduz por solidariedade, por fraternidade, por generosidade, por realmente querer uma saúde igualitária e tudo mais, quer dizer, repensar esse processo de saúde e doença, esse espírito ainda existe, ele não morreu. Mas, se acontece uma regressão como esta que estão querendo, isso não é só uma ferida mortal ou quase mortal na Constituição. Ela é uma ferida mortal no ideário de uma geração e já chegou à maturidade, já perdeu muitos de seus quadros mais brilhantes, como é o caso de David Capistrano, que morreu em 2000, e de Sergio... Quer dizer, é preciso que a gente, pelo menos, comunique aos outros a aflição pela qual as pessoas que têm aqueles motes do passado, é válido, às avessas. Antigamente se dizia “não confie nas pessoas maiores que 30 anos”; agora eu digo: confie sempre em pessoas com mais de 30 anos de militância na saúde pública coletiva, porque essas pessoas, que permanecem militantes, ainda conduzem esperança.

[pausa na gravação]

JR: Eu conheci o David no dia 31 de janeiro de 1974. E eu conheci o David... quem me apresentou o David, simultaneamente, foi a Ana e o Sérgio. Embora nós sejamos pernambucanos, tenhamos estudado na mesma cidade. Fizemos o ginásio juntos. Agora eu convivi intensamente com o David muitos anos depois de 74, porém nos anos 80, 90, nós continuamos a conviver com uma frequência regular, porém nós não trabalhávamos juntos. Nos anos 70 sim, agora nos anos 80 e 90 nós não trabalhávamos juntos. Nos víamos com muita frequência e das centenas de conversas que tive com ele nesses anos todos, mais de 25 anos, eu nunca vi... ele pode ter falado com outra pessoa, mas comigo não... eu nunca vi uma exposição do David sobre divergências que ele teria com Sérgio Arouca. Pelo contrário, todas as conversas que eu tive com ele esses anos todos, se existem duas pessoas que sempre tiveram o nosso carinho mútuo, que foi ele e a... isso eu posso garantir.

A: Não, mas a coisa não se deu no plano pessoal, se deu no plano político. Inclusive até 79 essa diferença ela não era visível, ela já começava a ser discutida logo que nós chegamos no Rio em 76, 77 principalmente, que eram discussões que a gente tinha com o Werneck Vianna, com esse Aluizio Teixeira que é o atual reitor da UFRJ. Que era um grupo que discutia os rumos do PCB e os rumos da luta. O Werneck tinha uma nítida inclinação pra se filiar a uma idéia difundida pelo eurocomunismo e que o David de certa maneira... o David de certa maneira, não que ele concordasse integralmente e tal, mas ele tinha, manifestava uma certa... ele fazia uma discussão no sentido de que aquilo devia ser discutido, a gente devia entender aquela questão e possivelmente talvez tivesse que ter uma mudança no partido naquele rumo, ou seja, que não era possível mais suportar um PCB naquele momento da maneira que ele era. E o Arouca sempre foi muito reticente, o Arouca sempre foi muito ortodoxo desse ponto de vista. O Arouca sempre foi um militante do PCB e quando houve PPS... o Arouca tinha muita dificuldade de discutir essa questão e se recusava. Eu não tinha elementos pra discutir isso porque a gente não tinha leitura sobre isso. A pessoa que tinha leitura sobre isso e que não era só uma leitura de papéis, de panfletos, ou de livrinho de partido... esse não pode tomar uma decisão em cima do que os partidos dizem... era o Werneck. O Werneck tinha uma leitura política, ele era uma pessoa que tinha essa leitura. Mas ele não conseguiu nos convencer. Nem o David, também não conseguiu convencer. A partir de um determinado momento o David se mostrava muito descontente com o PCB e ele começou a...{ }

E: Quem influenciava grandemente eles foi o Carlos Nelson Coutinho, até aí foi, daí em diante não foi não.

A: Mas aí a partir do momento... quando começa a se discutir a possibilidade do PT e que se começa a discutir, o David se manifesta como uma possibilidade concreta que depois ele assume. Então a partir desse momento não é que eles tenham brigado, mas na reunião... Arouca foi pra Nicarágua, quando Arouca voltou da Nicarágua a coisa já estava se colocado em termos de PCB, PPS e PT. Porque em 79 quando nós fomos pra Itália a gente discutiu muito isso, inclusive no avião. Se caísse aquele avião... a parte da Saúde Pública, 2/3 dela acabava ali, entendeu? [] Porque estava tudo e estava o Werneck Vianna. E eu lembro que nós tivemos uma briga muito grande com os radicais da Saúde Pública, da Medicina Social que era o Rine Brayon, a Taísa Cristina, o Lidepe, tinha um grupinho ali. Porque nós levamos o Ubaldo. O Ubaldo era um deputado eleito dentro da ditadura, mas era uma pessoa que tinha... Ubaldo Dantas... ele tinha um passado que a gente achava que era um passado recomendável e ele procurava, ele tinha intenção, ele começou a fazer uma aproximação no sentido de se integrar nessa luta e de defender posições que esse grupo tinha, na medida do possível dentro do...{ }

G: Isso foi no ano...

A: Em 79.

E: A anistia não tinha acontecido ainda...

A: Não.

JR: Vicente Navarro foi que vetou.

A: Isso, o Vicente Navarro, a Taísa Cristina, era o grupo. E eles queriam expulsar o Ubaldo da comitiva brasileira e aí deu uma discussão porque nós falamos que se o Ubaldo saísse a delegação brasileira não participaria no congresso. E ele continuou. No decorrer do congresso eles tinham um amiguinho chileno e nós descobrimos... nós fomos atrás e descobrimos que o amigo deles chileno era da SAI. Eu lembro dessa briga e foi muito engraçado. Depois que o Arouca foi pra Nicarágua... ele foi em 79, 80... quando o Arouca voltou já se colocou essa coisa do PPS, etc. e tal. E isso de uma certa maneira, os dois discutiam possibilidades... isso que eu lembro, porque eu estava um pouco afastada do convívio, mas numa reunião da ABRASCO, da ALAMES em que a ABRASCO era a representante no Brasil, em Ouro Preto houve uma mesa...{ }

JR: Em 80...

A: Em 84, 85, por aí. É antes da VIII Conferência. Teve uma mesa em que houve um confronto. Eu lembro que estava um salão cheio e a coisa começou... como se uma bolsa que estivesse ali e ela explodiu. Isso causou um mal estar porque o Reinaldo se levantou e assumiu a defesa da posição do Arouca e tal. E houve um frisson...

G: Ali já existia o PT, já existia...

E: Mas eu acho que tem mais coisa aí. Na verdade o Arouca teve um comportamento distinto na perspectiva da relação com o aparelho de estado. David optou pela luta local e Arouca disputou um projeto...

A: Mais ou menos...

E: Eu me lembro que eu participei de uma discussão dos dois que teve essa discussão. E o David criticava o Arouca por isso. Ele estava se amarrando na burocracia, etc. e tal. E eu acho que nesse momento teve uma relativa importância esse tipo de conduta, porque o Arouca tinha, tanto como o David também tinha, pessoas de muito bom porte compondo as suas equipes. Pessoas eu digo, quadros como você colocou.

A: Isso não significa que eles brigaram, mas é que houve um estranhamento e um afastamento.

JR: Já nessa época, já nos anos 80, eu acho que já havia uma diversidade saudável que só tem se ampliado e que hoje se chegou a... sei lá.

E: Mas não foi toda a esquerda que assumiu isso não, eu acho que no caso especificamente nesse trabalho que a gente está fazendo, o Arouca teve um papel muito importante e trabalhava no concreto essa diferença. Quer dizer, entender que era o movimento das diferenças que ia fazer o novo momento e não a regra rígida do seu ponto de vista, ele sempre teve o ponto de vista dele.

A: Porque nesse ponto de vista o Arouca também se distanciava da posição do PCB.

E: E do próprio David, o David era muito mais rígido.

A: Mas o David já não tinha mais a posição do PCB, ele já tinha entrado num outro processo... quando ele entrou no PT o David... Gente, qualquer pessoa daquele tempo que saiu de onde ele estava que era do PCB que era aquela coisa de bater na cabeça, dar ordem... eu saí em 79 do Partidão porque eu não agüentei mais aquilo. Tudo era segurança nacional, nada se discutia, era só cara te dando “galada”. David quando ele saiu e foi pro PT, ele assumiu uma outra postura, a postura dele era muito mais aberta, porque o PT era outra...

JR: O David quando fez uma ruptura com o PCB, ele não fez uma ruptura digamos assim com rancor, a porradas, não, ele fez uma ruptura digna de um intelectual, ou seja, ele editou durante quase um ano o jornal chamado “A Esquerda”. Então se você quiser saber... eu acho, valeria a pena conversar com outras pessoas que devem ter a coleção do jornal, pra saber se ele David escreveu alguma coisa, quer dizer, alguma reflexão no campo sanitário nesse período.

E: Foi de que ano a que ano?

JR: “A Esquerda” foi entre 80 e 81.

E: Mas quando é que ele foi secretário de Ensino de Bauru?

JR: Depois.

A: Mas nesse livro, ele segue estritamente uma visão de saúde do trabalhador que vinha das idéias do Berlinguer que não é a idéia do PT, gente...

JR: Eu editei com David... o Berlinguer tem oito livros traduzidos no Brasil. Os seis primeiros eu editei. Primeiro foi “Medicina e Política”, depois foi “Saúde das fábricas”. Não só editei como fui tradutor e revisor técnico, quer dizer, co-tradutor. Então eu acharia interessante... procurar textos, reproduções não estritamente políticas e sim com enfoque sanitário que o David e o próprio Sérgio tenham escrito de alguma forma na primeira metade dos anos 80, porque, por exemplo, eu vou até olhar uma coisa que Ana me lembrou agora, existe uma revista extinta chamada “Atenção”. O David era um dos editores dessa revista. No segundo número dessa revista tem uma longa matéria assinada por ele sobre trabalho e saúde. Mas essa revista é muito mais recente, não é dessa época. Essa revista já é dos anos, começo dos anos 90.

A: Mas mesmo o de Bauru é um trabalho que reflete uma posição diferente, ou seja, o David, ele realmente assumiu a questão de centralizar de certa maneira, tornar um dos eixos do trabalho dele a questão da saúde e trabalho, o que o Arouca nunca fez. Pro Arouca isso ficou uma questão marginal. O David era do Partido dos Trabalhadores. Mas na verdade, a diferença de posição é essa, um assumia de um lado essa coisa da hegemonia do Estado, de priorizar o trabalho dentro do aparelho e o outro assumia trabalhar fora, na fábrica, na sociedade civil, por fora. Essa era a diferença... eu vejo um pouco por aí.

E: Dr. Guilherme fez que curso nos Estados Unidos?

G: Eu fiz um curso de Formação de Docentes de Medicina Preventiva na Universidade de Harvard.

E: Isso em que ano?

G: 59 e 60.

Depoimento de José Aristodemo Pinotti
(São Paulo - 29.04.2005)

Guilherme: Infelizmente com as andanças da vida eu fui para Brasília, infelizmente que eu digo, porque ele adoeceu, e eu não pude começar esse trabalho com ele vivo, porque ele concordou no final das contas. Chegando em 2003, a última função dele foi secretário de Gestão Participativa do Ministério da Saúde, um cargo específico, criado pelo Humberto Costa para ele. Um pouquinho antes de ter o agravamento da doença dele, ele teve uma queda no sítio dele e não pode mais retornar à Brasília, e eu perdi o contato com ele, essa é que foi a verdade. De qualquer maneira, ele estava ciente desse encaminhamento, então nós fizemos um projeto, eu e a Regina que não está aqui hoje. Ela é pesquisadora na área de Memória Social, trabalha na UNIRIO. Fizemos um projeto que visa fundamentalmente, através de entrevistas, fazer um pouco da trajetória do Arouca enquanto uma pessoa que representa todo esse projeto novo da Saúde Pública. A Anamaria Tambellini tem sido uma parceira de primeira hora, tem acompanhado praticamente todas as entrevistas. E o que nos interessou vir aqui, estar com o senhor hoje, é o fato de que teve um momento muito especial da passagem dele em Campinas, que vocês estiveram juntos e a Ana reforçou muito isso. A idéia central é um depoimento seu, muito mais do que o levantamento de uma entrevista, de tentar resgatar esse momento, a Ana pode ajudar porque ela conhece os detalhes, e seria basicamente isso.

Pinotti: Meu nome é José de Sousa Pinotti, eu encontrei o Sérgio Arouca na UNICAMP, logo que nós chegamos nós moramos juntos por lá, na década de 60, mais precisamente em 1966 na Faculdade de Medicina da Universidade de Campinas, enquanto essa Faculdade existia nos porões da Santa Casa de Misericórdia de Campinas. Depois eu convivi com o Sérgio todo esse pedaço – todo mundo sabe que eu fui diretor da Faculdade de Medicina e depois reitor da UNICAMP – e além da convivência universitária e de trabalho do Sérgio, eu acho que tive com ele e com a Anamaria uma convivência de amizade, quase que de amizade estudantil. Apesar das nossas posições serem em diferentes departamentos, eu estava na Ginecologia e na Obstetrícia, ele estava na Medicina Preventiva. O meu chefe, quando eu entrei, era o (?) Leme e o chefe dele era o Miguel Tobar, mas a Faculdade era pequena, a Faculdade estava começando. Existia aquele ambiente de pioneirismo em Campinas, e nós nos víamos com enorme frequência. Foi assim que eu conheci e trabalhei com o Sérgio Arouca e comecei a admirá-lo muito. Vocês vão fazer perguntas?

Anamaria: Não. Fique à vontade.

Pinotti: O que eu mais admiro no Sérgio, coloco no presente porque ele está presente, é a inteligência dele. Ele foi uma pessoa extremamente inteligente, capaz de analisar conjuntamente um grande número de variedades, variáveis sociais, colocá-las juntas e encaminhar a solução do problema numa direção. Lembro muito bem dos desenhinhos, dos quadrinhos, dos organogramas que o Sérgio fazia. Usei muitos deles nas minhas aulas. Eu posso dizer que, sem dúvida nenhuma, o Sérgio foi uma das pessoas mais importantes na minha vida adulta, que encaminhou o meu interesse para a Saúde Pública. Na minha vida não adulta, foi meu pai que era dentista de pobre, e minha mãe que era Educadora Sanitária de Centro de Saúde da periferia de São Paulo. Mas, depois que eu cheguei na UNICAMP, eu já tinha um pouco perdido esse apetite. Estava vinculado nas coisas específicas da minha especialidade, vinha da Europa da Pós-

graduação, etc... Foi realmente o Sérgio, pela inteligência dele, mais do que qualquer outra coisa, que abriu meu apetite. Nós fizemos juntos em Campinas, acho que a Anamaria lembra disso, o tal do Pró-Assistência UNI. O Pró-Assistência UNI é um pouco o embrião do SUS. Era uma forma de você organizar a assistência médica na região de Campinas integrando a universidade, descentralizando, que foi financiada pelo Mário Chaves da Fundação Kelloggs. Nesse Pró-Assistência UNI que realmente eu acho que é um pequeno embrião do que foi o SUS, ou do que é o SUS, pelo menos na Constituição. A gente precisa deixar muito claro, se o Sérgio estivesse aqui hoje ele estaria dizendo a mesma coisa, o que está na prática não é o SUS, é a caricatura mal feita, não é aquilo que o Sérgio imaginou na VIII Conferência de Saúde. É uma coisa, infelizmente, muito diferente. Talvez o que está na Constituição, não o que está na prática. Mas, voltando ao Pró-Assistência, o Mário Chaves se entusiasmou com esse projeto. Nós elaboramos o projeto e começamos a colocá-lo em prática. Aí surgiu uma crise importante na universidade, uma crise intestinal. E eu acabei me envolvendo quase que involuntariamente, porque não era essa a direção que eu queria, e acabei me indispondo com o Zeferino Vaz e pedi demissão da Direção da Faculdade de Medicina. O projeto da Kelloggs estava em marcha, estavam todos entusiasmados. E nessa ocasião, depois da minha demissão, eu fui ao Mário Chaves e pedi para ele dar continuidade ao projeto, independente da minha presença na Direção da Faculdade. Ele disse uma frase que nunca mais me esqueço “Eu não posso”. Tinha entrado na Direção da Faculdade o Lopes de Faria, que era um bom homem, mas um indivíduo extremamente conservador. Patologista, via as coisas só pelo microscópio, dentro de um espaço de uma lâmina. Ele não tinha o menor interesse nessa coisa, pelo contrário. Eu acho que ele achava que essas reflexões, esses projetos eram brincadeiras do Sérgio, da Anamaria, minha, de arroubos de juventude que estava pensando nas esquerdas, coisas do gênero. O Mário Chaves me disse: “a pior coisa que pode acontecer é você oferecer uma boa idéia às mãos erradas, porque essas mãos vão provar que aquela idéia não é boa. Então eu prefiro interromper o projeto e esperar uma próxima oportunidade”, que acabou não surgindo pra Campinas. Mas nesse período nós conversamos muito sobre organização do Sistema de Saúde, reflexões sobre essas questões que, eu tenho certeza, pra mim foram muito importantes, e talvez para o Sérgio também tenham sido. Porque depois, mesmo separados nas nossas trajetórias, nós tínhamos pontos de união intelectual muito fortes. Todas as vezes que eu encontrei com o Sérgio, a nossa conversa começou como se nós tivéssemos nos visto no dia anterior. O tempo não passou, ele se recompôs, e a gente conversava e sempre na mesma direção. Mesmo no Congresso quando nós estivemos juntos, nós votamos quase sempre na mesma direção. Lembro até de um episódio interessante. Eu nunca tive muita afeição por partido político, eu mantinha meu posicionamento no Congresso em função das minhas idéias, do que eu pensava, e nisso foi absolutamente coerente! E o Sérgio era um indivíduo muito mais disciplinado em relação a isso.

Guilherme: Ideológico.

Pinotti: Ideologicamente, sem dúvida nenhuma, mas também partidariamente. Ele tinha uma disciplina partidária. E eu lembro que numa ocasião, eu que não tinha nenhuma disciplina partidária e votava sempre de acordo com aquilo que eu pensava, numa ocasião eu estava votando contra a Reforma da Previdência, foi um verdadeiro absurdo! E o Sérgio, ideologicamente, sempre foi contra também, mas por uma questão partidária ele teve que votar a favor. E aí eu lembro que o Sérgio encostou do meu lado e disse: “Pinotti, eu nunca imaginei que você pudesse ficar à minha esquerda algum dia”.

Guardo isso com muito carinho, porque eu acho que ele sentia um pouco inveja da minha total liberdade em relação ao partido. Porque no Brasil o partido não tem nenhum significado. Até que se faça, talvez, alguma reforma política aonde os partidos guardem certa fidelidade com os seus princípios. Até agora eu não consegui ver nenhuma diferença entre nenhum partido. E minha maior desilusão foi quando eu votei no Lula e o PT entrou e assumiu a política econômica da direita. E para mim foi a conclusão total e absoluta de que realmente, nesse ponto, eu tinha total razão, e se o Sérgio está me ouvindo ele vai concordar comigo. Foi muito importante a presença do Sérgio no cenário político e na política de Saúde brasileira nessa quadra em que nós vivemos. Eu não tenho dúvida nenhuma que ele teve uma importância fulcral na questão do SUS. Ele via com enorme clareza como é que a gente deveria organizar o Sistema Público de Saúde brasileiro. Ele fez isso na VIII Conferência. E eu, ainda aí, estava na Secretaria de Saúde de São Paulo como secretário, o Sérgio trabalhava nessas questões. Nós nos encontramos algumas vezes e foi muito interessante, porque logo depois da VIII Conferência, veio o governo Sarney. E o governo Sarney teve na Previdência um ministro que foi muito influenciado pelas idéias do Sérgio e da VIII Conferência, que foi o Rafael de Almeida Magalhães.

Anamaria: Que trabalhava no INAMPS antes, com o Écio Cordeiro.

Pinotti: Exatamente. Ele era muito amigo do Ulisses, tinha uma grande influência do Ulisses. Tinha um outro ministro que tinha uma influência também, era muito amigo do Magalhães. Como era o nome dele? O apelido dele era almirante.

Guilherme: Waldir Pires?

Pinotti: Não. O Waldir Pires também estava nesse grupo, o Écio, ele, o Ulisses Guimarães, o João Manoel Cardoso de Melo, o Belluzo.

Anamaria: Que era um grupo de Campinas. A gente tinha uma ligação muito grande com o pessoal das Ciências Humanas.

Pinotti: O João Manoel Cardoso de Melo e o Belluzo são até hoje da UNICAMP. Eles trabalharam em Campinas com o Zeferino, com o Sérgio e comigo. Nesse cadinho se amalgamou, ou se amalgamaram, os primeiros documentos ministeriais e presidenciais que permitiram a implantação do SUDS, que não é nada mais nada menos que o SUS. Nessa ocasião, eu era secretário de Saúde de São Paulo, com o auxílio da VIII Conferência, e, portanto, do Sérgio, com os documentos presidenciais do Sarney, do Rafael de Almeida Magalhães, do Ulisses Guimarães, com o auxílio do João Manoel Cardoso de Melo, nós implantamos o Sistema Unificado e Descentralizado de Saúde em São Paulo. E os resultados foram fantásticos! Todos os índices de mortalidade e morbidade diminuíram no período. E foi através dessa conjunção, de uma implantação concreta em São Paulo com bons resultados, que eu mostrei ao Sarney várias vezes, e com a persistência da reflexão ideológica do Sérgio em Brasília, que o SUS entrou na Constituição. O SUS entrou na Constituição não só porque ele tinha tido alguns resultados bons em São Paulo, na prefeitura de Goiânia, em alguns outros lugares, como também pela pressão ideológica da VIII Conferência e pelo Sérgio Arouca. Essa coisa fantástica que nós temos hoje, que é manter ou ter o SUS na Constituição, foi um produto desses movimentos. E mais uma vez, claro que não fomos os únicos agentes, mas eu estive muito do lado do Sérgio nessa briga, nessa luta, nessa campanha para

colocar o SUS na Constituição. Depois mais uma vez, quando começou o governo do Fernando Henrique e eles quiseram fazer uma mudança constitucional, e realmente acabaram fazendo, a única das PEC's que não passou, foi a PEC da Saúde, se eu não me engano. Havia uma PEC, que era uma PEC grande, da Previdência e da Saúde, e nós conseguimos no Congresso (mais uma vez eu estive junto com o Sérgio) desmembrar a PEC em PEC da Previdência e PEC da Saúde. Eu fui o relator da PEC da Saúde e consegui derrubar a PEC da Saúde. Porque a PEC da Saúde colocava toda a legislação da Saúde (que era a intenção do ministro hoje Nelson Jobim) num nível infraconstitucional. Ou seja, o artigo 196 da Constituição que reza: "A saúde é um direito de todos e um dever do Estado se transformaria num artigo assim: A saúde é um direito de todos e um dever do Estado de acordo com a lei". Bastava isso para jogar tudo isso numa área infraconstitucional. Ou seja, você tirava isso da Constituição, jogava para uma lei ordinária que nunca viria e, portanto, você faria a privatização da Saúde. Bom, eu consegui derrubar essa PEC, e o Sérgio Arouca também conseguiu derrubá-la. Foram momentos muito dramáticos no Congresso porque havia uma pressão, tudo aquilo que depois tomou conta, infelizmente, que era a vontade de privatizar a Saúde desse país. E que estava, se vocês lerem um documento do Banco Mundial chamado *World Development Report* de 1993, isso tudo está escrito lá, estava se obedecendo ao Banco Mundial no sentido de privatizar a Saúde. Ou seja, o argumento era que era preciso dividir a Saúde em Saúde Pública e Saúde Privada. Deixar a Saúde Pública para os pobres, naquele mecanismo de focalização, que no fundo virou o que? Virou um mecanismo que se divide em Saúde pra quem pode comprar e Saúde pra quem não pode comprar. E a Saúde pra quem não pode comprar, ao invés de ser uma saúde um pouco melhor para equalizar as oportunidades, ficou uma Saúde pobre pra pobre. E a Saúde pra quem pode comprar ficou esse engodo dos planos de saúde. Apesar do fato de nós não termos permitido que eles tirassem o SUS da Constituição, e não permitimos, está lá, eles na prática fizeram a reforma que eles queriam fazer. Por isso que eu digo que o SUS está na Constituição, mas o SUS, infelizmente, não está na prática. O que está na prática, ainda é uma caricatura mal feita daquilo que está na Constituição, daquilo que foi o sonho do Sérgio Arouca, daquilo que ainda é o meu sonho, daquilo que um dia, talvez, a gente possa colocar na prática. Até porque uma vez, conversando com Norberto Bobbio com quem eu tive algum relacionamento na Itália onde passei um bom período da minha vida. Eu sempre fui muito cínico em relação a essa coisa de que não adianta estar na lei, quase que um cinismo, pelo menos assim eu pensava, as coisas estarem na lei e não estarem na prática. E o Norberto me disse uma coisa muito importante: "Tenha calma! O primeiro passo é estar na lei, se está na lei, um dia poderá estar na prática". No fundo a gente tem que ter uma visão mais prolongada, mais estendida disso, e o fato da gente ter conseguido colocar na lei, e o Sérgio foi um dos grandes artífices disso, é uma esperança de que um dia o SUS vá à prática como ele deve ir realmente na prática. Nós estamos passando por um momento histórico muito complicado, difícil, muito frustrante, no nosso país, onde toda a esquerda (onde nós tínhamos a esperança da mudança) veio para reforçar o modelo anterior e acabou a oposição. A democracia virou um grande marasmo, mas nós conseguimos manter o SUS do Sérgio na Constituição, e um dia, alguém vai colocá-lo na prática, essa é a nossa esperança. E penso que a gente deve muito ao Sérgio Arouca em relação à saúde brasileira, se o Sérgio não tivesse existido, o SUS não estaria na Constituição, e se o SUS não estivesse na Constituição, o Sistema de Saúde público seria, seguramente, ainda muito pior do que é hoje. Portanto, o Sérgio teve um papel fundamental nesse processo.

Anamaria: Pinotti, eu queria perguntar uma coisa pra você. Nessa trajetória existiu o primeiro momento em que havia uma grande intimidade, em Campinas, desse grupo todo, e nós éramos parceiros, e tinha também a Pediatria com o Martins. Esse grupo era o grupo que, dentro da Faculdade de Medicina, tinha uma posição mais coerente e que fazia as propostas inovadoras. Eu lembro de um artigo que a gente escreveu pra OPAS, lembra? Medicina Inovada?

Pinotti: Lembro. *Faculdades de Medicina Inovadas e Tradicionais*.

Anamaria: Foi a primeira vez que a gente conseguiu falar sobre algumas questões. Mas, a partir dessa crise, pela qual a gente teve que sair de Campinas inclusive, essa relação durante algum tempo ficou meio amortecida, porque não havia condições objetivas, políticas de encontros. E você torna a encontrar o Arouca, outra vez, já dentro de um papel político no Congresso, como representantes do povo, como deputados. O Arouca uma vez me disse uma coisa que eu fiquei muito preocupada. Me deu o que pensar um pouco. Eu tinha ido pra Itália fazer meu Pós-doutorado, eu voltei em 92 e nós fomos conversar. “O que que você fez na Itália?” E ele me disse uma coisa que eu senti um travo, uma coisa de tristeza. Eu falei pra ele: “Como é a vida parlamentar? O que você está fazendo? Eu andei procurando ver o que você está fazendo, e eu não acho. Ana, você não sabe como é difícil a gente trabalhar e ser deputado de um partido muito pequeno! Eu não tenho como colocar as questões. Na verdade, a gente tem que procurar aliados nos outros partidos que levem algumas questões, por exemplo, que eu tenho preocupação”. Você viveu isso? Conta um pouco disso pra gente.

Pinotti: Era isso mesmo! Aquele episódio que eu contei que ele chegou do meu lado e disse: “Pinotti, eu nunca imaginei que você pudesse ficar à minha esquerda”; tem uma enorme relação com isso. Porque os partidos pequenos no Congresso, eles acabam sendo algemados a determinados acordos que sufocam as ideologias dos seus participantes. Eu sentia isso no Sérgio, eu sentia nele uma grande frustração. Ele não conseguiu vencer o conflito entre a fidelidade partidária e a consciência política dele, nesse pequeno pedaço. Mas, você lembrou uma outra coisa muito importante, que foi a discussão que nós fizemos sobre o papel da universidade, e onde o Sérgio teve uma participação fantástica! E aí eu lembro do tempo das *paritárias*, aquelas comissões paritárias que, se não me engano, precederam aquela crise de 68, e que foram momentos muito importantes. Nós discutimos com uma enorme profundidade o papel da universidade na sociedade contemporânea e geramos aquele trabalho *Faculdades de Medicina Tradicionais e Inovadas*. Eu tenho na minha cabeça até o esqueminha, que eu referi logo no começo desta entrevista, que o Sérgio fez, quais eram as diferenças entre uma faculdade de Medicina tradicional e uma faculdade de Medicina inovada. Isso também me valeu muito, essa discussão, essa reflexão, essa conversa com o Sérgio, em todas as inovações que eu pude fazer na Faculdade de Medicina e na universidade como um todo depois. A Universidade de Campinas pode não ser a maior nesse país, mas ela, seguramente, é a mais moderna! Porque essa semente veio dessas reflexões também da Faculdade de Medicina, das nossas discussões sobre modelo de Faculdade de Medicina, que se adapta perfeitamente ao modelo de universidade. E uma das coisas fundamentais que nós geramos nesse documento, nessa discussão, foi exatamente a derrubada dos muros da Faculdade e a integração dela com a comunidade. O processo de ensino-aprendizagem inserido no serviço e o serviço inserido na comunidade. O que nós criticávamos daquilo então, junto com o Sérgio? Era esse teatro de arena que era uma Faculdade de Medicina, fechada dentro dos seus muros com um conjunto de

especialistas tratando de questões que tinham pouco a ver com a realidade de saúde fora dos muros. E ensinando alunos dentro desse ambiente que não era adaptado a realidade de saúde do país. O que nós propusemos? Propusemos uma enorme integração entre a Faculdade e a comunidade fazendo com que o ensino se inserisse no serviço. E dali nasceu aquela coisa fantástica, que foi um pouco os princípios do Dewey no começo do século que serviu para fertilizar os *Colleges* americanos e criticar as grandes *écoles* francesas do Descartes e Spinoza, decorrentes desses filósofos, e criar um pouco um modelo de Faculdade de Medicina brasileiro, ou seja, principalmente baseado nessa coisa do *ensino inserido no serviço*, ou seja, o ensino da Medicina é uma coisa ultrapragmática, é uma coisa *ombro a ombro*. O que significa o ensino em serviço, é você ir nesse processo assumindo responsabilidades, gradualmente crescentes, no trato da coisa que você vai fazer sozinho depois. E nesse processo você aprende que, pra ele ser eficiente, esse ensino tem que se inserir na realidade de saúde brasileira e na forma de modificá-la. Isso também foi um, processo no qual o Sérgio teve uma participação, muito, muito grande, que arredondou neste paper que nós fizemos juntos “Faculdades de medicina tradicionais e Inovadas” e até hoje é um modelo absolutamente moderno, pouquíssimas faculdades de medicina tem... tem uma em Brasília e tem algumas privadas que estão surgindo em cima desse modelo, é aquele modelo que trabalha com o *Problem Basic Learning*, que não é nada mais nada menos do que aquilo que nós tínhamos proposto na década de 60 nas Faculdades de Medicina Inovadas, que era o ensino inserido no serviço e nos programas de saúde. A inteligência do Sérgio o levava a colocar essas coisas um pouco adiante do tempo dele, e esse eu acho que foi o papel fundamental dele, nem sempre muito bem aproveitado. As turbulências da vida dele, as turbulências políticas, freqüentemente dificultavam um pouco. E às vezes a falta de entendimento das pessoas em relação ao Sérgio. Ele era uma pessoa amada e temida. Temida pelos políticos, principalmente pelos políticos conservadores que tinham nele uma ameaça, e extremamente amada pelos seus amigos, pelos seus correligionários. Era uma pessoa extremamente interessante.

Guilherme: (dirigindo-se a Anamaria): Você quer perguntar pra ele alguma coisa?

Anamaria: Não. Eu acho que ele foi ótimo. Inclusive, ele salienta algumas questões que não têm aparecido. Por isso que eu fiz aquela pergunta pra ele da atuação política, porque isso só quem está dentro é que pode perceber. E a outra coisa é todo esse lado do Arouca médico, porque começam só a falar do sanitarista, mas nós éramos médicos. Quando a gente foi pra Campinas, a gente estava numa Faculdade de Medicina e lidava com as questões da Faculdade de Medicina. A nossa idéia, a nossa posição não foi forjada pelo sanitarismo, ela foi forjada por uma reação crítica à forma como se exercia a Medicina e o ensino da Medicina.

Pinotti: Isso é muito importante.

Anamaria: Porque eu sinto um pouco que existe um entendimento de que foi o sanitarismo. O sanitarismo era extremamente conservador e inclusive não nos aceitava. A Saúde Pública não nos engoliu nunca! A gente teve até que inventar uma Saúde Coletiva. Então, tem uma discussão agora, uma tentativa, que eu acho que é uma visão mal colocada, que inclusive coloca uma disputa entre as Ciências Sociais e Biologia. Isso nunca nos ocorreu, nem a mim nem ao Arouca. Nunca nos ocorreu que uma coisa fosse mais importante que a outra, as coisas existiam assim. E essa disputa, essa tentativa, que é uma tentativa corporativa também, que eu acho que até chega na defesa

de mercado de trabalho, de possibilidades de ter influência no campo político, não nos ocorria. O Arouca era uma pessoa, até certo ponto, porque ele era um militante, bastante desvinculado dessas ambições. Ele era muito aberto, tinha uma abertura muito grande em relação às possibilidades de levar a termo algumas questões.

Pinotti: A Ana tem toda a razão, inclusive na própria Faculdade de Medicina, essa dicotomia se fez sentir perfeitamente bem. O Tobar era um indivíduo conservador.

Anamaria: Ele tem uma formação de Saúde Pública, mas ele não conseguia acompanhar. Você e algumas pessoas da Pediatria, o Martins, por exemplo, que faziam aliança com a gente, e no fim, o pessoal das Ciências Humanas que começou a fazer parte dessa discussão.

Pinotti: Esse é um ponto importante a ser lembrado, até porque a visão do sanitarista acabou sendo uma visão conservadora, da qual o Arouca não participava.

Guilherme: Na verdade, na essência, você coloca que aquele ambiente permitiu – dentro desse contexto principal do que é Campinas dentro do espaço universitário brasileiro – em algum momento, que esse fervilhamento de idéias pudesse ser colocado em prática, pensado, etc...

Pinotti: O ambiente favoreceu o pioneirismo, o fato de ser uma faculdade pequena, o fato de nós estarmos todos unidos nos porões da Santa Casa, o fato de ter tudo por fazer. Um momento romântico na vida brasileira. Porque a ditadura militar ofereceu um momento romântico, a gente conspirava, havia uma conspiração. Eu não fui preso pela ditadura, mas, eu fiquei preso dois dias quando eu trouxe o Nelson Rodrigues dos Santos pra Campinas. Aliás, a culpa foi do Sérgio. [risos] Porque foi o Sérgio que me induziu a trazer o Nelsão pra UNICAMP, faculdade de medicina. Ele estava em Londrina, na Faculdade de Medicina de Londrina e teve problemas políticos, e o Sérgio me sugeriu que trouxesse o Nelson pra Campinas. Eu não consultei Zeferino, não consultei ninguém, e trouxe o Nelson. Aí eu fui chamado no Comando da 2ª Seção de Campinas para prestar declarações sobre a minha atitude de ter trazido o Nelson. Foi interessante porque eu fui chamado no fim de uma tarde, eu fiquei na ante-sala do general esperando até às dez horas da noite. O general não me recebeu, eu quis ir embora, não me deixaram. Tive que passar a noite nessa sala. Eu era o diretor da Faculdade de Medicina. Eu fiquei uma noite preso na ante-sala do general. No dia seguinte, o general não me recebeu e me liberou de noite. Ou seja, aquilo foi um aviso, mas foi uma coisa muito contundente.

Guilherme: E o assunto era o Nelsão?

Pinotti: O assunto era o Nelsão. Conversei com o Zeferino, ele pediu para eu voltar atrás na coisa do Nelsão, eu não voltei e aí o Nelsão ficou. O Zeferino bancou. Depois eu tive uma amarga decepção com o Nelsão. Isso faz parte da vida.

Guilherme: Sobre a questão do micropoder vamos dizer assim. Nós temos pensado com algumas pessoas, ontem inclusive conversamos com o Professor Guilherme e o José Rubens, foi residente na época. É interessante porque nesses depoimentos o Zeferino Vaz é uma figura contraditória, é meio assim *ame-o ou odeio-o*, ou algo

parecido. Como você entende a posição dele no processo de saída do Arouca e da Ana da UNICAMP?

Pinotti: O Zeferino foi contraditório, mas ele teve uma atuação. E no caso do Nelsão deu pra perceber um pouco, e no caso do Aníbal Faúndes que eu trouxe do Chile. A família dele estava para ser presa...

Anamaria: Ele era de outro departamento.

Pinotti: Era um indivíduo de esquerda no Chile, quando o Pinochet tomou o poder. Ele fugiu e a família ficou em Santiago, e por fim eu acabei trazendo o Faundes para o Brasil, para a UNICAMP, e o Zeferino bancou também.

Anamaria: que fique claro que tinha outro Fileno, no programa da Kellog's, no departamento, não era o Faundes, que fique claro isso, muito pelo contrário.

Pinotti: O Zeferino tinha toda a confiança dos militares, mas também ele impedia os militares de interferirem de uma maneira muito decisiva dentro da universidade. Daí a controvérsia dele, que hoje, com um olhar distante, eu vejo com fatores mais positivos. Porque se não fosse o Zeferino, a Universidade de Campinas, a meu ver, não existiria hoje. Ela não teria resistido a todas as crises pelas quais ela passou. Ele fazia concessões aos militares, mas ele impedia, por exemplo, na UNICAMP nunca houve uma 2ª seção interna da universidade. Em todas as universidades existia um poder militar paralelo. Na Universidade de Campinas não existia, porque os militares confiavam no Zeferino. Mas o Zeferino também exercia uma certa proteção. O João Manoel Cardoso de Melo e o Beluzzo eram de esquerda. Fausto Castilho, Rubens Murilo Marques, todos eles foram abrigados. O Rubens chegou a ser preso, e eu lembro que o Zeferino foi visitá-lo na cadeia.

Anamaria: Os alunos, quando foram para Ibiúna, ele foi à prisão ver o pessoal de Campinas e defendê-los.

Pinotti: E quando o Rubens voltou da prisão, ele reassumiu a Direção do Instituto de Matemática. Ele tinha isso, e com isso ele conseguiu proteger a instituição e muita gente dentro da instituição. Eu não lembro exatamente, a Ana talvez possa contar melhor do que eu, da forma pela qual o Sérgio e ela saíram da UNICAMP.

Guilherme: A história, pelo que eu entendo, começou com o impedimento da tese.

Anamaria: Terminou no impedimento da defesa de tese.

Pinotti: Mas a tese foi defendida, eu estava na banca.

Anamaria: Foi defendida, mas ela ficou presa durante um certo tempo, que você, o Dr. Guilherme, o Rui Lauriti que era o meu orientador, o Rubens Murilo. O Rubens falava pra mim: “Ele não deixa, está em cima da mesa dele”. Ele pôs do lado da mesa e falou: “Enquanto eles não saírem daqui, não defendem tese”. Aí a gente falou: “Vamos embora, vamos ter que acabar a nossa vida acadêmica”. O Dr. Guilherme falou: “Saíam daí, porque vocês não defendem tese”. Como isso foi gestado têm várias versões. E uma

das versões foi que envenenaram o Zeferino, que havia pessoas interessadas, não sei se estavam com medo.

Pinotti: O Sérgio exercia uma liderança muito forte, diferente do Nelsão, diferente do Rubens. O Sérgio, independente da vontade dele, ele era um pastor. A moçada dizia assim: “Ele está chegando, ele vai chegar”. *Ele* era o Sérgio! Não que ele quisesse isso, era a inteligência brilhante dele.

Guilherme: Era da natureza dele.

Pinotti: O descompromisso com as coisas banais da vida. O Sérgio nunca ligou pra ter dinheiro, pra amealhar fortuna, pra andar bem vestido. Ele era descompromissado com essas coisas terrenas banais. Nem por isso deixava de tentar os corações das mulheres.

***Depoimento de Maria Dutilh
(São Paulo - 29.04.2005)***

M: Eu sou Ana Maria Dutilh Novaes, mais conhecida... por quem me conhece mais recentemente por Maria Novaes. Então isso já é uma coisa interessante, porque eu sei... fica marcado quando as pessoas me conheceram, se elas me chamam de Maria Dutilh ou Maria Novaes.

E: E você é médica?

M: Eu sou médica, me formei na UNICAMP em 1971 e vim fazer residência em pediatria na USP e fiquei sendo pediatra, mas fazendo Pós-graduação na Medicina Preventiva já desde o início, trabalhando com pediatria social nos anos 70. Em 1980 eu fui contratada no Departamento de Medicina Preventiva da USP onde estou até agora.

E: E você faz o que especificamente?

M: A minha área ela é uma área de avaliação. Avaliação em Saúde, organização da tensão, sistema de informação e que traduz em pensar, organizar, pesquisar, a questão da avaliação, em serviços e saúde em programas e tecnologias. E aí a questão que eu acho que tem a ver com a experiência, do início, até eu acho da própria faculdade. Eu entrei em Ribeirão, comecei o curso médico em Ribeirão Preto em 1966 e Ribeirão era minha primeira opção, que já era exótico um pouco ali, todo mundo colocava como primeira opção a USP e eu coloquei: Ribeirão, Paulista e USP. Foi irônico... mas USP Pinheiros porque aqui tem USP, USP para os de São Paulo, né? Para os de São Paulo USP Pinheiros que é a faculdade, digamos que as primeiras notas entram lá. Isso era em 66, o segundo ano que estava tendo um vestibular integrado, você fazer um exame para várias faculdades isso só começou em 65. Então, eu nunca tinha ido para Ribeirão, mas o que eu sabia é que Ribeirão era uma faculdade voltada para Pesquisa sobre o conhecimento e isso me interessava, então eu coloquei como primeira opção.

E: Você já conheceu o Arouca lá?

M: Isso. E aí em 1966 era o ano, foi um ano agitado, com manifestações de rua, cavalaria, eu fiquei presa na igreja lá em Ribeirão, quando ela foi sitiada pela cavalaria, enfim tinha todas as...

E: Naquela praça que a gente foi?

M: Foi. Na Praça Catedral. E eu lembro muito... aí o Arouca e a Ana eram sexto anistas, milhares de quilômetros de distância entre um calouro e um sexto anista. Mas eles assim mesmo... Algumas vezes conversamos, mas principalmente eu lembro deles liderando assembléias, reuniões e tal e eram figuras exatamente de lideranças mesmo, na faculdade a gente tinha profunda admiração. E a faculdade era interessante, então só como um exemplo: em 1966 eu tanto participava da liga da assistência médica social (a LAMS).

E: Quer era do departamento, que era do Centro Acadêmico, mas tinha uma ligação com o departamento de Medicina Preventiva. O Arouca foi o fundador desta LAMS.

M: E aí ia se fazer vacinação na zona rural, coisas desse tipo. Ao mesmo tempo tinha lá o (?) que era o cara das abelhas, o geneticista das abelhas africanas, que era uma figura controversa, enfim, mas fascinante enquanto cientista e tal. E trabalhava com ele o Krigger, esqueci o primeiro nome dele agora, que virou... foi ser recentemente um diretor de Ciências Biológicas aqui da USP, enfim geneticistas já conhecidos. Então, em 1966 eu estudei Fortran. No primeiro ano da faculdade de Medicina eu tinha lá um livro de Fortran, também tinha o Euclidão, que dava aula... A gente tinha uma matemática fortíssima, Estatística, estudava integral e era uma loucura. Então, era um ambiente extremamente estimulante, justamente essa combinação e eu vivia assim. Digamos numa quarta influência desse ano é que eu coloco nesse ano... é o André Richard Cruz que foi meu professor de Anatomia e que eu acho que consegui passar muito o respeito pela pessoa, porque era a coisa dos cadáveres, da dissecação. Então, essa combinação entre você estar no mundo, ter sentimentos, enfim respeitar as pessoas e se envolver com o mundo estava ali. Isso eu acho que em Estatística com Ramildo que me deu aula e tal. Então, eu acho que nesse ano e a convivência ali me marcou no que eu me tornei também, enfim tudo que eu fiz depois acho que tem uma marca que começa ali.

E: Me deixa só te dizer uma coisa, porque é interessante como as pessoas se reencontram. O Krigger ele foi para Brasília. De Ribeirão ele foi para Brasília trabalhar, onde ele conheceu o Morel e Galvão, eles trabalhavam, eles tinham um grupo que trabalhava junto. Quando eu fiz a minha tese, lembra você que eu tinha que fazer... eu queria fazer uma análise de regressão não linear múltipla e eu não encontrava quem fizesse aqui, aí o Dr. Guilherme sugeriu, “Ana, a pessoa que faz isso...” Dr. Guilherme e o Rubens Murilo Marques. “A pessoa que faz isso foi seu professor lá em Ribeirão Preto, é o Krigger, porque ele está em Brasília”. E eu fui para Brasília para o Krigger me ajudar a fazer a análise.

M: Não é o Krigger da Academia Brasileira de Ciências, do Encor, é outro Krigger?

E: Não. O Krigger ele depois foi para a FIOCRUZ. Ele acabou trabalhando na FIOCRUZ durante um tempo quando o Arouca era presidente da FIOCRUZ, ele foi nosso professor, para você ver como a vida dá umas voltas interessantes.

M: Esse é Eduardo?

E: É. Henrique Krigger o outro.

M: Então, isso foi em 1966 e aí eu morava numa casa desconhecida dos meus pais, eles escondiam a comida, eu ficava num quarto de fundos com o teto de zinco, enfim muito mal acomodada e tendo enxaqueca, mas eu acho que me consumi naquele ano, eu acho que gastei todas as minhas energias naquele ano e tive uma estafa. Então, no fim do ano acharam que eu estava com encefalite porque me internaram e minha mãe me achou lá, eu não avisei, mas alguém avisou, me achou lá no leito hospitalar e falou: “minha filha não fica aqui” e me transferiu para Campinas. Então, eu voltei para Campinas, aí eu...

E: Quer dizer, você era de Campinas?

M: E morando numa fazenda, mas meus eram de Campinas. Meus pais são holandeses, imigrantes holandeses, vieram para o Brasil em 46. Em Campinas eu queria sair de

Campinas, porque Campinas era extremamente provinciana, sempre foi uma cidade muito tradicional que é uma cidade que foi rica por ter muitos fazendeiros e tal, depois foi perdendo, mas manteve a pose e o sentimento de ser uma cidade tradicional e eu queria sair dali porque era do tipo assim, porque tinha esquinas onde você não podia passar, porque se você passasse por lá você levava fama, essas coisas. A vida social lá era muito complicada e como eu tinha tido uma educação holandesa que achava que isso era uma bobagem, essa dupla moral era muito difícil para eu administrar e fingir que acreditava, que de fato essas regras eram importantes e... era protestante. Protestantismo, era Presbiteriana e ainda era mais conservador também, hoje a presbiteriana também passou por várias coisas. Mas com relação ao Protestantismo em casa, o Protestantismo local brasileiro era muito conservador. Então, era muito difícil administrar essas duplas regras e eu queria sair de Campinas e aí quando eu melhorei já estava transferida, “ta bom, mas eu não vou morar mais em casa”. Então, eu morei sempre em República, não morei mais em casa.

E: Aí você foi para o segundo ano?

M: Eu fui para o segundo ano em 67 em Campinas. E Campinas era uma faculdade nova, relativamente nova, começou em 64.

E: Quando eu estava no terceiro ou quarto ano.

M: Ela foi uma faculdade ao contrário de Botucatu, por exemplo, que foi mais ou menos na mesma época que foi uma faculdade nova, porém que começou um pouco velha. Por que, o que ela fez? Ao contrário de Botucatu, que exigiu que todos os professores fossem de tempo integral, enfim com projeto mais moderno de Pesquisa e tal. Campinas começou contratando muita gente que era “figurão” na USP e que ficaria lá algumas horas só dando o nome. O que depois fez toda diferença eu acho que ali em 67 e a partir de 68 foi o encontro da Faculdade de Medicina com a UNICAMP, que a UNICAMP então era... a Universidade que passou a ser a contaminação, uma maior troca de influência do que acontecia na Universidade, na UNICAMP. Trazendo gente nova e queria ser novo com a faculdade e eu acho que a vinda do Sérgio, depois da Ana e do Martins foi parte importante nessa abertura da faculdade com algo mais moderno, mas também de contexto político, mas nunca foi uma faculdade que valorizava, pelo menos naquele período, valorizava como Ribeirão a pesquisa, era mais tradicional nesse sentido. Bom, então eu vi que o Sérgio ia chegar, em seguida a Ana e a visão como terceira anistia foi de... realmente a chegada deles foi marcante.

E: Como que foi isso? Você estava estudando e eles foram ser seus professores?

M: Eu estava estudando e eles foram ser meus professores na Medicina Preventiva e aí tudo era diferente porque lá estava o Professor Tobar que tinha certa forma de fazer as coisas e eles chegaram e “vamos fazer tudo diferente” e a gente achava isso fascinante.

E: E como era esse fazer diferente?

M: Então... tinha muito mais conversa, muito mais contato, muito mais discussão, leituras completamente diferentes. O Tobar já tinha uma forma de ensinar e de fazer levantamento, ir para campo, mas a perspectiva com a chegada deles era completamente

diferente. Também fazer isso, ir para fora, não ficar só na faculdade e no hospital, mas... nem lembro se já tinha o centro de saúde?

E: Nós é que criamos o Centro de Saúde, junto com o Tobar, que primeiro foi no Bairro Jardim das Oliveiras.

M: Isso. Então, quer dizer tanto criar coisas em termos de serviços mesmos hospitalares e também a forma como eu vivi, eu sou uma pessoa mais de impressões e menos de datas, mais de sentimento. Foi de uma abertura de horizontes mentais.

E: E políticos, porque você era uma pessoa que tinha uma determinada posição política que não é uma posição digamos assim de direita nem nada, era uma vida como cidadã, era uma identificação.

M: Mas eu tinha uma vivência política não de linha de frente. No colegial eu estudei no “Culto a Ciência”, um colégio tradicional, tinha um movimento estudantil secundarista muito forte, o Geraldo Moisés tinha sido presidente da associação de estudantes, que é primo da Célia Leitão.

E: Ele trabalhou no Ministério da Cultura junto com o Weffort e fez um trabalho muito bonito no Ministério. O que teve no Ministério de legal foi isso que o Geraldo Moisés fez.

M: Mas tinha... eu por exemplo na vivência estudantil secundarista naquela época em 64 e 65 eu era muito suspeita porque era estrangeira: “você deve ser ligada ao imperialismo”. Então, eu queria sempre participar e... mas ao mesmo tempo por causa desse reconhecimento de que não existe uma verdade, uma única forma de ser, uma única verdade, então eu tinha uma certa dificuldade de também...de repente dizer assim: “só acredito nisso, você é a minha liderança e seguirei até a morte”, isso sempre foi difícil para mim. Seguir até a morte só se estiver convencida e não porque você me mandou fazer. Então, isso sempre eu acho que me marcou...

E: E a sua opção para fazer saúde pública foi nessa época ou você já tinha tomado essa decisão?

M: Não era uma decisão, não tinha essa decisão, eu mergulhei de corpo e alma no Departamento de Medicina Preventiva, fui monitora, mas então, mas no primeiro tinha sido monitora do (?) na Genética. No segundo ano eu fui monitora do Vital Brasil que era da Farmacologia, injetar veneno no rabinho de rato e aí terceiro e quarto ano eu fui da Medicina Preventiva e depois eu fui mais para Pediatria. Então, enquanto prática eu queria ter uma prática boa. Então, num dado momento eu percebi que eu queria ter o contato pessoal, era importante cuidar.

E: Então, quando você se formou o Arouca e a Ana já tinham ido embora?

M: Não. Eu me formei em 71, eles ainda estavam lá. Mas então, o que eu acho importante relatar é o efeito Arouca na chegada no meio estudantil na faculdade em 67. E que em 68, o Pinotti deve ter falado disso, foi um ano incrível, parou tudo, a Reforma Universitária, reuniões, reuniões, conversas, foi um ano muito especial. Outra coisa que eu acho importante registrar é esse acesso que a gente tinha como estudante, eu

freqüentava a casa deles, me sentia amiga deles, que é uma coisa muito especial e que eu acho que hoje em dia poucos estudantes de graduação conseguem ter com seus professores... eu acho que é uma coisa que se perdeu. E outra coisa que eu acho, que eu pensei e gostaria de colocar hoje é que eles falavam coisas muito interessantes e muito inteligentes e que eram fascinantes, você ficava escutando aquilo, estimulava a sua mente assim e que num dado momento, você começava achar que você também sabia aquilo. Esse foi um aprendizado com eles.

E: Virava ator, se apropriava do tema?

M: Você ficava ali e eles te tratavam como se você estivesse na altura deles, num dado momento começava a achar que de fato você estava ali meio que quase... não de igual para igual porque você mais escutava, mas você se sentia muito junto com eles. Só que aí mais para o final do curso que você então tem que começar a escrever, começar a escrever projetos. A percepção que escutar e acompanhar o raciocínio não é suficiente, né? Então, essa constatação de que na hora eu tinha entendido tudo que eles tinham falado e era brilhante e eu achava que aquilo era meu também, só que a hora que eu ia escrever aquilo saía umas coisas “horrendas”, primitivas. Então, essa percepção aqui, o conhecimento, o pensamento você precisa introjetá-lo e processá-lo internamente para se apropriar dele e só depois que ele vira seu, ou seja, não basta escutar, não basta acompanhar, você tem que também ler e escrever e você pensar e você apanhar, você digerir, foi um aprendizado também. E que eu acho que hoje me marca enquanto orientadora nessa percepção que muita gente não tem e que eu acho que aconteceu com um número de pessoas lá, que acharam que estavam acompanhando, acho que eles também um pouco acharam que mais gente estava acompanhando e que de fato estava acompanhando, porque eles eram tão irradiantes, irradiavam tanto que aí ficava em volta. Só que aí quando essa luz se desloca é que você vai ver o quanto que ficou mesmo introjetado. Eu acho que isso foi uma coisa que também seja algo que vocês perceberam, menos gente tinha de fato compreendido e introjetado coisas do que certos momentos vocês até julgavam, porque tinha muita gente em volta, muita gente acompanhando, mas realmente ter apreendido tudo que se estava discutindo e ensinando era muito menos gente do que se parecia em certos momentos.

E: Isso aí... deixa eu ver se eu coloco isso. Havia uma vocação de digamos assim, não sei que nome eu vou falar, educadores na gente. A gente tinha uma preocupação de trabalhar junto com a cabeça das pessoas. Isso é uma marca que eu e Arouca compartilhamos, a gente sempre teve isso. Eu sou uma orientadora que eu desarranjo a cabeça dos meus orientandos para que eles tenham que arrumar e trabalhar em cima. Então, eu sempre fiz isso, mas havia uma diferença, eu não tinha muita preocupação a não ser que todos entendessem, né? Eu tinha uma preocupação de que eu sabia que algumas pessoas eram pessoas que a partir de um tempo eu olhava para elas e elas olhavam pra mim e quando eu falava e quando elas falavam, eu sabia do que elas estavam falando porque eram pessoas que efetivamente exerciam pensamento e também liam. E que tinha algumas pessoas que falavam, que repetiam fórmulas e isso é uma coisa que eu sempre percebi. O Arouca não tinha essa preocupação, a preocupação do Arouca era entranhar cabeças para ter um maior número possível para realizar um projeto político. O Arouca sempre teve essa preocupação, ele é um cara exemplar desse ponto de vista. Então, a sedução do Arouca era uma sedução que ele trabalhou ela desde que ele era pequeno e que ele começou a se entender como um “animal político” e escolheu o lado dele. Então, o Arouca não dizia não, nunca dizia não, quem dizia não

era eu, quer dizer, essa coisa dentro da relação é uma coisa muito estranha e que acabou sendo muito pesado para mim, a partir de um determinado momento eu falei: “acabou, eu quero dizer sim, eu gosto de dizer sim, você diga não também”, mas o Arouca a vida toda ele foi assim, ele não dizia não. Porque a preocupação maior dele era essa e era uma coisa maravilhosa porque ele devia em determinado momento ter mandado tudo para o “inferno” e ele não fazia isso, entendeu? Eu mandava: “não quero mais discutir estou cansada, vai embora”, ele não. E a gente tinha uma forma de trabalho que a gente combinava essas duas possibilidades. Então, tinha momento que ele falava “não”, ele falava: “isso eu não vou, quem tem que ir para isso é a Ana, porque a Ana segura”. Então, era muito engraçado essa coisa, então essa preocupação, depois, muito tempo depois. Eu pensei sobre isso, aliás, pensei sobre minha análise que isso é uma coisa engraçada que a gente ... quando eu me separei do Arouca eu resolvi fazer uma análise porque eu achava que estava muito embolada, a gente estava muito embolado, pelo menos eu percebia isso. A gente não se distinguia muito, tinha umas coisas que a gente não se distinguia muito e eu estava perdendo muito porque mulher perde sempre mais, entendeu? A figura que aparecia era ele, tudo era ele, eu falei: “chega, eu não quero falar”, eu já tinha dito isso algum tempo antes, que isso de certa maneira marcou o andamento diferente para relação que acabou a gente se separando. Então, na verdade a partir dessa compreensão é que eu consegui... quer dizer dessa separação, que eu tive que elaborar. Ele é assim, ele é ele, eu sou assim, eu sou eu, mas eu posso dizer sim e não. Eu tenho que voltar a aprender a dizer sim quando eu quero dizer sim, eu tenho que ter essa guarda que está colocada em cima de mim e que é um dever, minha tarefa política dizer não, entendeu? Então essa coisa [...]

M: Tinha o “mauzinho” e “bonzinho”?

A: A gente até brincava: *a Ana é a “mázinha”*.

E: A impressão que eu tenho associado a isso, essa Pedagogia, tinha na verdade a expressão de um ideário, né? Você tinha um sonho?

M: Tinha um sonho. Eu acho que o Arouca ele provocava nas pessoas...

E: A utopia.

M: O lado melhor das pessoas, evidentemente as pessoas nem tinham consciência, de um lado de sonho, que tudo pode ser, de encantamento com... você pode olhar de um jeito diferente que você nunca pensou para as coisas e tal. E ele provocava quase que um fascínio, era uma coisa que era extremamente estimulante.

A: E era muito bonito você ver isso, era uma coisa de babar de você ficar vendo. Como eu estava do lado, você perceber esse processo indo e a pessoa se envolvendo, era uma coisa gostosíssima de ver.

M: Nossa que era uma coisa impressionante. Era absolutamente fascinante, só que num dado momento você tinha que perceber que só acompanhá-lo, não era suficiente para você realmente também ser capaz de ser aquilo, se apropriar daquele pedaço que ele provocava em você, mas você tinha que se apropriar daquele seu pedaço que você não conhecia e torná-lo de fato seu, porque só dependente do Sérgio não ia se sustentar.

E: Acho que inclusive não era isso que ele queria? Ele queria na verdade que a pessoa descobrisse a luz própria.

M: Não, não. Ele era também muito conhecido desde aquela época como um notório não bom julgador de pessoas, ele era um otimista incorrigível. Por que também o que acontecia? Ele via coisa boa em quase todo mundo, e a gente dizia assim: “aquela pessoa não é legal” e ele dizia: “não, ela é ótima, veja bem, não sei o que, ela tem isso e aquilo”, mas a gente dizia: “Arouca, ela não tem isso, isso... ela não é de verdade”. Ele provocava, ele achava, porque quase todo mundo tem pedaços bons, então ele tinha esse dom de achar e de provocar, achar um lado bom e um lado puro, um pensamento mais crítico em quase todas as pessoas. E aí ele também passava a achar que todas as pessoas eram assim e se enganava, ele aí nem sempre via o outro lado das pessoas que ocasionalmente era dominante... e aí ele se decepcionava e as coisas não eram bem como ele achava que iam ser, acho que já naquela época já tinha esse traço de ele ser inicialmente muito otimista com relação a natureza humana e as possibilidades das pessoas.

E: Maria, fala um pouco da sua vinda para São Paulo que você acompanhou um pouco de longe o processo e aí tinham outras pessoas aqui que foram muito importantes também para área de saúde coletiva. Trabalhando com Dr. Guilherme e tal... Seria interessante que você pudesse falar um pouco sobre isso...

M: Da forma de atuar e de pensar deles ao eu decidir que então, eu queria mais fazer pediatria, isso também... não quebrou a amizade, porque as coisas eram muito passionais naquela época e foi uma decisão que eu não achei fácil, mas que eu consegui discutir com eles que eu queria ser médica, tinha constatado que esse lado do contato pessoal, do cuidar, era importante e também professar essa percepção disso não fazia com que eu tivesse que abrir mão de pensar, de ser, de comprometimento político. Quer dizer, acho que o ponto importante é isso, da compreensão do Sérgio e da Ana, de que interessava que pessoas com as mais diferentes vocações profissionais, em forma de atuação estivessem comprometidas com uma perspectiva política, com uma perspectiva ética em lançar ao mundo... existissem. Então, eles não tinham freqüentemente... era no caso daquela época, “ tá, então você é da minha turma e, portanto tem que fazer igual eu” e isso não tinha e eu achei isso marcante, vale destacar. E aí em 1970 eu conheci... numa das coisas que a gente ia e que aparecia, o Eleotério também fazia parte desse cenário, era participar da Associação Brasileira de Escolas Médicas, ABEM, era uma frente de mobilização e discussão. E teve um congresso da ABEM em 1970 em Brasília, eu era muito amiga do Eleotério desde criancinha no início do ginásio, ele era meu amigo e eu fui para Brasília nesse congresso apresentar trabalhos de co-autoria com eles e aí eu conheci o Ricardo Lafetat Novaes que foi uma paixão, etc. e tal, e a gente começou a namorar e me formei em 1971 e eu então resolvi vir e o Ricardo até veio já conheceu também... quando ele veio pra Campinas o Sérgio e a Ana, e aí em 71... não em eu me formei em 71, em 72 eu vim fazer residência de Pediatria na USP e o Ricardo que tinha se formado em 70 em Brasília, com Eleotério, tinha feito residência, mas tinha uma crise política e por isso resolveu vir também para São Paulo. E ele veio para o Departamento de Medicina Preventiva, também por atuação do Sérgio, por conhecimentos, por conhecer... pela amizade e pela proximidade que existia com o professor Guilherme foi o que construiu, foram eles que ajudaram na vinda do Ricardo para o Departamento de Medicina Preventiva, como residente, então foi ali que começou essa atuação mais próxima com o Departamento de Medicina Preventiva.

Porque eu, apesar de estar na Pediatria, a Pós-graduação no Departamento de Medicina Preventiva foi a primeira Pós-graduação em Medicina Preventiva no Brasil, na USP, ela começou em 73, foi a “primerola” e aí eu fiz a minha Pós-graduação desde o início na Medicina Preventiva. Então, ali essa Pós-graduação era um projeto conjunto e que também todas as pessoas ali participaram, várias pessoas. E na discussão do projeto, do preparo dessa Pós-graduação e tinham figuras como Luís Pereira dando aula que era um sociólogo famosíssimo, depois tinha um da Educação da UNESP. Enfim, começou a Pós-graduação em Medicina Preventiva com um padrão absolutamente importante e significativo do ponto de vista acadêmico e isso era importante porque a criação do departamento de Medicina Preventiva na USP tinha sido difícil, o professor Guilherme deve ter falado bastante disso. Criar Medicina Preventiva numa faculdade tradicional como a USP e ser um baiano de fora etc. e tal foi também algo que só aconteceu porque teve em 68 o movimento estudantil. E a aceitação pela Faculdade da Medicina Preventiva era muito difícil, havia muita resistência então precisava... Essa Pós-graduação precisa ter um suporte externo, acadêmico e intelectual muito grande para se sustentar. Era docente já naquela época da Medicina Preventiva a Cecília Donangelo que tinha inicialmente sido contratada pelo Departamento de Medicina Legal e depois foi para Medicina Preventiva. E era residente ali nessa mesma época o Ricardo Bruno Mendes Gonçalves. Essa história dos Ricardos tem uma história engraçada porque ambos eram extremamente opinionados, e passionais, enfim, realmente radicais nas suas posições e nas suas opiniões. E aí o Ricardo Bruno tinha se formado, ele era da USP, ele era de Pinheiros e o Ricardo, o meu Ricardo veio de fora, e o Ricardo Lafetat então, chegou ali conhecendo todo mundo, não tinha conhecido ainda o Ricardo Bruno, isso no começo, em março de 72. E aí quando ele encontrou o Ricardo Bruno ele falou para o Ricardo: “Ah você que é o outro Ricardo?” E aí o Ricardo Bruno falou: “não, não, o outro Ricardo é você”.

E: Eu é que sou daqui, você que veio depois!!!!

M: Você que está chegando agora! E isso marcou o relacionamento deles para o resto da vida, se respeitaram, mas sempre teve uma tensão e em um dado momento os anos 70...

E: Sutilezas da vida, né?

M: É. Porque a Cecília era uma personalidade parecida com o Sérgio eu acho, aquele farol, sabe, aquela coisa estelar, muito inteligente, completamente passional.

E: Eu conheci ela, tive o prazer.

M: Completamente passional e ela então criava uma corte e ela tinha seguidores, adoradores, era muito visceral e ela também tinha esse dom do Sérgio e da Ana, o que eu estava relatando antes, de provocar nas pessoas o que elas não sabiam, o que elas tinham em termos de pensamentos e percepções. Agora a Cecília, como era mulher, a coisa era com uma certa disputa, tinha os favoritos, os que não eram favoritos e quem era favorito e num dado momento, eu acho que isso é interessante relatar, é no Departamento tinha assim, enfrentavam-se no cafezinho o Historicismo e o Estruturalismo. Hoje nos anos pasteurizados 90 e 2000 é quase impossível você entender isso, né? Mas isso mobilizava muito concretamente, entendeu? E a Cecília era historicista gramsciana, Ricardo Bruno era gramsciano, Emerson era gramsciano,

Emerson Mery, Gastão, enfim, essa turma. E o Ricardo resolveu ser estruturalista, ele era althusseriano mesmo e aí isso não podia, tinha que resolver esse dilema ali no Departamento, nos corredores do Departamento. Então, isso traduzido não pela Cecília mesmo, mas pelos seguidores que durante dois anos o Ricardo ficou na geladeira, ninguém falava com ele porque ele althusseriano e não podia. Então, a sala dele era no fim do corredor e ele então se dirigia todo dia até a sala dele, onde ninguém falava com ele durante o dia, depois ele ia pra casa. ele era bem “cricri” e não dava o braço a torcer. Porque eu falava: “Ricardo, porque você não berra naquele corredor lá, qual é a de vocês? Não sejam ridículos!” Porque ele ficava muito triste com isso e era uma das coisas que fazia ele chorar a vida inteira, entendeu? Esse gelo, mas ele não deu o braço a torcer. Eu acho interessante essa coisa dos anos 70.

E: Eu acho uma coisa importante também porque ele como tinha essa coisa do Althusser e tal ele discutia muita tese com o Arouca desse ponto de vista. Porque o Arouca usa o Althusser, o Arouca tinha uma veneração também pelo Althusser, uma coisa assim, mas o Arouca transava o outro lado também, né? Mas o Arouca era uma das pessoas, quando ele estava fazendo ele ia... e eu estava fazendo minha tese eu ia para discussão também então era uma coisa tão engraçada, porque a gente via perfeitamente que ele não tinha com quem discutir lá, e ele ia para Campinas ou quando a gente vinha se encontrar ele pegava e era doido para falar.

M: Porque ele fazia os cursos na Cidade Universitária, então tinha a Filosofia...

E: A Sara fez um comentário muito interessante, ela disse que a primeira vez que ela ouviu o Arouca falar, que o conheceu foi numa mesa em São Paulo, e tinha essa coisa, o Arouca vai falar e o auditório entupido e tudo e ela falou que foi lá, o ouviu falar, ele falou uma hora e pouca e não entendeu nada. Ela comenta isso que tinha uns textos cabeludos estruturalistas que ninguém entendia nada.

M: Porque uma coisa que foi acontecendo nos anos 70 que era diferente desse começo e final dos anos 60 é que as pessoas começaram... muito mais gente mesmo a estudar Filosofia, Política, enfim, Gramsci, Althusser, Marx. E aí para começar a delimitar mais um grupo, a saber, quem está dentro e quem está fora, passou a ver... o discurso começou a ficar mais fechado e mais hermético, então menos inclusivo. Então, eu acho que de fato às vezes... e era a discussão que eu tinha com Ricardo porque ele também era... gostava de ser incompreensível, entendeu? Era essa escuta, que você escreve e fala para hostilizar o ouvinte e o leitor? Para fazer ele se sentir um ignorante completo? Ou você quer ganhá-lo? Qual é... qual a motivação? Eu acho que tinha um dado momento... Porque o Ricardo Bruno também era assim... de não ser compreendido, “não entendi nada”. As pessoas ficavam e num dado momento era fascinante não compreender nada, era legal porque você se sentia bem ignorante e era legal você se sentir ignorante, para poder admirar.

E: Mas eu acho que aí tem um outro lado também...

M: Eu acho que aí era um lado menos inclusivo também.

E: É. Porque a formação que se tinha, por exemplo, porque isso a gente acompanhou porque a minha é um pouco parecida. Era uma formação de leitura de Ciências Sociais e de Política e tal de pessoas que eram militantes de partido. Quer dizer, não é que o

partido que colocasse, mas havia um direcionamento de leituras e um trabalho de burocratização de algumas questões. Na verdade você não discutia com teóricos no tempo todo da graduação e nem tinha Ciências Sociais em Ribeirão Preto. Então, quando nós chegamos em Campinas o que aconteceu é que a escola e que o pessoal que se instalou em Campinas nas Ciências Sociais, uma parte deles era um pessoal que vinha da França e trabalhava com Estruturalismo. Então, nós tínhamos muita leitura estruturalista ao lado do Marx que a gente lia. Você tinha uma leitura estruturalista *up to date* porque as pessoas liam, Canguillhem eu lia ele em francês, ele tinha sido publicado em lugar nenhum, ele tinha sido publicado na França e eu lia em francês e o Foucault também. Então, a gente tinha uma influência muito grande não só do Estruturalismo, mas de um Pós-estruturalismo que já estava se anunciando, quer dizer que ao mesmo tempo em que a gente falava o “Estruturalistês”... eu tinha um livro de Epistemologia da Biologia que era um livro de epistemólogo que trabalhava o Estruturalismo, mas nós tínhamos filósofos que nos diziam: “a estrutura não é suficiente para explicar mudança” e que aí por essa via por exemplo para mim que eu entrei de novo na discussão da História, né? Na questão da História e era possível a gente fazer uma releitura do Marx, era bem por aí. E o pessoal de São Paulo era um pessoal, das Ciências Sociais que tinha uma outra escola, era uma escola muito mais tradicional, do Luis Pereira e tal. E o Estruturalismo ele não chegava porque havia uma barreira e uma resistência dessa novidadeira aí, entendeu? Que era essa questão do Estruturalismo Francês. Então, tinha que ver a Cecília, ela foi formada nessa escola e nós éramos livres atiradores, não é para ver isso como uma coisa pejorativa não. Mas eram médicos que resolveram estudar e aprendizes que resolveram estudar Ciências Sociais e ficamos marcados por uma formação que de uma certa maneira colocava a questão do Estruturalismo. Então, a gente trabalhava com o que era histórico estrutural, o marco era histórico estrutural, estruturalismo histórico, para a gente conseguir juntar as coisas.

M: Que pra gente, até não sei se um cientista social, político ou filósofo é mais fácil fazer, mas na hora que você chegava mais perto dos caras da área: “não, você não pode fazer isso”.

E: Mas isso aí eu acho uma coisa muito interessante que é o próprio trabalho do Foucault, né? Porque o Foucault no “Nascimento da Clínica” ele junta coisas que não eram juntadas, para quem fazia Saúde Pública, para quem tinha um projeto político ajudou muito a obra do Foucault.

M: Ajudou, mas eu acho que o Foucault por ele fazer isso, mas ele faz isso com uma bagagem e aí o que aconteceu...

E: Fazendo uma crítica ao Socialismo na verdade.

M: E aí com uma bagagem de formação em Filosofia, então ele podia juntar. O que acabou acontecendo com o mau uso do Foucault foi que ao achar que as pessoas podem juntar coisas, as pessoas começaram a juntar coisas de uma forma “injuntable”. Então, o Foucault, digamos que liberou para a heterodoxia de certas fases e saíam umas coisas muito loucas e muito ralas.

E: Eu acho que ele ajuda isso, quando ele discute o Roucher e Bichat, para nós é muito interessante, para nós que eu digo quem é da área da Saúde porque junta coisas, que pra nós era difícil.

M: Mas eu acho uma coisa importante dos anos 70, e eu estou até relatando essas coisas com esse sentido. Até a gente fica num olhar sociológico do processo de construção de áreas de conhecimento, delimitação de fronteiras, identificação de grupos, tem que construir uma área e aí assim, então eu acho que tinha que ser um pouco desse jeito, jamais se constrói uma nova área de conhecimento de forma, de uma transição suave e progressiva, quer dizer, ela sempre se dá por meio de embates e tensões e delimitações. Eu acho que numa fase no final dos anos 60 era isso que a Ana estava dizendo de se ter uma leitura até um certo nível e mais aplicado talvez a certos objetivos. Nos anos 70 a Medicina Preventiva, de fato brasileira, quer se apropriar das Ciências Humanas, da Filosofia e aí se aproxima das várias escolas, isso gera uma movimentação muito grande e tanto até de resistência por parte de pessoas das áreas das Ciências Sociais e das Ciências políticas, dizendo que “você é amador, quem é você?” Como eu acho que muitos tiveram crises de pensar, “o que eu sou afinal?” Então, eu acho tanto o Ricardo Bruno como o Ricardo Lafetat eles acabaram optando por ser mais filósofos, enfim não abrir mão de ser médicos, mas tem horas que tem que haver umas escolhas. Então, eu acho que a ênfase, o “pé” ficaria mais ancorado nas Ciências Humanas ainda que sempre os dois a sua maneira mantiveram como foco de interesse olhar para a Saúde Pública e para Medicina como um fato histórico-social do conhecimento, mas se ancorando na Filosofia e na Ciência Política. No meu caso eu tive que fazer isso dizendo assim o meu “pé”, eu quero me apropriar, eu quero usar conhecimento dessas áreas, mas eu me interesse por questões que são e tem a ver com serviço de saúde, na área da saúde e com certo objetivo de mais aplicável. Eu acho que isso foi nos anos 70 e de uma forma dolorosa, né...

E: Imagina você que a gente está lá com o “pé” na ditadura. As questões elas podiam aparecer como questões teóricas e não como questões políticas, entendeu? Então, toda discussão ela caminhava e eu acho que foi o período em que o pessoal da área da saúde, da chamada Medicina Preventiva, mais estudou teoria e depois disso quando na abertura e não sei o que lá não mais, é por serviço, é por planejamento e essa preocupação da produção do conhecimento nesses termos que pudessem ser um pouco mais vamos dizer assim, respeitadores das teorias. Porque inclusive os próprios sociólogos quando na época da saúde com exceção de alguns, mas eles próprios eram como se fosse uma Sociologia que não precisa estar muito apurada, entendeu? Não é que... eu não sei te explicar isso.

M: Eu estou entendendo e concordo, mas eu acho que não foi só na Medicina Preventiva e saúde pública que estava se construindo a Saúde Coletiva. As Ciências Sociais, Ciência Política e a Filosofia também mudaram, ficaram também mais relativas. Mudou. Na França... eu fiz pós- doutorado na França de 90 a 92, pra ver política científica e tecnológica no governo Mitterrand, um cara da área de humana, economista me falou: “para um pouco com isso, assim olha...aqui na França o Marxismo, por favor...não use” Então, eu acho que as coisas que aconteceram não foram só internas, foram externas de se refletir.

E: Mas eu acho que isso inclusive se aprofundou, né?

A: Mas era diferente, a razão que não podia ser usado aqui naquele momento era uma razão política de repressão e lá é porque houve uma mudança...

M: Um entrosamento de uma teoria válida, enfim porque nos anos 70 as questões teóricas eram essenciais na construção da área, elas eram essenciais até para compreender o que estava acontecendo politicamente, um pouco é porque isso dava para fazer e até eu acho que os conflitos também pessoais e as questões teóricas também se apresentando com questões pessoais tinham também e refletiam essa característica de ser um grupo que se sentia cerceado, a gente tinha um pouco essa noção, porque também no Departamento de Medicina Preventiva, uma coisa que se falava: “a gente ali na Faculdade não era bem visto, ninguém, ninguém entrava muito no Departamento, da Faculdade, era um lugar esquisito, só quem era do Centro Acadêmico que ia lá, muito pouca gente ia lá”. E isso desencadeia um pouco de comportamento de “gueto” eu acho, quer dizer, se você está frustrado porque você não está conseguindo circular ali, você tende um pouco a se atacar internamente, se digladiar internamente, acho que tinha um pouco isso também, esse efeito, esse grau de paixão de disputa interna no Departamento, veja, eu acho absolutamente necessário e enriquecedor. Nesse sentido, ainda que em algumas coisas eu não tenha saudade dos anos 70 porque tudo era muito branco ou preto e as injustiças eram feitas, porque ou essa pessoa era boa ou má. E as pessoas às vezes eram vingativas, iam atrás. Por um outro lado a vida tinha uma cor e um sabor impressionante que não tem mais. Você morria e nascia diariamente por idéias, pensamentos, por desejos, foi um ano incrível. E acho que foi esse processo todo que foi necessário para depois construir e fundar a Saúde Coletiva, né?

E: Eu acho que essa descrição que ela dá das relações de Departamento de Medicina Preventiva da USP aqui em São Paulo explica um pouco porque a gente não pôde vir para cá. Porque essa coisa purulava assim e o Dr. Guilherme tinha muita dificuldade de equilibrar tudo isso porque ele tinha inimigos externos muito poderosos em vários níveis dentro da Faculdade e fora da Faculdade.

E: Ele foi o chefe do Departamento esse tempo todo?

M: Foi, quer dizer nos anos 80 foi chefe um outro professor, Wanderlei, mas a pessoa reconhecida mesmo como liderança sempre foi ele.

E: Ele repartia isso com à Cecília um pouco enquanto...

M: Ele e a Cecília faziam um certo jogo porque sempre tem, né? Um certo jogo.

E: Porque devia ter uma preocupação institucional, né? De reservar o espaço?

E: E dentro... ele tinha, além disso, o lado dos quantitativos, entendeu? Se você dentro da questão teórica tinha essas discussões e esses balizamentos...

M: Que era a origem dele.

E: Mas dentro do Departamento tinha um contingente que era de epidemiologia e da epidemiologia tradicional clássica. O Dr. Guilherme, talvez fosse... depois apareceram outras pessoas, mas num determinado momento o Dr. Guilherme era muito mais avançado do que as pessoas da epidemiologia que estavam dentro do Departamento. Ele mais velho, muito mais velho tinha uma posição muito mais aberta em relação a epidemiologia que alguns dos seguidores dele, por exemplo o nosso amigo baiano, o Euclides Castilho, entendeu.....

M: Ele sempre foi uma cabeça teórica... O Euclides era o discípulo.

E: Mas ele não se aventurava, ele preferia que a coisa ficasse na quantificação, e essa coisa toda que fizeram com ele sempre foi uma coisa muito atrapalhada, ele nunca conseguiu manter o diálogo com o outro lado.

M: E esse embate riquíssimo que eu acho produzir teses incríveis e o professor Guilherme o que ele nos fez fazer que era uma crítica, era depois criticado era que na pós-graduação nós todos tivemos que fazer mestrado, pra depois fazer doutorado sendo que outros departamentos até deixaram o pessoal fazer mestrado direto. Então o sarrafo... os nossos mestrados foram de altíssima qualidade e *a posteriori* se descobrirem doutorados, isso seguiu de certa forma a articulação...o jeito do Guilherme articular esses conflitos era não deixar ninguém, não ter que escolher... “você pode fazer doutorado e você faz mestrado”, o jeito dele lidar com isso é que todo mundo fez mestrado e isso por que administrar esse conflito era muito complicado. E no departamento no início dos anos 80 o quantitativo era quase nome feio, o que realmente dominava e a única coisa realmente interessante, importante, valiosa e significativa era a questão política.

*Depoimento de Ana Maria Canesci
(Campinas - 29.04.2005)*

E: Ana, a idéia do vídeo a gente tem gravado bastante coisa porque a gente pensou em criar um banco de depoimentos. Porque independente do que a gente venha usar no produto final... da gente limpar essas fitas e deixar esses depoimentos como registro dessa pesquisa toda, e aí outras pessoas depois possam usar, então estamos pensando em deixar um acervo para Fundação Oswaldo Cruz, a gente pensou em doar. Então... também para não ter problema se falar demais e tal... porque televisão tem muita aquela coisa de, corta, corta e a gente não, né? É quase um depoimento mesmo.

A: Então, seria rotular em cima porque aí não vai ter isso.

E: Começa falando seu nome.

A: Eu me chamo Ana Maria Canesci, sou professora aqui da área de Ciências Sociais do Departamento de Medicina Preventiva e Social da Faculdade de Ciências Médicas. Estou neste Departamento há quarenta anos, tenho produzido na área de Ciências Sociais, particularmente em relação a Antropologia da Saúde que depois de quarenta anos a gente acaba trabalhando em muitas direções, né?

E: A sua formação, você é professora de Antropologia?

A: Ciências Sociais e Medicina. Mas nesse momento meu maior interesse na linha de Pesquisa tem sido na linha de Pesquisa de Antropologia e Saúde, particularmente a relação de cultura e saúde e as doenças crônicas.

E: Eu sou antropóloga. Bem, eu acho que você podia começar dizendo como que você conheceu o Sérgio Arouca.

A: Pois é, isso foi há muito tempo. Por volta de 1967, quando o Sérgio chegou aqui na Universidade. Eu já estava aqui desde 1966, um pouquinho antes e o Sérgio compôs junto com uma equipe os primeiros professores deste Departamento. Éramos todos muito jovens, idealistas, vivendo um momento difícil nesse país, mas eu me lembro muito bem de todo entusiasmo que todos nós tínhamos em construir esse Departamento e firmar naquele momento este Departamento da Escola Médica e particularmente o Sérgio foi uma das pessoas que incentivou a busca de novos caminhos, e eu me lembro da tese dele que foi uma crítica ao modelo da Medicina Preventiva e fechou este trabalho e ele vivia isso também, não era só uma reflexão teórica, mas também na inquisição prática dentro de uma perspectiva política que ele sempre teve. E toda a reflexão crítica que Sérgio fez nesse trabalho fazia parte de uma discussão que esse grupo estava levando à frente no contexto do conjunto dos departamentos de Medicina Preventiva do Estado de São Paulo. Lembro das reuniões de Medicina Preventiva; se hoje nós temos grandes congressos naquele momento eram as pequenas reuniões do grupo da Preventiva aqui do Estado de São Paulo. E a gente tinha muitos companheiros naquele momento, pessoal de Ribeirão, Botucatu, do Instituto de Medicina Social também, enfim era uma interlocução até internacional porque havia parceiros internacionais, né? E foi graças a essa interlocução, que se puxou o fio de uma inquietação política mesmo em relação aos modelos de Medicina Preventiva que

naquele momento circundava a América Latina. Então, eu acho que o Sérgio desempenhou realmente um papel importante nisso e que faz parte de toda a história da reconstrução desta área que acabou ganhando a denominação de Medicina Social.

E: A gente lendo um pouco dessa história, a gente sabe que nessa época vocês faziam uns trabalhos práticos, né? Então, você poderia falar um pouquinho dessa Liga Brasileira de Combate à Doença de Chagas? E o centro de Medicina Comunitário? Esses trabalhos mais práticos de Medicina Comunitária.

A: De fato nós tivemos aqui dois grandes trabalhos, digamos, práticos e que foram... Eu diria que esse foi um trabalho que envolveu toda a equipe, o Departamento...

E: Só um momentinho, eu vou te pedir para você repetir, porque como ele tossiu... só começar a frase novamente.

A: Nós tivemos aqui duas linhas de trabalhos práticos que se iniciaram na segunda metade ou que se iniciou na segunda metade da década de 70, que nós chamávamos BJO, que era o bairro do Jardim das Oliveiras. Que foi um trabalho de visita de levantamento sócio-econômico das famílias, de relação também com associação de amigos do bairro, com as escolas, que tanto incluía atenção médica quanto um trabalho mais amplo, do estilo, vamos dizer, da chamada participação comunitária daquele momento. E que todos nós participávamos. Claro que foi um trabalho isolado que naquele momento nós tínhamos um contexto de política de saúde em que o acesso era muito restrito e justamente esse trabalho eu acho que... E o Arouca ajudou a refletir sobre essa crítica, até nesse tipo de intervenção daquele momento que estava à margem daquilo que se tinha disponível em termos de atenção médica. E era muito difícil, vamos dizer, entender um trabalho onde eu me lembro que desde os exames médicos e a vinda de pessoas deste bairro para a Santa Casa, porque não era nem um hospital universitário dos moldes hoje que nós temos da UNICAMP, era um trabalho feito assim que a gente levava nos próprios carros, era uma coisa assim muito precária, né? Então, chegou no momento que foi montar o projeto com maior magnitude já na instância de prefeituras municipais, né? Então foi quando se iniciou o trabalho de Paulínia que naquele momento tinha uma relação grande do Departamento com Paulínia. E eu quero lembrar o papel do Arouca nisto que foi pensar também, ajudar a pensar. Que papel teria toda essa equipe? Eu fazia parte naquele momento da equipe de frente do programa, que estava lá no centro de saúde. Que papel nós teríamos? E as interrogações eram: como instituir um novo modelo de atenção à saúde no Brasil? Então, essa era a reflexão que estava por trás de um trabalho que ali estava localizado com a Prefeitura e tudo mais. E eu me lembro...

E: Quer dizer, era um balão de ensaio?

A: Era um balão de ensaio, exatamente, que já naquele momento também de uma maneira informal. Eu me lembro que o Arouca, eles tinham lá um conjunto de alunos aqui da Faculdade de Medicina que estavam ligados a um laboratório de Educação Médica chamado LEMC... onde também se fazia uma assessoria e estimulava outros municípios também a começarem um trabalho dessa natureza. Então, Campinas teve um grupo muito grande de alunos, monitores, como se chamavam e que hoje são e foram secretários da Saúde e estão aí no metiê todo da Saúde Coletiva, que tiveram uma iniciação na gestão do serviço de saúde onde se pensara a gestão em novas formas

naquele momento, inclusive até com esse “prêmio gestão participativa”, esse elo em relação à participação da população era uma questão que se colocava naquele momento.

E: Quer dizer, essa idéia de gestão participativa já estava ali presente nessa época, né? E como você via isso? O que quer dizer isso exatamente, gestão participativa?

A: Naquele momento era estimular os movimentos sociais, estimular a população, os usuários que organizadamente trabalhariam ou ajudariam, vamos dizer, a formular a gestão, participando dos conselhos gestores que nós chegamos a constituir no próprio Centro de Saúde de Paulínia, para se pensar a presença do usuário na formulação também da política e não só de uma reivindicação pura e simplesmente em relação a demanda relacionada à atenção médica, que essa era uma questão muito presente naquele momento, como eu disse que era o momento em que se tinha uma dificuldade de acesso muito grande para a população no serviço de saúde. Então, a tendência era que ela reivindicasse a presença do serviço, mas a gente queria mais do que isso, não só a mera reivindicação, os movimentos de abaixo assinado para se querer serviço. Eu acho que isso fez parte de uma pauta de discussões e reflexões que eram muito intensas aqui no Departamento e esse LEMC, nessa discussão do LEMC, Arouca, Pellegrini, a própria Ana, Célia, Chico Viacava, Simão, Eleonora, eram pessoa... Caniço... que ajudaram...o Joaquim Cardoso de Melo, também...

E: Ana, fala um pouquinho do programa que o Joaquim fazia de divulgação. Conta um pouco para eles como era esse programa, porque você estava muito perto dele também.

A: Então, esse programa de educação não é uma Educação Sanitária nos antigos moldes que se tinha, que a saúde pública tradicionalmente trabalhava em termos de uma Educação Sanitária que queria levar mensagens comportamentais de alteração de comportamentos.

E: “Campanhista”, né?

A: Nem chegava a “campanhista”, eu acho que era transmissão de mensagens mesmo, né? Envolver campanhas, mas poderia envolver também trabalhos de grupo direto com a população, mas sempre dentro de uma perspectiva em que os técnicos eram os porta-vozes de um saber. Eu acho que essa era uma discussão tão importante e eu acho que teve a presença e a influência toda de Paulo Freire, nós líamos muito Paulo Freire, na minha ocasião se debatia muito. E particularmente o Joaquim que era uma das figuras ligadas, coordenava esse grupo que trabalhava no Centro de Saúde de Paulínia, tinha uma grande admiração por Paulo Freire. Então, eu me lembro bem que se falava na “crítica da educação bancária”, que era um pouco dessa idéia do técnico que vai e impõe suas idéias e tudo mais. Então essa participação, vamos dizer, que tinha a ver com o movimento pelo resgate da cidadania, apesar de ser um momento tão difícil em que se vivia em que realmente a democracia estava inexistente no país. Então, a gente pensava já em como levar uma participação e levar uma educação que tivesse em vista esse desenvolvimento mesmo da cidadania, então transcendia simplesmente a questão de levar receitas ou prescrições à própria população.

E: Quer dizer que tinha um aspecto assim de incorporar a participação popular, enquanto formuladores políticos?

A: Enquanto formuladores políticos e enquanto cidadãos também.

E: Agora esse é um movimento de mudanças de mentalidade porque na verdade eu imagino naquele momento principalmente que a população devia estar... quer dizer, vendo a questão da saúde, do médico, como alguém que vai atender uma demanda específica, mas nunca como alguém que vai... quer dizer, não estava se vendo como possível parceiro nessas discussões. Então é uma mudança de 360 graus.

A: Exatamente. Eu retornei ao bairro em que nós trabalhamos e fui entrevistar uma das pessoas, isso foi no ano retrasado, nessa última pesquisa.

E: Interessante.

A: Retornei. E uma das pessoas que nós havíamos trabalhado e que conhecia inclusive muito o Joaquim e que conhecia toda a equipe lá do centro de saúde, eu reencontro, e essa pessoa por incrível que pareça pergunta naquele momento como é que estavam as pessoas, as pessoas que participavam do bairro. E ela ainda fazia parte atualmente de movimentos populares e inclusive era uma pessoa muito politizada, muito politizada no Congresso e muito diferenciada realmente. E eu me lembro que ela iniciou essa participação naquele momento nosso lá, dividindo, vivendo ali e participando das reuniões do o grupo escolar e tudo mais. Ela tinha um discurso bastante crítico e eu sentia e percebia que ela tinha uma visão dos caminhos políticos do país e tudo mais. E eu fiquei muito contente com isso porque eu acho que isso foi um legado, vamos dizer, de um momento de quarenta anos atrás, que ainda tinha ali presente...

E: Quer dizer, uma lenta construção?

A: Claro, claro.

E: E também tem uma coisa do método que era usado, né? Eu me impressionei muito... o Joaquim foi meu professor na FIOCRUZ, na especialização de saúde pública, que a gente chamava de curso básico, né? Ele me deu aula de Educação e Saúde. E eu fiquei muito impressionado com a maneira dele abordar os temas, mas mais impressionado eu fiquei foi com a simplicidade dele. Todas as matérias que a gente tinha, Planejamento, Epidemiologia, o professor vinha ou com as apostilas ou então com as referências bibliográficas imensas, aquelas apostilas que a gente tinha que tirar xerox. E o Joaquim chegou na sala e falou assim: “minha referência bibliográfica é um livro que chama: Conversa com quem gosta de ensinar, do Rubens Alves”, aí eu saí de lá todo contente para comprar o livro e quando cheguei lá um livro dessa finura assim e desse tamanho, como se fosse um...ai eu pensei “como é que esse camarada vai dar um curso pra gente baseado nesse livrinho aqui?” Aí na aula seguinte eu comentei com ele: “vai ser só isso aqui?”, e ele disse: “E isso aí é muito, vocês não vão dar conta do livro durante o curso”. E é incrível porque ele naquela metodologia, também muito participativa dele, ele fazia a gente fazer toda reflexão a partir da própria experiência, da vivência...cada um tinha que fazer um trabalho prático, né?! E isso me impressionou muito, a maneira de abordar a própria Pedagogia do Ensino.

A: Naquela época a gente lia a Pedagogia do Oprimido, coisa do Paulo Freire, que era, nós vamos dizer... para quem estava associado a isso...

E: E você tem alguma... nessa passagem, nesta experiência de vocês, quer dizer, de ter participado disso, de terem realmente aprendido com outras pessoas de outros campos. Por exemplo, você estava falando dessa pessoa que você reviu agora, conversou, quer dizer, esse aprendizado com o outro, com essas outras pessoas com as quais vocês entravam em contato, tem algum caso interessante que você pudesse lembrar?

A: Da troca vamos dizer, né? Eu acho que a gente aprende eu diria assim um tipo de aprendizado, vamos dizer assim... formal, mas eu acho que você experimenta, vamos dizer, uma troca e aprender a olhar o outro, a respeitar o outro, a não ser etnocêntrico em relação ao outro, não é? E... claro, eu não sei até que ponto ainda naquele momento, a gente ainda muito jovem, estava absolutamente preparado, vamos dizer, para transmitir esse tipo de..., lidar com esse tipo de aprendizagem como você acaba de dizer que o Joaquim já tinha adquirido porque já era uma época de grande maturidade já. Talvez a gente ainda fosse um pouco autoritário na relação com os outros, né? Embora se colocasse nessa atitude de querer aprender, mas acho que de vez em quando a gente ainda passava algumas coisas normativas e tal porque é difícil...

E: Eu tenho a impressão... que mais que tudo quer dizer eu, eu aprendi a ouvir as histórias que os pacientes traziam através das suas doenças e que refletiam e que eu gostava que as pessoas me contassem histórias. Eram histórias de vida que eram completamente diferentes da minha, da experiência de lidar com os filhos, com a casa, com o trabalho, inclusive com o próprio corpo, né? A coisa que me chamava muita atenção é que quando eu via aquelas senhoras e eu tinha nessa época 30 anos, e eu encontrava aquelas senhoras no ambulatório de Ginecologia e Obstetrícia, que a gente fazia Pré-natal, que eu encontrava aquelas senhoras e eu olhava para elas e elas pareciam que eram todas senhoras mais velhas que eu. E um dia uma mulher me disse... eu falei com ela, “mas escuta, por que você tem essa posição de estar achando que viveu tanto?” Ela pegou e falou assim: “quando a senhora tiver a minha idade”, aí eu perguntei a ela, “mas que idade a senhora têm?”, e ela disse: “Eu já sou velha, 25 anos”. Então, de repente eu me dei conta que o tempo cronológico e o tempo de vida de diferentes pessoas, que estavam em diferentes lugares na sociedade e tinham diferentes experiências era completamente diferente. Isso é um exemplo, mas você tinha várias possibilidades de apreender a vida, não como ela era e não com estava escrito no livro de Medicina nem nos livros de Sociologia e nem de nada. Era uma outra coisa, era gente e isso foi uma coisa muito bonita desse programa que acho que as pessoas desfrutavam isso cada um de uma forma diferente, mas que foi uma coisa assim de respeito diferente, não era nem a coisa da ética não. Era o confronto com outro ser que também era como você, mas que era diferente. Então, essa coisa, foi muito importante para nós, principalmente quem era militante do Partido Comunista que era cheio de regras, isso era uma lição danada e foi de certa maneira, para muitos de nós, uma forma da gente relativizar a dureza das militâncias, entendeu?

E: Ana, eu gostaria que se você achar...

E: Você falou que tinha duas experiências, ela não falou da segunda ainda.

A: Então, na segunda eu estou me referindo a Paulina porque a primeira foi no bairro do Jardim das Oliveiras e a segunda Paulínia.

E: Como era essa coisa de estar no campo do conhecimento, da produção de conhecimento, da reflexão teórica, estar entrando com as Ciências Sociais de maneira planejada, vamos dizer assim na Saúde Pública, e de alguma forma que papel o Arouca teve nisso daí? O que acontecia naquele contexto lá que levou vocês a seguirem esse caminho?

A: Eu acho que teve uma motivação mais ampla, vamos dizer, no contexto desta Escola Médica, como também de outras escolas, no sentido de introduzir as Ciências Sociais no campo da saúde por força mesmo da Reforma Curricular de 1968. Quer dizer, era uma coisa que estava posta...

E: A sua formação? Você vem da Sociologia?

A: Eu venho do Serviço Social, depois eu fui para Sociologia, aliás, para Antropologia e me transformei em professora aqui do departamento.

E: Você cursou aqui Antropologia? Em Campinas?

A: Não eu tive formação no exterior também, *post doc* na Inglaterra, depois nos Estados Unidos. Então, a gente... fiz na Universidade de São Paulo, não só, exclusivamente aqui em Campinas, também frequentei o Instituto de Ciências Humanas daqui, mas enfim, criei, consegui uma formação que não é só local, é internacional também. Passei dois anos na Inglaterra no *Universit College London* e depois no Chile. Mas no Chile eu trabalhei mais com Planejamento Econômico e Social e Análise de Políticas Públicas,

E: Com a CEPAL?

A: Na CEPAL. E Depois estive mais recentemente nos Estados Unidos na Universidade de Austin, Texas, aí mais ligada no Departamento de Sociologia, embora tenha também frequentado cursos na área de Antropologia.

E: É porque eu acho interessante a gente marcar aqui que é essa geração de vocês que eu acho que esse período que vocês estão vivendo dessa década de 70 que faz essa junção, das Ciências Sociais com a Medicina e a Medicina Pública que depois passa a se chamar Medicina Coletiva, né? Essa passagem, né?

E: Na verdade dá um *upgrade*, quer dizer, dá a mudança de olhar, porque isso já estava colocado como de certa forma um behaviorismo. A questão do comportamento da sociedade, a regulação já era colocada anteriormente. A antiga Saúde Pública, vamos dizer, trabalhava com isso, acho que o que tem de novo é que eles trazem não só para uma reflexão mais ampla no sentido da... se eu estiver errado vocês me corrijam, no sentido da construção de políticas públicas mais integradoras, né? Que dessem conta da saúde no momento diferenciada, como também essa questão da produção de conhecimento e produção e introdução no currículo deste novo olhar, mas é importante também ter claro que isto já havia, a própria escola americana já trabalha com sociologia na medicina, já a algum tempo.

A: É na verdade eu acho que você tem toda a razão, nós nos defrontamos exatamente com essa produção anterior que veio com forte influência da sociologia norte-americana, da antropologia, você tem desde os anos 40, por exemplo, a presença de

antropólogos também no Senado brasileiro, latino-americano, para introduzir o então CESP, estudos e também um tipo de intervenção Médico-Sanitária. Então, quer dizer, essa bagagem existia e eu me lembro, claro, que nos primeiros cursos que nós demos, a bibliografia nacional era muito pequena. Então, nós tivemos muitas vezes que traduzir muitos trabalhos. Mas de fato a virada, vamos dizer, dessa reflexão eu acho que nisso a corrente de Medicina Social, e aí a presença do Arouca que especificamente aqui nesse Departamento também foi muito importante. Porque essa minha geração e todos nós, quer dizer nós íamos atrás de uma formação lendo Marx, lendo *O Capital*, lendo Foucault, são os estruturalistas franceses, mas enfim, um pensamento crítico que também estava presente naquele momento que se contrapôs a toda essa Sociologia mais funcionalista, de uma Antropologia também mais funcionalista e que foi assimilada por esse grupo para fazer uma reflexão que conduzisse, vamos dizer, a uma renovação do ensino tanto da Sociologia quanto da própria Medicina Social.

E: Que ao mesmo tempo se confundiu com a luta contra a ditadura, porque se misturava com isso também...

A: Mais ou menos. Eu acho que... quer dizer, tinha essa dimensão política, mas tinha uma dimensão acadêmica também que era importante porque...

E: Talvez misturasse os atores, não é?

A: É, misturasse os atores, mas a gente tinha também a clareza que nós tínhamos que dar conta, vamos dizer, de uma constituição de disciplinas que vai ensinar ao aluno de Medicina também a refletir sobre essas questões mais críticas, com o auxílio dessas ferramentas que vinham da Sociologia crítica latino e norte-americana... latino-americana, da coisa do Foucault também, quer dizer que te dá um paradigma da Medicina, refletir sobre qual é o papel da Medicina, como que ela... seus paradigmas. Enfim, tinha uma reflexão filosófica, crítica, sociológica, tudo. Eu até estava relendo sobre essas questões há pouco tempo, então há um autor diz: “era uma estranha combinação”, muito ironicamente, porque era o texto do Foucault junto com a Teoria da Dependência, junto com os textos do Althusser, da Martha Harnecker, e era exatamente isso que existia naquele momento e esse autor é um sociólogo que também fazia parte dessa corrente da Medicina Social...

E: Mas é uma época em que pensar criticamente já era considerado subversão.

A: Claro, não há dúvida.

E: Então, nesse sentido que eu estou colocando assim que essas coisas se misturavam, por exemplo, ontem a gente ouviu uma pessoa, o José Rubens, que vai contando um pouco como que inclusive o Sérgio Arouca é mandado embora de Campinas. Então, como que esse movimento começa a ameaçar e o Zeferino vai e resolve...

E: Terminar o assunto?

E: Inviabilizar a defesa de tese dele que fica um ano esperando para ser defendida. Então, nesse sentido, quer dizer, não sei, estou remontando um pouco a época... essas reflexões, essa ação dos movimentos, ela eram vistas também por essa direita e por esse grupo que estava no poder, como uma coisa muito subversiva, né?! O que talvez hoje seja outra coisa, né?

A: Eu acho que a gente tem que qualificar um pouco as coisas. A Universidade de Campinas no contexto da ditadura foi um oásis do marxismo, por incrível que pareça, era uma coisa tão contraditória, na época... eu vivi esta época também. Quer dizer, ao mesmo tempo em que você tinha um contexto de ditadura, se tinha vamos dizer, a presença de órgãos que viviam o SNI, aqui controlando, ao mesmo tempo você tinha uma convivência com as teorias mais críticas da época. No Instituto de Ciências Humanas, aqui você também discutia, se estudava, quer dizer, a Universidade era vista como que o “curral dos marxistas”. Então... eu me lembro até de uma imagem do Movimento Hippie, “ele pode fazer tudo que ele quer desde que bem controlado e cercado”, era um pouco esse o espaço que nós tínhamos aqui.

E: Mas talvez o Sérgio Arouca tenha dito um pouco a mais, né? Porque não queriam deixar que ele fizesse tudo que queria.

A: Então, eu acho que aí vem a questão política. O Sérgio Arouca trouxe dois depoimentos dele sobre essa crise aqui. O primeiro foi uma conferência que na época eu era chefe de Departamento, eu o convidei para comemorar os 25 anos do Departamento e ele fez uma palestra que a gente tem gravada e tal e uma outra que ele recebeu um convite, isso há uns seis anos atrás mais ou menos, também da Faculdade de Ciências Médicas que queria lhe prestar uma homenagem. E eu ouvi a versão do Arouca sobre essa história, até então não tinha ouvido porque eu vivi e vivia a história como parte dos agentes que estavam sendo naquele momento como comprimidos aí pelo próprio Zeferino Vaz e tudo mais. Então, tinha atrás disso tudo, e isso o próprio Arouca colocava, a militância dele no PCB, isso era uma coisa, um partido clandestino naquele momento, não se esqueça disso. Quer dizer, então, e os elos eram muito maiores do que simplesmente só num contexto menor, institucional, de um Departamento de Medicina Preventiva. Então, se contrariava também outros interesses inclusive no contexto da própria universidade, através de alianças que o próprio Sérgio Arouca fez contra o reitor, e ele mesmo usa essas palavras “eu perdi para o Zeferino Vaz”, quer dizer, quando eu ouvi isso na última conferência que ele fez eu entendi todo o processo. Era uma disputa também, que ele e outras figuras da universidade estavam envolvidos e que significava uma oposição muito forte ao Zeferino Vaz.

E: Por outro lado, ontem nós estávamos ouvindo o Dr. Guilherme e o José Rubens e eles estavam comentando assim, vendo retrospectivamente, com o olhar de hoje, eles estavam falando que o Zeferino Vaz teria sido um perdedor porque de fato essa noção positiva de subversão que o Sérgio Arouca trazia, quer dizer, alguém que rompe com as fronteiras e consegue fazer uma tese que não só mexe academicamente, mas mexe...

A: Acho que aí já é outro nível e num outro plano.

E: Num outro plano, ele conseguiu fazer valer uma tese que ele veio construindo...

A: No plano institucional de imediato eu acho que essa perda é uma perda política num contexto das lutas internas aqui das disputas para o poder, pelo poder.

E: O projeto dele era ficar aqui, né?

A: Agora num plano... eu concordo perfeitamente com você, num plano mais amplo do que significou todo esse movimento da Medicina Social e que repercussões políticas ele teve para o setor de saúde isso não tem dúvida de que foi uma grande revolução, que a gente vai ver os resultados lá com a construção do SUS. Quer dizer, então, é uma coisa muito mais complexa que transcende as meras querelas institucionais e brigas pelo poder.

E: Já que a gente está focando essa homenagem que nós estamos fazendo ao Sérgio Arouca, porque o projeto tem esse foco, talvez essa trajetória do Sérgio Arouca para eles fosse mais importante esse trabalho de conseguir tomar o poder, de poder do Estado, ele vai reformar o Estado e colocar uma política nova, quer dizer, tudo isso que foi sendo “gestado” é mais importante que isso, do que exatamente uma carreira acadêmica, né?

A: Claro. Se eu tivesse ficado aqui, eu avalio assim, eu acho que teria sido uma perda, sabe? Pensando, bom um professor só dentro de um departamento de medicina preventiva. Acredito que nem ele teria, vamos dizer uma ambição de ficar estritamente nesses muros institucionais porque ele não era o tipo de personalidade, era uma pessoa muito particular. Então, eu acho que ele ter ido para o Rio ou sei lá, para um outro centro muito maior, mais próximo de articulações de poder nacional e até ir para uma Escola Nacional de Saúde Pública, que eu acho que ele tem muito mais sensibilidade, me desculpa... um pequeno departamento preventivo de Ribeirão ou o nosso aqui também ou que fosse em Botucatu ou de qualquer outra cidade.

E: Claro, evidentemente dentro do projeto dele, porque eu acho que tem outros projetos como, por exemplo, o projeto de construção de uma universidade, o departamento, quer dizer, eu acho que as pessoas que tem esse projeto aí é isso, eu estou pensando dentro do ponto de vista do projeto dele.

E: É interessante que realmente na prática ele exercitou isso. Nós tivemos uma entrevista com... foi muito interessante, que foi com a Sônia Fleury e a Sônia Fleury fez parte da equipe do PESES, que o Arouca coordenou depois, e num dado momento ele percebe que eles fizeram a produção vamos dizer assim de retaguarda, teoricamente o projeto estava montado e ele chegou lá um determinado dia e falou assim: “eu estou indo embora”, acabou. Quer dizer, certamente, ele faria isso aqui também, acho que houve uma interrupção, ele era jovem, acho que para ele deve ter sido muito doloroso porque estava começando a carreira, deve ter dado muita insegurança do ponto de vista de onde é que ele ia fazer o pouso dele para começar de fato a se sustentar profissionalmente e financeiramente e etc., e também dar conta do recado da vida dele. Mas, eu tenho essa percepção de que realmente se ele tivesse ficado, ele ia também fazer a ruptura dele porque ele fez isso mais adiante já inclusive mais maduro, não é?

A: Eu acredito nisso.

E: Inclusive neste exemplo que você está dando da Sônia Fleury... que ela relatou, quer dizer, não tinha nada... pelo contrário, era um projeto que tinha dinheiro, o projeto estava cheio de dinheiro e ela falou para ele: “você é louco! Agora que a gente conseguiu dinheiro, o que eu faço, vou devolver o dinheiro?” E ele disse assim: “não quero saber, não quero mais ficar, agora meu negócio é outro”.

E: E disse isso, vou fazer política, vou fazer política de saúde. Se aprofundou no CEBES e depois até chegar na 8ª conferência.

E: Aí ele já deslumbrava essa possibilidade de uma transformação dentro dessa via do Estado. Então, eu acho que é uma perspectiva dele, agora é claro que de fato nesse momento me parece um muito difícil, foi traumático.

A: Pra todos nós.

E: Agora, tem umas coisas muito interessantes nisso que a gente está vendo nessa história porque de certa maneira com a personificação, a pessoa do Arouca ter vivido essa turbulência toda pré-ditadura, a ditadura, o golpe e o período depois da resistência, depois a construção da alternativa, a redemocratização, a VIII Conferência e a entrada do setor saúde na nossa primeira Constituição, não sei se a gente já falou isso aqui, mas essa foi a primeira Constituição brasileira que tem a ver com a saúde, não se falava de saúde na Constituição brasileira, é de 88 para cá que tem. Então, realmente é incrível e é interessante que a contradição e o paradoxo da vida, mas num certo sentido o Golpe Militar... e isso é uma coisa que a gente vê inclusive no depoimento também do grupo lá de Ribeirão Preto que nós entrevistamos, colegas do Arouca de faculdade e quem fez mais política com ele estudantil e etc. É que com o golpe ele faz a união da saúde e da política, o que ele não fazia antes. Ele não conseguia fazer porque o universo dele era muito mais aberto, eles tinham lá quase que um soviete lá... e tomar o poder em algum momento, era o que a juventude lá dizia, vários disseram isso: “nosso objetivo aqui era ocupar o poder”...

A: E eu acho que ele trouxe um pouco disso aqui para o contexto...

E: É interessante porque a dificuldade com a ditadura que fez com que ele fazer o caminho de fazer aproximação da política e saúde e aí aproveitou o que tinha de bom aí pelo mundo, né? Porque pegou depois os italianos, o Beliguer, etc. e foi juntando esse negócio todo aí. Isso claro que não é sozinho, ele fez isso sempre com o coletivo, com a reflexão conjunta, mas é interessante que tudo isso ocorre ao longo de uma vivência de uma pessoa vivendo e fazendo as coisas, aliás, é muita coisa, pra um período historicamente falando é incrível, né?

E: Guilherme, eu estava pensando aqui... A gente não pode tomar muito tempo da Ana, e eu acho que talvez a gente pudesse saber com ela o que ela queria dizer para finalizar, se tem alguma coisa que ela gostaria de deixar como depoimento em relação ao Sérgio Arouca a esse momento, enfim alguma coisa que você tenha pensado aí para deixar como umas palavras finais para o depoimento.

E: Uma coisa mais pessoal?

E: É. Porque a gente tem pegado um pouco esse eixo do político, da história, mas também do pessoal, do afetivo.

A: É, eu acho que Sérgio era também uma pessoa assim afetiva, carinhosa com os amigos, era uma pessoa alegre, gostava de festas, também tinha esse lado dele, porque aqui a gente vivia também como uma tribo, né? Então, além de companheiros de trabalho, a gente vivia também na casa, então eu tive alguma oportunidade de ter

também essa convivência com o Arouca no espaço da casa dele com a Ana e tudo mais. Então, ver esse outro lado também do Arouca família, o Arouca com filhos, o Arouca com os amigos e então, eu diria assim, que ele não era também só política, ele tinha esse outro...esse lado que as pessoas gostavam, mais *light*, vamos chamar, né? Mas sempre foi uma figura muito respeitada intelectualmente também. E o que eu quero deixar de depoimento é que o Arouca era uma pessoa que lançava luzes às coisas, sabe? Ele era uma reflexão que jogava a cabeça das pessoas para frente e eu acho que naquele momento de juventude de todos nós, isso era uma coisa... para mim foi muito importante, eu acho que trouxe uma contribuição para muitos desenvolvimentos posteriores que eu cheguei a ter de buscar novas formações, eu acho que muitas reflexões que o Arouca deixou, ajudaram, vamos dizer, a gente a olhar mais para frente e é essa imagem que eu guardo dele, mas também eu guardo certas imagens engraçadas até e curiosas. Eu me lembro que em 68, por aí, período muito pesado e nós tínhamos um departamento de preventiva e era num prédio que tinha assim umas inscrições grandes porque era um prédio muito antigo, que chamava “Liga das senhoras católicas”. Então quer dizer, era uma coisa de grandes contradições, porque era uma liga muito conservadora então contrastava muito com as idéias que circulavam naquele espaço. E um dia, eu vejo uma pessoa no Departamento e todo mundo correndo, e o Dr. Tobar que era chefe naquela época era um excelente clínico, veio ajudar o Pedro Calça D’água que estava deitado numa maca lá e eu falei: “gente, o que está acontecendo?” Todo mundo correndo e o Arouca que estava dando proteção ao tal Pedro. Então, quer dizer, isso é também uma expressão do envolvimento do Arouca num contexto político difícil e ele também apoiando os seus companheiros de luta e tudo mais. Claro, que isso naquele contexto era de um comprometimento muito sério, o que despertava esse tipo de coisa da parte da ditadura e do continente, mas ele enfrentava isso de forma muito tranqüila e como um dever dele também.

E: Ele tinha um lado muito humanista, também.

A: Claro, não há dúvida.

E: Olha, Ana foi superbom, conseguiu pegar assim, eu provoquei um pouquinho. Enfim, tem também outras questões que a gente tem ouvido aqui, mas foi superbom ouvir um depoimento assim de uma época, né?

A: Hoje por acaso eu encontrei...

E: Deixa eu te perguntar uma coisa, você conhece Luís Fernando Duarte?

A: Conheço.

E: Ele foi meu orientador de Mestrado e Doutorado, porque o Luís Fernando trabalha na área da Saúde, Antropologia e Saúde. Na verdade eu não fiz minha Dissertação não foi na área de saúde, foi na linha de memória, toda a minha direção fica um pouco nessa linha de memória, então... mas o meu orientador sempre trabalhou com saúde. Trabalhou com saúde dos trabalhadores urbanos, as teses dele, ele tem um grupo de trabalho na ABA que é o corpo de saúde, então tem essa coisa...

***Depoimento de Gastão Wagner de Souza Campos
(Campinas - 29.04.2005)***

Fita 1 – Lado A

Gastão: Meu nome é Gastão Wagner de Souza Campos, sou professor do Departamento de Medicina Preventiva da UNICAMP. Vou falando sobre o Arouca?

Regina: É... quer dizer, o que a gente estava pensando... talvez a primeira questão seja sua relação com o Sérgio Arouca, como você o conheceu, o que te marcou...

Gastão: Conheci o Sérgio Arouca em 1974, é, eu era estudante de Medicina no 3º ou 4º ano, e a gente já havia organizado no ano anterior a Semana de Saúde Comunitária em Belo Horizonte, I Semana, eu não conhecia ele aí não. E aí, a II Semana de Saúde Comunitária foi aqui em Campinas, eu estudava em Brasília e o Sérgio Arouca... Um conjunto de pessoas, organizaram... os estudantes organizaram essa Semana e o Sérgio Arouca, além de organizador, fez uma série de conferências, então ainda como estudante a gente veio com um ônibus, viemos com um ônibus de Brasília a Campinas, passamos 3 dias aqui e eu conheci então... eu era da comissão organizadora também... conheci... eu assisti uma conferência... eu creio que me lembro do conteúdo, o título dizia “Saúde e democracia”, me parece, e o Sérgio Arouca falou de uma tese que me impressionou muito... que o Brasil tinha condições técnicas e até recursos financeiros pra resolver uma série de problemas de saúde que não resolvia por falta de vontade política... precisava se construir uma vontade política, atores, movimentos e ele citou o exemplo da poliomielite, na época havia uma crise de pólio, que nós poderíamos... havia condições técnicas acumuladas e recursos no Brasil pra se erradicar, controlar a poliomielite e no entanto isso não ocorria, eu como estudante fiquei muito impressionado, em Brasília a gente tinha uma formação muito cientificista, muito... interessante, uma formação aberta, então esse foi o meu primeiro contato com o Sérgio Arouca.

Regina: Aqui em Campinas?

Gastão: Aqui em Campinas, eu não conhecia aqui, foi quando eu vim conhecer a cidade... eu fiquei em São Paulo.

Guilherme: A SESAC era um encontro que era organizado pelos docentes desse movimento sanitário, etc., junto com esses estudantes engajados, eu me engajei depois na III que foi em Londrina, foi no ano seguinte, foi em 76.

Gastão: A I foi em B.H., publicou uma revista chamada (?), até hoje eu tenho algumas fotos dessas revistas. É... então esse foi o meu primeiro contato com o Sérgio Arouca, depois... eu me formei em setenta e poucos, fui fazer clínica médica e através do Zé Rubens, David Capistrano, eu resolvi fazer Saúde Pública. Em Brasília não havia Saúde Pública, então eu vim pra São Paulo.

Regina: UNB?

Gastão: É, eu estudei na UNB, fiz residência lá, depois prestei aquele concurso do Walter Lezer pra fazer o curso de Saúde Pública, na Faculdade de Saúde Pública e vim pra São Paulo, tinha alguns meses optativos... mais dois lá, e aí eu fiz concurso e na época o Sérgio Arouca... eu tava no 5º ano, eu tive dois contatos com ele, eu estou lembrando agora. No SBPC em Brasília (76), outro evento histórico, eu era estudante, eu era... haviam fechado todas as instituições e eu era coordenador do colegiado, não tinha centro acadêmico, DCE. A gente fundou uns colegiados e tal, então... e o Sérgio participou muito daquela SBPC, que foi na vontade e na marra, o governo tinha proibido, tinha censurado, foi todo um ato de resistência... e lá em Brasília, então eu vi também uma palestra do Sérgio Arouca, conversei, vi as articulações pra fundar a revista “Saúde em Debate”, o CEBES e tal. E daí depois eu venho para São Paulo e... na primeira eleição do CEBES, eu reuni... tive algumas reuniões com o Sérgio Arouca, o núcleo era formado por Rio e São Paulo, o núcleo que criou a revista. Aqui liderado por David Capistrano e lá pelo Sérgio Arouca, e o presidente nacional era o Zé Rubens, e havia as diretorias regionais, acho que no Rio ficou o Eric Rosas e eu fiquei diretor presidente... quer dizer, era diretor regional aqui por São Paulo. Um moleque, em 78, eu acho.

Anamaria: Quando você veio, você era da turma da Elizabeth?

Gastão: Eu era calouro da Elizabeth.

Anamaria: Ela era um ano antes de você?

Gastão: Um ano antes, um ou dois anos.

Anamaria: E quem mais que tinha nessa sua turma em Brasília que veio?

Gastão: Era uma revoada, foi uma revoada.

Anamaria: Quem eram?

Gastão: A Beth era muito amiga do pessoal que está em Campinas, o Luis Cecílio, o Luís Cecílio e a Maria Elisa, que estão na rede até hoje e aqui no Departamento o Heleno, que é da Epidemiologia, e Ana Segall.

Anamaria: Eram todos mais ou menos do mesmo grupo, olha que coisa interessante.

Gastão: Nós éramos do movimento estudantil de lá, fizemos outras coisas e depois viemos fazer Saúde Pública em São Paulo, foi uma revoada. E muito influenciados tanto pelo movimento em São Paulo, quanto pelo movimento no Rio de Janeiro, o Arouca. Essa SBPC foi muito importante pra decisão nossa, no contato que a gente teve.

Guilherme: A idéia de fundar o CEBES foi lá?

Gastão: foi nessa SBPC, eu não participei da reunião de bastidores, mas participei da plenária, onde o Arouca foi lá e anunciou na mesa essa idéia de criar um

centro de estudos brasileiros, ter uma revista, tudo isso a gente era aluno. Foi no anfiteatro da UNB, 76 isso.

Regina: Você está dizendo aí, você quer dizer que nesses seus primeiros encontros com o Arouca tinha muito forte essa questão da saúde política, né... essa relação que pra fazer Medicina, trabalhar com saúde, você tinha que fazer política, isso também é um ponto forte na sua vida.

Gastão: A atuação do Sérgio Arouca, desse grupo do movimento sanitário original, nos atraiu muito, combina algumas coisas, porque militância política a gente tinha muito, toda a esquerda tinha uma possibilidade de militância política muito forte. O que atraiu muito nesse caminho que o Sérgio Arouca apontava, era a combinação, a possibilidade de você combinar a atuação política, com essa atividade na saúde, profissional de investigação, você não precisa fazer política só à noite, pode trabalhar e fazer política quando der. Era uma alternativa interessante, então isso nos atraiu muito, porque a UNB tinha um movimento chamado de Medicina Comunitária... ela foi uma das primeiras faculdades que fez uma reforma de ensino muito interessante.

Guilherme: Tinha o Departamento também de Medicina Comunitária? Porque na UFF, quando eu entrei já tinha.

Anamaria: Foi o Frederico lá.

Gastão: Foi o Frederico Simões, o (?)

Guilherme: Chamava assim “departamento de medicina comunitária”?

Gastão: Não sei se funcionava assim, porque o nosso curso não tinha departamento, o nosso curso era revolucionário, não tinha anatomia lá, a gente tinha assim o pessoal que estudava a nutrição e tal...

Anamaria: A época tinha uma certa transversalidade, a galera que estudava nutrição estudava desde questão anatômica, fisiologia, fisiopatologia, química...

Gastão: Então a equipe de professores da preventiva estava dividida em vários cursos, em vários cursos... então a gente tinha essa preocupação com a saúde, com a Medicina e aí isso juntou com a luta contra a ditadura. Eu lembro que o Partidão, o pessoal do Partidão naquela época, eu acho que tanto o Sérgio Arouca representava isso muito bem, quanto o povo de São Paulo também, com influência do eurocomunismo, do Gramsci, enfim, essa coisa toda de valorizar a democracia e a gente lutando contra a ditadura, então valorizávamos a democracia e eu me lembro que em Brasília, no último ano teve um curso clandestino lá, com o Carlos Nelson Coutinho e o Leandro Konder.

Regina: Que ano foi isso?

Gastão: 76... é logo depois das quedas e tal, o pessoal todo morrendo de medo que o povo tinha sido preso, eu tinha me filiado ao Partidão em 75... 74/75, em Brasília, eu comecei no movimento estudantil independente, eu comecei ainda no colegial... em Brasília a gente tinha duas alternativas: ou ir pra luta armada ou os trotskistas... Então eu fiquei com os trotskistas, porque matar e morrer de jeito nenhum... e... mas aí...

Regina: É Libelu, não?

Gastão: Era uma mistura...

Guilherme: Eu me lembro de um ECEM que você foi, foi o primeiro que eu fui...

Gastão: Foi em 73, foi em Curitiba.

Guilherme: Eu me lembro que teve um debate lá, eu acho que você se colocou como posadista naquele momento.

Gastão: E aí foi muito doido, eu entrei no Partidão, conheci o Carlos Nelson, fiz esse curso, o pessoal me recrutou. O grupo inteiro, todos nós, o Arlindo Chinaglia se recusou, ficou em independência, rompeu com esses trotskistas, mas nunca veio pro Partidão não. E então teve essa aproximação. Aí quando eu venho a São Paulo, é... essa primeira etapa da conversa com o Sérgio Arouca, foi com o movimento sanitário, CEBES, "Saúde em Debate". Eu como estudante, vinha pra ouvir várias palestras dele, que foram muito importantes todas. Eu me lembro da primeira, essa coisa... de que há condições técnicas, há recursos pra quem quer fazer isso e... depois na segunda etapa eu tive com... começo dos anos 80, fim dos anos 70, na organização partidária mesmo, né? Várias conferências, encontros, anistia, a coisa mais política mesmo. Em São Paulo eu fui ser sanitarista em Santo André, me mudei pra Santo André lá no ABC, e o PC era muito forte em Santo André... muita luta, e eu era sanitarista lá no...

Regina: Você tá falando assim dessa articulação da luta contra a ditadura, a Medicina e essa via da democratização... quer dizer, de acreditar nessa via da democratização.

Gastão: Eu acho que o Sérgio Arouca representou muito bem essa coisa da... não só lutar contra a ditadura como apresentar propostas de reconstrução, não só da saúde como da democracia como um valor positivo, como uma forma de organizar o Estado.

Guilherme: Era uma tese do Carlos Nelson Coutinho, democracia como valor universal...

Gastão: Ele ia apresentar uma tese nesse ponto, o Sérgio, ele teorizou e escreveu, mas eu acho que era muito minoritário em meio a uma esquerda muito radical...

Regina: Eu acho que no fundo é um marxismo humanista, eu acho que tinha um fundo humanista aí...

Gastão: Influência do Gramsci... Então essa segunda fase minha de contato com o Sérgio Arouca foi uma coisa mais político-partidária, depois... não vou falar na ordem não porque senão eu vou me esquecer, mas aí teve essa fase do Ministério agora, que tanto na campanha do Lula, como no primeiro semestre de 2003 eu fiz uma dupla muito

interessante com o Sérgio Arouca... (...) Eu acho que ele foi uma perda muito grande, e o Sérgio enriqueceu muito esse debate da campanha, do segundo turno, aquela coisa da elaboração do programa, uns meses, né? E depois uns seminários, elaborou umas propostas no Ministério...

Guilherme: A própria XII.

Gastão: Sim... o Humberto, ministro, tinha convidado o Sérgio pra ser assessor, e o Sérgio disse: “assessor, não, eu não quero ser assessor não, ser assessor, eu quero participar da equipe e tal”. Aí o Humberto veio falar comigo que tava difícil, que não ia ter jeito. Aí eu falei: “por que a gente não cria a Secretaria de Gestão Participativa?” Fui eu que sugeri. Porque ele queria chamar pra assessoria, pra montar a XII, porque o Sérgio vinha defendendo com uma proposta muito marcada dele, a antecipação da XII Conferência, daquela necessidade de fazer uma... depois a gente fala, agora eu esqueci, mas enfim de fazer uma reforma da reforma, da gente repensar, de antecipar a Conferência...

Guilherme: Você formula isso, tem um texto sobre isso...

Gastão: Eu escrevi minha Tese de Doutorado e o Arouca foi da banca, por isso que eu me lembrei. Foi a primeira vez que ele voltou à UNICAMP, depois ele veio pra aquele encontro que Ana Canesci organizou, de 25 anos, e antes ele tinha vindo uns 4 meses antes...

Guilherme: Então fala um pouco pra gente da sua tese.

Gastão: Então... eu fui secretário aqui de Saúde, durante a Secretaria eu estava terminando a Tese de Doutorado e eu consegui, foi na época da implantação do SUS, 88/89, e foram meus assessores o Mário Hamilton e o Mário Testa, a gente tinha uma casa, um luxo total... e o povo sempre trazia o Sérgio Arouca, a gente ia pra minha casa, ia pra uns bares aí e...o pessoal gostava de tomar umas cervejinhas, e tal...

Guilherme: Cervejinha é assim, pra começar...

Gastão: Os três desenvolveram uma teoria que tinha que equilibrar uma quantidade de cerveja, que tem muito líquido, com destilado que é mais sintético, então um hidratava e o outro enxugava... eu sei que eram assessorias alegres que o pessoal dava de dois, três dias, e o Arouca sempre vinha... E na minha tese, eu fiz a tese da “reforma da reforma”, repensando o SUS, e convidei o Arouca, o Mário Hamilton, o Guedes e o Nelsão, e minha orientadora era a Ana Canesci.

Guilherme: Time de primeira.

Gastão: Foi uma festa, fizemos uma festa e eu tava saindo da Secretaria, tinham umas 300 pessoas e veio o Sérgio Arouca, o Sérgio Arouca falou 1 hora e meia e tivemos que fazer um intervalo na tese. Ele tinha sido eleito deputado, foi o primeiro mandato como deputado federal.

Guilherme: Deve ser 91/92 por aí?

Gastão: É, foi em 90 ou 91, foi a primeira ou a segunda vez.

Guilherme: Começou o mandato dele em 91.

Gastão: Então foi em 91, ele tava recém começando, foi logo no comecinho, fevereiro... minha tese foi...

Guilherme: Ele foi eleito em 90...

Gastão: Minha tese foi na primeira semana, ele estava recém eleito deputado, disse que leu no avião, porque ele tava tomando muito avião... então teve uma festa muito grande, a gente teve esse contato e aí depois eu encontro com ele mais próximo em Brasília...

Guilherme: Peraí, fala um pouco da sua tese... o que expressava assim... qual era a síntese da sua formulação?

Gastão: É o seguinte, como eu fui secretário, eu vi o seguinte: que as diretrizes do SUS, embora ótimas, de universalidade, integralidade eram diretrizes muito genéricas e quando a gente ia pra implantar, pra conseguir mais recursos, a tendência era repetir o paradigma biomédico, a implantar mais do mesmo, muito grande, então era necessária uma reforma da reforma, ou seja, era necessário que esses conceitos gerais se desdobrassem em novas formas de organizar a atenção primária, a atenção hospitalar, mesmo na saúde pública, na saúde coletiva tinham formulações muito genéricas, mas quando a gente ia trabalhar epidemia com políticas de educação e saúde a gente fazia de uma forma... reduzindo a população-objeto, então minha tese foi muito em cima disso. Estudei os hospitais no Brasil, a atenção primária, propondo uma reforma da reforma. Inclusive o pessoal me dizia (o Arouca bricou comigo): “o SUS está começando e você já entra dizendo que tem problema.”

Regina: Mas é interessante você estar falando isso, porque a gente leu umas entrevistas dele, umas últimas entrevistas dele no Pasquim, em que a tese dele é essa, ele fala assim que tá desencantado com, enfim... os caminhos que o SUS tava tomando e que era necessário fazer a reforma da reforma e ele fala muito dessa questão da medicalização da vida, que se continua medicalizando a vida, que é preciso retocar...

Gastão: Por isso que nós fizemos essa dupla excelente no Ministério no Governo Lula, nós chegamos lá nesse pique, vamos aproveitar o governo agora? Não só radicalizar a implantação do SUS, mas fazer a “reforma da reforma”. Chegamos lá e encontramos uma água fria danada, nossos companheiros lá, a maioria não quer reforma da reforma coisa nenhuma, na minha visão, mas enfim, isso foi ficando claro. Enquanto tava eu e ele, nós éramos dois secretários, com capacidade de argumentação a gente conseguiu ter um primeiro semestre interessante.

Regina: Mas do seu ponto de vista, esse idéia da “reforma da reforma” deve atuar aonde? O que seria isso exatamente? O que você, em termos da sua tese, inclusive do que você conversou também... com o Arouca...

Gastão: Isso assim... não é nenhuma crítica às diretrizes do SUS, tem que ter uma universalidade, integralidade, o sistema tem que ser hierarquizado, mas e daí, como

é que organiza um hospital? O que é um hospital com a “reforma da reforma”? Precisa de hospital? Precisa de hospital. Nós vamos ter hospital. Como é que é o hospital? E com modo de gestão por mérito ou é um modo de gestão... É... nós vamos ter equipe interdisciplinar no hospital? Nós vamos fazer uma gestão compartilhada da clínica? Pra usar um conceito que está sendo falado: “gestão compartilhada”. Nós vamos fazer então a gestão compartilhada da clínica... desenvolver um negócio de clínica ampliada, reformular a clínica? Atenção primária: adianta encher de médico a atenção primária pra medicalizar a vida? Qual abordagem que nós vamos fazer? E pra garantir o acesso à intervenção... nós agora vamos fazer isso. A saúde coletiva: nós vamos ter uma saúde coletiva vitoriana, como tá ficando? A obesidade faz mal, o sal faz mal, o álcool faz mal... no *neovitorianismo* cabe aos sanitaristas passar medo nos outros.

Anamaria: Assim... viver faz mal a saúde.

Gastão: Viver faz mal pra saúde... quer dizer, como é que nós vamos incorporar a história de vida na clínica, a história da comunidade na saúde coletiva, trabalhar com redução de danos e não com discursos moralistas, mas com integração da vida. Então essas coisas que eu e o Sérgio Arouca, estávamos pensando muito, a gente tava fazendo muito de repensar a saúde da família, não de jogar fora o programa de saúde da família, mas de reconstruí-lo, de fazer uma intervenção no hospital, não só financeira, administrativa, mas repensando a organização, a relação, o papel, esse é o desafio hoje, e a coisa da gestão participativa.

Guilherme: Gastão, embora tenha tido... vamos dizer assim essa interrupção conjuntural, essa questão tá dada, pra gente poder avançar vai ter que mexer nisso aí...

Gastão: Mas no movimento, na cultura... o problema não tá...

Regina: Você acha que no movimento social?

Gastão: Não, não... na academia, no movimento sanitário... há elementos disso, não diria que é o que predomina hoje.

Anamaria: O movimento sanitário, inclusive na saúde coletiva eu diria que não é assim não, existe uma gente muito mansa, muito amansada pela possibilidade de perder o exercício do poder, tem um pouco de medo.

Gastão: Eu acho que tem um conjunto de fatores, tem uma domesticação do movimento sanitário, desde uma coisa com o poder, a institucionalização, mas mesmo do ponto de vista científico... essa coisa da novos critérios de objetivação. Por isso que eu achei muito oportuno a Tese... o trabalho de lançar como livro, é uma nova difusão, porque *O Dilema Preventivista* tem essa tensão que eu compartilho na minha tese, inclusive o pedaço... no comentário que eu fiz dum capítulo eu falei a coisa de Medicina baseada em evidência, que é uma... porque você vai num congresso de ABRASCO e predomina uma visão que também é importante, até importante num pedaço, mas cada vez mais predominante uma visão muito institucionalizada, muito positivista, muito ordenada da investigação em saúde coletiva. Em função da CAPES, CNPq, que pede publicação, da carreira universitária... o Sérgio tinha um característica forte que era conseguir ter uma reflexão crítica, sem ser destrutiva. Eu no começo era muito crítico, meio destrutivo, tô aprendendo a ficar menos. Hoje em dia eu continuo crítico, mas

mais na linha do Sérgio Arouca em termos. Hoje em dia, por conveniências várias, eu acho que há um emburrecimento, dá uma tristeza, enfim... mas eu não tô desanimado não. Só tô falando o que eu vejo mesmo...

Guilherme: O que eu penso, o que está ocorrendo é mais um reducionismo.

Gastão: É o que?

Guilherme: Você falou que está havendo um emburrecimento... Eu acho que tende a se ter uma prática, principalmente no Ministério, no sentido de tudo aquilo que a gente explorou, pra definir condicionante, determinante, o processo de relação sobre doença, acaba na prática sendo colocado numa escala que você vai muito mais pro imediatismo dos fatos e por isso mesmo tanta fragmentação e a falta de uma visão integradora, eu acho que isso é o que prevalece hoje em dia.

Regina: Eu acho que tem um outro fator, eu fico pensando assim... quando eu ouço assim, quer dizer... minha área não é saúde, eu trabalho com a memória, então eu tô vendo a gestão participativa, uma participação dos usuários. Então essa idéia de participação popular e às vezes me dá uma sensação assim de um tremendo fosso entre várias visões dos técnicos, dos médicos, das pessoas que pensam a coisa, que formulam as políticas e essas pessoas que são os usuários e essa população para a qual as instituições existem e devem funcionar, não sei... Como é que você vê isso, na sua prática aí de trabalho, você está trabalhando concretamente com trabalhos comunitários, essa troca, essa experiência, essa coisa no real mesmo é muito complicado, uma população que espera uma certa... Há uma mentalidade engessada, uma cultura do que é um médico, um atendimento, do que é saúde, do que é doença, então são representações assim que tão na sociedade, eu acho que não é só uma mudança ao nível dessa situação do Estado, mas é social, cultural...

Gastão: Eu acho que na saúde tem isso que você falou, tem uma cultura dominante da população, a gente está vivendo atualmente e eu acho que o governo do PT, com uma dificuldade de fazer mudança, esse negócio da esquerda, há um descrédito da política. Se na época que eu conheci o Sérgio Arouca havia uma credibilidade da política muito grande, todo mundo de alguma forma se sentia fazendo política, ainda que no trabalho, hoje em dia há um descrédito muito grande da política, o neoliberalismo, o fracasso do “socialismo real”, a uniformização dos projetos, então sai um igual ao outro, enfim... Então há uma desvalorização na política e a saúde não vai ficar de fora disso. Agora tem uma coisa interessante, eu sou professor e estou na saúde, então há uma diferença, os profissionais de saúde enquanto tendência... pode ser qualquer... se fala do usuário, se fala do paciente, se fala do interesse próprio social, mas enquanto professor se fala de salário de carreira, a metodologia pedagógica, o modelo pedagógico, se o povo tá aprendendo ou não isso não entra na discussão, entra na gestão. Nós vamos ter discussão em torno dos trabalhadores de educação, nem universitário, nem fundamental... você vai na saúde e isso tá na agenda da discussão dos trabalhadores de saúde... com divergência, com erro, com limite, com reforma da reforma... esses negócios, mas tá na agenda, isso eu acho que é um produto, é um resultado desse trabalho num seguimento do Brasil e tal, mas que é muito importante e tem setores da sociedade civil que fizeram essa... não é todos, mas são significativos... Agora, vocês estão numa cidade, o Rio de Janeiro, que perdeu, o SUS perdeu, né... o SUS não rodou no Rio de Janeiro, gente... tirando a FIOCRUZ, que é um ilha, não tem

SUS, não tem movimento sanitário, não tem... Não sei se pela degradação da política mais radical, não sei porque não sou de lá, mas é uma cidade em que o SUS está mais atrasado, não tem SUS. Por exemplo, é um escândalo em Campinas você nomear pra diretor do hospital alguém que não tenha origem no movimento sanitário hospitalar, nenhuma, a direita não faz isso aqui. Eu fui secretário do PT, depois entrou o PSDB, depois entrou a direita, o Paulo Maluf (não o Paulo, mas o pessoal dele), nunca botaram cabo eleitoral pra ser diretor de hospital. No Rio de Janeiro, ou em todo o Nordeste, quando nós entramos no governo fizemos isso, o primeiro diretor do INCA, botamos um político, um desastre, depois entrou numa crise... então aonde o movimento sanitário é forte isso é impensável, onde bota ganha uma pedrada, ninguém fez isso. Tá chegando aqui, mas não chegou ainda. Então é assim, acho que tem uma relação da política, tem uma dificuldade, mas na saúde tem um acúmulo interessante, não é? E que nós representávamos, “nós” o povo que foi pro Ministério agora... que se fez uma certa composição, não é? O Humberto representava mais ou representa a máquina, a nomenclatura partidária, PT e tal, o Arouca um segmento, uma visão do movimento sanitário, eu mais um pouco técnico, mas técnico é um termo... mais voltado pra microgestão, pro modelo e tal, fizemos aquela coisa... A Maria Luísa do Sul, fizemos um... o Jarbas tinha uma visão de vigilância... tem, né? Mas roemos a corda, viu? Sérgio Arouca morreu, foi morrer antes da hora, e nós não demos conta do recado.

Anamaria: Gastão, minha pergunta eu vou voltar um pouquinho, como é que você veio pra Campinas, como é que você veio parar aqui, porque você contou até um pedaço... você tava em São Paulo, foi trabalhar com Lezer, aí de repente você tá aqui. Conta como que veio pra cá, como que aconteceu?

Gastão: Eu esqueço, eu não gosto nem de lembrar, é... Bom, eu sempre misturei muito saúde com... tô dando uma volta, mas eu queria muito trabalhar na universidade, eu tava como sanitaria, tava como... E aí tinha um concurso na USP pra preventiva e tinha a preventiva aqui, umas pessoas tinham saído, tinha... e aí São Paulo ficou ruim [emocionado]. E eu não quis ficar em São Paulo não, e aí apareceu um concurso em 83, e o Nelsão me ligou, falou: “Gastão, vem fazer preventiva aqui, abriu uma vaga”. Aí eu vim, eu tinha...[pausa] Tinha morrido uma filha minha lá.

Anamaria: Desculpe, eu não sabia.

Gastão: E foi meio trágico, acidente doméstico, eu tava militando muito, minha mulher militando, foi meio...

Anamaria: Eu não sabia disso...

Gastão: Aí São Paulo começou a ficar insuportável.

Anamaria: Aí você veio pra cá.

Gastão: Apareceu esse concurso aqui, me chamaram pra ser secretário em Piracicaba. E coincidiu com a época que eu estava brigando com o Partidão. Eu não falei disso, mas em 81/80 eu tinha sido eleito... 80... 79... eu fui eleito pro Comitê Estadual.

Guilherme: Em Brasília ou em São Paulo?

Gastão: Em São Paulo, Comitê Estadual do Partidão, o Partidão em São Paulo, eu tava morando em São Paulo e eu tava no ABC e a gente apoiou as greves do Lula, os metalúrgicos e tal, e fomos expulsos do Partidão porque apoiamos a greve, chegou ao Comitê Central...

Anamaria: Foi na época que eu saí do partido.

Gastão: Você também?

Anamaria: É.

Gastão: Aí iam expulsar a gente, aí tava entrando no PT, eu tava no ABC, tinha conhecido o Lula, esse povo todo... aí eu saí. Em 81 eu já entrei pro PT. Saí? Fui empurrado pra fora. Então tá assim: juntou essa crise de militância, os meus aliados lá... o David e companhia... David Capistrano, uns 4. Ficaram mais uns 3 anos, ficaram mas depois saíram, em 83 por aí eles saíram, aí aproveitei e me mudei, vim pra cá... foi ótimo, UNICAMP é ótima, espaço aberto, universidade nova.

Anamaria: Quando você chegou aqui quem estava aqui?

Gastão: No Departamento?

Anamaria: O Nelsão, Everardo, quem era?

Gastão: É... tinha um conflito grande né? O Departamento tá bem dividido, o coordenador do Departamento era o professor Ramildo, são daquela intervenção de 75, quando tiraram o Arouca, você... tinha o Ramildo, Reginaldo... o Nelsão tava articulando o grupo.

Anamaria: René Mendes tava aqui também.

Gastão: René Mendes. Progressistas, aqui, tinha, do movimento sanitário tinha a Ana Canesci, o Everardo...

Anamaria: O Heleno...

Gastão: Não, o Heleno não estava, eu vim antes do Heleno?

Anamaria: Você veio antes dele?

Gastão: Aqui só tinha o Nelsão, o Everardo... Tinha a Maria Elisa, ela tinha passado num concurso antes de mim. Tinha umas pessoas intermediárias que tinham entrado antes: Luís Jacinto, que é epidemiologista, e o Marcelo Ramos, infectologista, que acabaram apoiando, fizeram uma banca de concurso decente. Eu passei em primeiro lugar e chamaram o segundo primeiro [risos]. Aí eu entrei com um recurso...

Eu sei que eu fiquei um ano e pouco enrolado, mas acabei entrando. Aí entrou o Pinotti, que era reitor, e acabou me chamando antes de julgar a ação judicial. Que não era concurso, era seleção pública, eles disseram que podiam chamar, naquela época não tinha concurso. Aí nós começamos a construir maioria, aí nos outros concursos chegou a Helena, a Ana, o Emerson Meni, o pessoal da Medicina Comunitária que tem até hoje, Sílvia Santiago, a Graça...Tinha também antes de eu entrar a Leila Beviláqua, aí começou-se a disputar eleição e o primeiro candidato que a gente elegeu foi a Ana Canesci. Substituiu esse grupo aí no Departamento, tinha ficado uns 10 anos mais conservador, mais fechado. Predominava a Saúde Ocupacional. Eles tinham botado muito clínico aqui, aí o pessoal acabou voltando pras suas áreas e o Departamento tomou esse rumo aí. Depois o Nelsão foi chefe, depois eu fui chefe. Ah! Lembrei outra coisa do Arouca. Quando eu entrei aqui em 85, o Nelsão criou o Curso de Saúde Pública, especialização, tinha em São Paulo e ele criou aqui. E a aula inaugural, tinha vindo da Nicarágua, chegado à pouco tempo, foi o Sérgio Arouca. Tinha tanta gente interessada que a aula teve que ser no salão nobre da Santa Casa, encheu aqui de gente, ele chegou e contou a história da Nicarágua, falou de gestão compartilhada. Eu lembro desse conceito: “na Nicarágua havia gestão compartilhada!” Esses espanholismos... É gestão participativa. Aí ele contou de lá. Saímos de lá e fomos todos tomar uma cerveja. Foi outro encontro com o Arouca. Foi simbólico, uma retomada do Departamento, contratamos gente nova, rearticulamos com o movimento sanitário.

Regina: Gastão, gostaria que você falasse um pouco do que você acha que daqui pra frente, o que ficou, o que permanece de uma pessoa que já se foi e trouxe contribuições importantes e que vão continuar, o que está vivo desse Sérgio Arouca?

Gastão: Uma coisa que eu admiro muito no Sérgio Arouca é essa capacidade de ter uma reflexão crítica mas não ser destrutivo, ser construtivo sempre, aglutinar. Aquela coisa do Partidão sadio... Que às vezes o Partidão aglutinava sem ser crítico, sem critério. O Sérgio teve uma capacidade de aglutinar sem perder o rumo, sem perder a perspectiva da reforma, da mudança, da ética. Tem limites, não só limites como tem rumo. Mas ao mesmo tempo tem uma tolerância, uma generosidade, uma capacidade de convencimento. Eu admiro muito o trabalho do Sérgio Arouca na ENSP e na FIOCRUZ. Posso estar errado, mas a capacidade da FIOCRUZ ter uma direção progressista até hoje é muito fruto do trabalho do Sérgio Arouca. No Ministério o Arouca me falou que a melhor época dele profissional foi quando ele estava vinculado à saúde pública e mais especificamente à ENSP, que ser deputado fez muito mal pra ele, que foi um período muito difícil pessoalmente e que ele não queria nunca mais isso. Que não devia ter ficado muitos mandatos, no máximo devia ter feito um, pra simbolizar. Que ele era um cara do Executivo, da saúde pública, e ele tinha uma memória muito boa da FIOCRUZ, da ENSP, que ele interrompeu pra ser deputado.

Guilherme: Não, ele largou pra campanha de vice-presidente.

Gastão: E ele dizia que uma das bobagens que ele tinha feito na vida tinha sido essa. Então eu admiro muito a FIOCRUZ manter, o Paulo Buss conseguir ser reeleito, aglutinar tantas pessoas diferente, que já brigaram tanto, e ter uma instituição com um papel importante, inclusive no movimento sanitário... Eu acho que o construtor disso é o Sérgio Arouca. O que eu espero de um líder da saúde? Um dirigente, um secretário municipal, um ministro? É que tenha essa competência, essa capacidade de combinar isso, um rumo, um projeto... Era o conselheiro de todos. E ao mesmo tempo aglutinar,

não dificultar a vida dos outros. E no Ministério o Sérgio vinha cumprindo esse papel, costurando, mas não qualquer costura, costura com um desenho. Quando a gente partidariza muito, quando a gente perde uma causa de mudança maior, quando o poder, seja partidário ou seja institucional, ganha muita relevância, perde essa capacidade, fica muito sectário, muito fundamentalista, muito pragmático no sentido do jogo de poder. Era a proposta que o Arouca, o David, algumas pessoas, tinham pra um partido de esquerda. Não conseguiram, o PT não virou isso, o PPS não virou isso. Mas eles encarnaram em alguma medida, épocas mais, épocas menos, Sérgio Arouca mais, David menos (David era mais sectário). Mas eles tentavam encarnar isso.

Guilherme: O Morel coloca uma coisa que tem a ver com o que você fala... porque o Arouca consegue captar o espírito da Fiocruz que o Oswaldo Cruz, quer dizer, do Instituto que o Oswaldo Cruz havia bolado, porque ele tinha academia, produção tecnológica e ciência básica junto o tempo todo e ele retoma esse projeto, porque na realidade eu acho que é o que está prevalecendo na Fiocruz e ele fala dos nomes, quer dizer o pessoal da ciência básica da Fiocruz quando veio ao Arouca foram meses de descrédito... “esse sanitarista barbudo vai acabar de vez com a instituição”, esse pessoal não entende nada da saúde pública da maneira como eles entendem, né? Produção de vacina, etc. e tal. E em pouco tempo, em função da relação concreta foi mudando, e hoje eu acho que o grupo que fica, quer dizer, a continuidade do que fica e particularmente também a forma como está, porque tem toda uma lógica democrática interna na Fiocruz, das unidades elegerem seus dirigentes, etc. e tal que dá uma estabilidade muito grande, você tem razão, quer dizer, acho que o Morel passou pra gente, de todos os depoimentos esse é o mais forte, que hoje existe uma credibilidade interna que havia sido completamente perdida na FIOCRUZ.

Gastão: Dentro de outra convivência que o Sérgio Arouca estava falando, né? Eu não sei se tem tempo, mas eu vou contar da minha vida, do SUS e do movimento sanitário, é... O Sérgio Arouca, o Arlindo, o Mário Hamilton, eles trabalhavam muito pra consolidar a área do planejamento político de gestão, então fizeram vários encontros e ia eu e o Nelsão por Campinas, então tinha encontro em Petrópolis... E aí eles montaram um curso, o Sérgio era o coordenador dessa área de política e tal, foi uma beleza, foi em 85, foi aqui em Águas de Lindóia, foi todo mundo pra Águas de Lindóia, quase um mês, tomava água o dia inteiro, à noite... e aí ficávamos num hotel público e tal que tinha lá, parecia que nós tínhamos voltado pros anos 50, o hotel era todo dos anos 50, Oscarito, Grande Otelo, só falta passar os cadilacs e o Sérgio deu aula pra gente, quase um terço do curso foi ele que deu, a primeira parte de política... foi em 85. E a gente ficou quatro semanas, o Sérgio Arouca coordenava o curso, ficou um tempão lá também, então também foi uma convivência importante. Velhos alunos do curso hoje, como o Luis que está a Bahia hoje, tinha uns dois ou três lá...

Anamaria: Jairnilson...

Gastão: Como aluno, mas tudo aluno, a Rita Barradas era aluna, eu era aluno, o Eduardo (?) era aluno, o Jaime que depois virou psicanalista...

Guilherme: Que escreveu com a Sônia Fleury?

Gastão: Isso, era aluno. Juntou gente do Brasil inteiro, gente de Porto Alegre, um monte de gente de Porto Alegre, Santa Catarina, tudo depois sanitarista, secretário,

tal... Foi quando eu comecei a aprender (eu falei isso na festa dos 50 anos da ENSP), eu aprendi isso tudo com o Sérgio Arouca, esse negócio de sistema hierarquizado, sistema público, então todo esse conhecimento todo... Aí falava um pouco de política, aí baixava um pouco.

Regina: Nesse sentido, assim, acho que o Guilherme tava contando também essa questão da micropolítica, porque acho que esse depoimento do Morel na Fiocruz passa muito essa idéia, quer dizer, não adiantava apenas decisões políticas, massas, tal, em termos de encaminhamentos futuros da Fiocruz quando ele tinha pessoas como, por exemplo, garagistas, pessoas que trabalhavam no dia a dia da Fiocruz e ganhavam assim 50 vezes menos o salário do que um pesquisador, então era uma coisa que tinha que ser enfrentada. Então ele começava a fazer toda uma discussão dessa democratização interna e isso foi muito importante institucionalmente porque se garantiu que não se pudesse colocar qualquer pessoa, quer dizer, toda uma organização de gestão da...

Gastão: Eu acho, a coisa do Sérgio Arouca, tô lembrando, vocês tão falando só que tá meio desordenado. Mas não tem problema não.

Regina: É, memória é assim mesmo.

Gastão: O que eu acho importante no Ministério, que depois eu continuei batalhando, que era saúde mas ainda setorial, o Sérgio Arouca chegou batendo muito lá, desde antes da posse, a coisa do... não lembro o conceito que ele falava, que a gente tinha que fazer alguma coisa nesse sentido: se o governo não apoiasse uma intervenção articulada, integrada, intersetorial, com dinheiro, com projeto urbano-social, a gente não mudaria a distribuição de renda, tava pensando no Grande Rio, na Baixada, na Grande São Paulo, então, no primeiro seminário no Ministério, (...) falou nisso muito comigo, a gente ia no Ministério, falava isso, não sei se você se lembra daquele primeiro seminário que nós fizemos no Ministério, o Sérgio Arouca ficava batendo muito nisso e também não saiu, até hoje esse projeto não... Tô lembrando, outra coisa que a gente tava batendo aí nesses últimos anos...

Guilherme: Essa coisa de ver lá na frente, a gente tem comentado e isso tem vindo em quase todos os depoimentos, acho que já estamos na base do trigésimo, algo parecido, não sei quantos foram, é impressionante como essa, hoje está sendo formulada teoricamente, academicamente tem algumas experiências já aí que é a questão do conceito de rede, que é uma coisa que ele começou, que dizer, ele que eu digo vocês, a coisa da produção nessa área, trabalhou muito bem na década de 70, e eu acho que o Arouca expressou muito, quer dizer, eu acho que o compromisso de organização dele era muito mais forte com essa tal rede que ele criou do que qualquer outra coisa, e tá aí, CEBES, e a própria ABRASCO e outras formas de articulação. O Mário Hamilton tava dizendo que aquelas experiências de que começou pela avaliação de Montes Claros e depois começou aqui por uma porção de coisas e ele já ia pra Paraíba, pra não sei onde e tal, pra já encaixar numa percepção de rede: “bom, deixa esse pessoal fazer aí o que eles vão fazer porque é a partir daí mesmo que vai vir a coisa”. Eu acho que é muito interessante. E isso que você tá falando agora eu acho que também ele já coloca um desafio, o Arouca, nessa questão, não só ele coloca essa questão de intersetorialidade de maneira assim muito contundente, como ele já começa, eu me lembro muito de uma palestra dele, alguma coisa de que eu participei e ele falou que ele colocou, acho que quando ele tava entrando pra ser secretário Municipal de Saúde do Rio, e que ele

colocava que era fundamental que o movimento popular já começasse a discutir a forma diferenciada de organização que ele dizia: “não é possível que numa cidade grande como Rio de Janeiro e São Paulo você vai ter que criar em cada setor um conselho, porque as pessoas não vão conseguir dar conta da gestão participativa efetiva, quer dizer, você tem que começar a pensar que o conselho de saúde, o conselho de educação, o da infra-estrutura, etc, vai ter que começar a ter um movimento próprio de articulação.” É muito interessante porque isso não tá colocado ainda no concreto mas é alguma coisa que já apresenta um desafio aí pela frente. Então eu acho que tem também essa coisa dele, dele tá puxando esse...

Essa coisa é muito forte. Mas você comentou aí a questão do micropoder, eu, da entrevista que eu tive com o Pinotti, eu vi recentemente aquele filme “O Terminal”. Aí eu fiz uma relação na minha cabeça assim, como se a relação do Arouca com o Zeferino Vaz tivesse sido um pouco – vocês viram esse filme, “O Terminal”? É do Spielberg, muito interessante – é o Tom Hanks, do aeroporto, e o cara faz uma vida ali, não sabia inglês, mas tem uma relação de disputa entre ele e o gerente da polícia alfandegária no aeroporto e o cara tem sempre a percepção, o gerente alfandegário, que ele tá ganhando o outro lá que é do Cazaquistão, sei lá de onde é que o camarada vem e fica preso e, enfim, monta toda uma rede ali. E é interessante porque na verdade é isso, o cara ganha o projeto, ele ganha o aeroporto todo, os clientes, os funcionários, já eram todos amigos dele, acaba tendo até casamento lá dentro e tal e no final o camarada sai da posição dele porque ele vai pra um posto superior, no fundo tem ali toda uma relação. É interessante isso porque...

Gastão: Esse departamento aqui tem um não-dito muito grande sobre a crise da... inclusive eu sempre pergunto, tem um mistério, não sei se na reconstrução da história do Sérgio Arouca vocês tão explorando isso, aqui... é um não-dito assim que você não consegue saber, você vê, a primeira vez que o Arouca volta aqui são 15 anos, tá na minha tese, na parte da minha tese, na primeira vez que uma instituição oficial, a Ana Canesci era minha orientadora... Nós o convidamos, defendeu a tese aqui com a professora que foi perseguida, teve anistia, já era democracia, já tinha acabado a ditadura, só em 90, 91, que ele é convidado, com todo o conhecimento que ele tem, que volta a intervir oficialmente, depois da tese ele é convidado pros 25 anos, a festa, simbolicamente e tal. Então tem uma coisa embaçada aí nessa saída de vocês daqui, não sei se é uma vergonha institucional...

Anamaria: Você fala aqui?

Gastão: É, é. Eu sinto como um não-dito mesmo, alguma coisa institucional, do não-contado, o esqueleto da família que não pode falar, não sei o que é.

Anamaria: O Zé Rubens ontem até que colocou uma coisa interessante, as coisas acontecendo, as proibições vindo cada vez mais, como as teses em cima da mesa do Zeferino e não defende, ele era o único que não defendeu tese, todo mundo, o Dr. Guilherme, o Rubens Murilo, vinha todo mundo pedir pra ele, que o meu orientador, o Pinotti, o Pinotti acabou pedindo demissão, num determinado momento. E ele não deixava de jeito nenhum, e não houve um movimento, não houve uma palavra a não ser dessas pessoas (por isso que eu fiz questão de que o Pinotti fosse entrevistado) não houve um movimento em defesa da gente, nem na Faculdade de Medicina, nem em lugar nenhum.

Gastão: Esse é o silêncio institucional, é isso, fica um mal estar. Aqui sempre teve a concepção de ser um espaço livre, tinha a ditadura, mas aqui você tinha liberdade, autonomia, existia o Maluf em São Paulo, uma intervenção, liberdade de pensamento e tem esse episódio que é meio nebuloso, do ponto de vista de quem tem essa concepção.

Anamaria: O Pedro quando tava estudando aqui, meu filho, ele disse que foi publicado no jornal, mas ele é muito desligado, que fizeram uma série de artigos e que era sobre cassações brancas e o primeiro artigo tratava da gente. E eu nunca... O Pedro falou: “mãe, saiu uma coisa no jornal”. Eu falei: “Pedro, tem que pegar esse jornal, onde tá?” Mas aqui também eu procurei saber por pessoas...

Gastão: O jornal de Campinas?

Anamaria: Era alguma coisa aqui de Campinas

Guilherme: Vamos procurar, então.

Anamaria: E ele falou: “mãe, saiu uma coisa no jornal”, que as pessoas vieram dizer pra ele. O Pedro veio pra cá de 90 a 96, 97, por aí.

Guilherme: Você tenta ver com ele mais ou menos em que ano foi e a gente faz uma pesquisa nos jornais daqui.

Anamaria: Mas ele falava isso: “mãe, saiu uma coisa de vocês lá, que vieram trazer pra mim.” Eu falei: “Pedro, você tinha que pegar o jornal pra guardar”. Mas o Pedro era muito assustado com isso, ele era pequeno ainda, mas isso deve de alguma maneira bater, ele teve que sair de casa no meio da noite, comigo, ficar escondido numa casa, ir pra casa da minha mãe, era uma coisa meio complicada, a vida dele mudou, ali ele tinha uma casa, de repente a vida dele mudou. Vai pra Batatais, desaparece o pai e a mãe, depois volta, a mãe aparece e mora numa outra cidade sozinha, o pai mora numa outra casa, então...

Guilherme: A impressão que eu tenho é que preponderou num dado momento, não a questão acadêmica...

Gastão: Onde?

Guilherme: Nesse contexto, mas a questão política...

Gastão: Absolutamente política, perderam o controle.

Guilherme: Quem foi que falou? Foi o Pinotti ou foi o um deles ontem, que todas as universidades públicas tinham uma subseção do DOI-CODI, e a UNICAMP era a única...

Gastão: Não foi o Zeferino que me falou porque eu nunca conheci ele. Eu nunca falei com ele pessoalmente. Mas os assessores. A história que ele contava era a seguinte: que o pacto que ele tinha com a ditadura, com o Castelo, era o seguinte: “hoje as pessoas não fazem política, produzem cientificamente”. E esse povo fazia...

Anamaria: Exatamente! Podia pensar, mas não podia era fazer, e eles faziam.

Gastão: Tava mexendo com o próprio Paulinho, organizava o PC, cheio de residentes agitando pelo Brasil afora, então quebrou o contrato.

Anamaria: E, além disso, o povo fazia Pós-graduação, Mestrado lá nas Ciências Sociais e começava a agitar lá dentro.

Gastão: Nesses eu bato em nome do bem comum, pra manter tudo...

Guilherme: Por isso talvez não seja uma resposta que venha da instituição porque foi alguma coisa...

Gastão: Porque ninguém fez nada, eles ficavam falando...

Anamaria: É, ninguém fez nada. O Arouca já era essa pessoa, ele era. Esse grupo que tava aqui em Campinas era o grupo formulador na frente junto com o Guilherme e a Cecília Donangelo. Era o grupo que formulava na frente, muito na frente e aqui você pode dizer que todas as pessoas que saíram daqui e que depois vieram são pessoas que são formuladoras, em áreas diferentes, com questões diferentes.

Gastão: Eu vim pra cá em 84, 85 pra continuar um projeto que tava parado onde eles pararam, essa coisa de não dar atenção primária, de juntar prevenção. Eles estavam mexendo com isso, parou.

Anamaria: E era uma coisa assim, nada, não se falou nada. Mas sabe por que também essa coisa ficou nesse limbo? Porque aconteceu a morte do Herzog. A morte do Herzog, ela, nós já estávamos no processo de cassação, digamos assim, porque a gente não podia dar aula, não podia fazer reuniões, nós atendíamos a pacientes até que chegou no ponto em que eu pedi uma licença, uma licença prêmio que eu tinha e o Arouca, o Arouca foi pra Brasília, nós já estávamos procurando lugar pra ir, porque já sabíamos que tinha que sair daqui, quando aconteceu a morte do Herzog. Quando aconteceu a morte do Herzog, o Tadeu tava sozinho com o Pedro em casa, o Arouca tava em Brasília nessa peregrinação dele e o que aconteceu foi que o Davizinho tinha uma série de nomes em que ele, sendo preso, essas pessoas deviam ser avisadas, e lembra aquela menina que trabalhava com ele, como que ela chamava? Que era do Recife também... A Rosa. A Rosa tinha esses nomes. A Rosa não foi presa você sabe o porquê, né? Ela entrou no banheiro, num reservado, e ficou acorada na privada, com o pé na privada, e os caras olharam e não viram ninguém e levaram o David. Quando ela saiu de lá ela saiu avisando as pessoas que era o Zé Eduardo, era pra avisar a mim, tinha quatro pessoas ou cinco que era pra avisar. Quando o Zé Eduardo chegou na minha casa, tava eu e Pedro lá sozinho, o Pedro tinha quatro anos de idade, tava dormindo e eu tava lendo. Quando o Zé Eduardo chegou, ele já chegou com a família, com o carro todo preparado, ele já tava saindo. Bateram na porta... E eu não abria, porque já tinha a notícia da morte do Herzog, havia a notícia de que havia uma *Operação Jacarta*, e eu tava sozinha, onze e meia da noite batem na minha porta, e eu não queria abrir. Aí eu abri a porta, aí eu ouvi a voz do Zé Eduardo e da Maria Lucia, falar: “Ana, Ana, abre aqui, por favor, professora, abre aqui, é urgente”. Aí eu falei: “Pronto, prenderam alguém”. Aí, abri a porta, ele falou: “ah, é com você. O Davizinho foi preso e ele pediu pra avisar que era pra vir aqui dizer a você, que você tava sozinha, que era pra que você

saísse da sua casa”. Eu disse: “amanhã”. “Amanhã, não, agora, e nós vamos esperar você sair, não é pra ficar nenhum minuto aqui, é pra sair agora”. Aí peguei o Pedro dormindo, botei no carro, não tive, o Arouca não sabia onde a gente tava.

Gastão: No mesmo carro deles?

Anamaria: Não, no meu carro, eu ia. Quando eu saí e fui andando me deu um medo por que eu falei: “eles vão me parar na estrada com esse menino” E eu tinha medo porque tinha toda aquela história, pegavam as crianças, e tal. Eu fiquei, falei: “não, eu não vou”. Eu voltei e fui pra casa de um colega nosso de Mestrado lá das Ciências Sociais e era um cara do Rio, Ednardo Pires, que tava fazendo Mestrado de Economia aqui. Fui pra casa do Ednardo, ele morava relativamente perto da minha casa, bati, ele abriu, eu falei: “você vai me desculpar”. Porque ele também começou, ele exercia uma liderança grande na área de Sociologia, ele era aluno. Porque quando nós fomos pro curso, a gente começou a ir como aluno de curso de Pós-graduação, nós éramos mestrandos, e aí eu falei: “Ednardo, eu não tenho a quem ir porque eu tenho medo de ir pra casa de uma pessoa. Primeiro de eu incriminar a pessoa e depois de eu ser achada. E a sua casa é um lugar que eles não vão me achar”. Ele aí pegou, acolheu a gente e saiu com o meu carro pra avisar a Célia Leitão que ela não precisava sair, mas que ela tivesse cuidado e avisasse a Maria. Quando eles saíram com o carro, o meu carro parou, teve um problema mecânico e parou. Anjo da guarda nessa hora... Aí ele voltou, foi, tomou um táxi, foi na casa da Célia Leitão e voltou e telefonou porque eu falei: “ligue pra minha irmã vir buscar o Pedro”. Que a gente tinha essa combinação, qualquer coisa minha irmã morava em São Paulo. “Fala pra minha irmã vir pra cá buscar o Pedro”. E ele ligou e voltou e falou “Olha, Anamaria, foi bom você não ter ido porque...” Então isso era uma situação que desbaratou todo mundo aqui, e eu fiquei escondida duas semanas na casa do Ednardo, trancada num quarto e a empregada não podia me ver. Trancava a chave e enquanto a empregada tava lá, ele dispensou a empregada, começou a vir uma vez por semana só, que eu tava começando a ficar maluca. E enquanto a coisa não baixou, eu não saí. E o Arouca nesse tempo todo não sabia, não tinha idéia do que tava acontecendo. Sabia que eu não tava mais em casa, falaram pra ele não voltar, que era pra ficar lá, e que nós estávamos protegidos, que eu e Pedro estávamos em segurança. Então, era um clima de terror, ninguém tinha coragem de falar nada. Os negos prendendo, ameaçando que prende, e faz isso, e tal, a morte do Herzog e aquela comoção toda, as pessoas acho que ficaram com muito medo. Ninguém. Aqui baixou uma coisa. Davizinho preso, pessoal de Ribeirão que a gente conhecia preso, entendeu? A coisa ficou muito complicada. O pessoal de São Paulo preso, que eram contatos do partido da gente que eram lá do Comitê de São Paulo presos, o irmão do Arouca desesperado, porque já tinha sido preso algumas vezes, advogado, Zé Carlos, então foi... eu acho que as pessoas tiveram muito medo e tiveram muita dificuldade de organizar alguma forma de manifestação e eu não acho que, quando o Zé Rubens fala isso fala bravo, mas eu tenho uma avaliação diferente, eu acho que as pessoas não tinham condição...

Gastão: Ele era jovem na época.

Anamaria: Eu acho que as pessoas não tinham condição de fazer isso, era muito pesado o clima, era muito pesado. Agora, uma coisa engraçada é essa, o Arouca em Brasília fazendo uma assessoria pro Ministério tranqüilo. Fui pro Rio, nunca fomos

procurados no Rio. Com a coisa do Herzog amainou. Eu tenho impressão que foi isso, mas havia também essa coisa...

Gastão: Mas que já aconteceu fora do comando do Geisel, não era pra ter acontecido...

Anamaria: Porque a coisa aqui dentro foi feita de uma maneira bastante, bastante solerte.

Gastão: Mas vocês foram demitidos?

Anamaria: Não, ele não nos demitiu. Ele disse que nós não defenderíamos a tese enquanto nós não tivéssemos um trabalho em outro lugar. Nós nos demitimos, a partir de um momento, porque era um constrangimento que ele criou e aí foi quando nós discutimos, o Dr. Guilherme, o Pinotti, todo mundo. Nós fizemos... O que nós fazemos? Aí o Murilo Marcos, o pessoal lá das Ciências Humanas falou: “não, ele vai cortar a vida acadêmica de vocês, vocês vão ter a vida... vai, se vira, sai, porque a gente vai batalhar ainda pra vocês defenderem tese.” E isso realmente aconteceu, as pessoas – não as pessoas mais do Departamento porque o Dr. Tobar entrou em pânico, e ele não participou da defesa do Arouca. Você lembra, ele era o orientador, quem foi foi o Dr. Guilherme, assumir o papel de orientador. Ele e Pinotti que seguraram.

Gastão: O José Aristodemo Pinotti? Legal.

Anamaria: Então era uma coisa assim, e depois que teve esse constrangimento. Mas, por exemplo, a gente – eu mantive sempre uma ligação sempre assim muito próxima do Everardo e Zilda, meus amigos do coração, sempre. O Pedro, quando veio pro Rio ele ficou na casa deles, com a Ana Canesci, entendeu, a gente manteve com algumas pessoas daqui. E o Nelsão que foi morar na nossa casa, o Nelsão que foi morar na casa que era nossa aqui. Quando ele veio pra cá... ele ficou morando na casa que era nossa aqui. Então era... Agora são essas pessoas, os interventores, o Manildo, a gente não queria saber. O René Mendes não era desse tempo, ele veio depois. Ele não fazia parte disso, ele tomou um papel aqui que o Everardo depois me contou, a Ana também, mas ele não foi desse tempo. Quem foi mesmo foi o Manildo, que era a pessoa que tava aqui, e o Reginaldo que fazia o papel de interventor.

Regina: Obrigada.

***Depoimento de Carmem Lavras
(Campinas - 29.04.2005)***

Carmem: ...então ele coloca assim, olha, coloca um pouco assim o foco da argumentação dele: que existiram, estou falando década de 70, antes, portanto, das eleições de 82, que foi quando o MDB ganha nos municípios, e ele coloca mais ou menos o seguinte, você tinha um movimento que era um movimento de enfrentamento da Ditadura, mas não pela luta armada e o que você estava formando? Eram “núcleos de democracia” no país todo, e aí ele chama a atenção para a importância que tiveram os departamentos de Medicina Preventiva, em particular a Medicina Preventiva da UNICAMP que naquela época ele considera inclusive uma ilha, porque você não tinha ainda resistência.

Regina: Vamos começar.

Guilherme: Não, já começou.

Regina: Poderia começar a contar pra câmera. Vamos começar com um metodozinho... Primeira coisa a ser falada: seu nome, a sua relação com o Sérgio Arouca, como você conheceu o Sérgio Arouca e aí você começa a contar, falar desse material... [pausa]

Carmem: Eu sou médica sanitária, sou doutora em Saúde Coletiva pela UNICAMP, e o meu contato com o Arouca foi como aluna do curso de Medicina da UNICAMP na década de 70, início da década de 70 e foi um contato que eu acho que me aproximou muito dele e do grupo que naquele momento trabalhava no Departamento porque eu fui uma das alunas na época que participou do LEMC que era o Laboratório de Ensino de Medicina Comunitária, que era um projeto que existia no Departamento de Medicina Preventiva, apoiado pela Fundação Kelloggs, um projeto que na época desenvolvia, se propôs a desenvolver uma experiência de Medicina Comunitária em Paulínia e em algumas regiões periféricas da cidade de Campinas, isso nós estamos falando do ano de 74, 75. Eu vivi um período ainda como estudante quando houve uma crise no Departamento de Medicina Preventiva em que esse grupo todo que era na verdade liderado pelo Arouca, no meu entendimento acaba sendo exonerado da Universidade, eles acabam indo pra Fiocruz e nós continuamos, aquele grupo de alunos que era um grupo que desenvolvia as atividades, na verdade eram três; Paulínia, e mais uma região aqui que chamava Parque Brasília, Vila Rica, Vila Costa e Silva que naquele momento eram bairros assim periféricos da cidade, nós continuamos levando essa experiência em caráter informal e continuamos mantendo contato com o Arouca, ele vinha sempre a Campinas, nos enviava textos, a gente fazia seminários, isso foi sendo levado até que na eleição, no governo que toma posse em 77, em 77 o governo toma posse quando o MDB ganha na cidade e a gente consegue institucionalizar esses projetos no âmbito da Prefeitura junto com o secretário que então era o Sebastião de Moraes. É o início do processo de Municipalização da Saúde em Campinas, é um processo que o Arouca não estava mais residindo em Campinas, não era mais profissional daqui, mas que ele acompanhou de perto, que teve um contato grande também com o Sebastião, com todo o grupo. Nós terminamos essa primeira gestão acho que em 82, com 36 unidades básicas de Saúde no Município de Campinas, então é um trabalho que nasce aqui e que tem um processo semelhante também em Niterói e em Londrina, que foram municípios que através do Arouca também nós tivemos um processo grande de articulação, realizamos

o I Encontro Municipal no Setor de Saúde, aqui em Campinas, o II depois em Niterói, e eu acho que foi um marco aí tanto para o processo de Reforma Sanitária e mais especificamente para o movimento municipalista da saúde. Eu tentei há pouco tempo fazer um resgate desse período com o Arouca, porque eu acho que assim, quando o Movimento de Reforma Sanitária assume um contorno mais nítido com a participação não só das Universidades, dos Sindicatos, do Movimento dos Médicos Residentes, e dos próprios partidos políticos que começam a sair da clandestinidade e estar de uma forma mais atuante no país, nós temos um conjunto de relatos e de publicações desse período, mas esse período que eu digo que foi o período mais negro da Ditadura e que é onde nascem essas propostas, a gente não tinha quase dados levantados, então eu acabei tendo a oportunidade de estar entrevistando o Arouca em conjunto com o secretário da época de Niterói que era o Tomasini e mais um grupo de pessoas que compuseram o grupo do Sebastião de Moraes aqui em Campinas e nós passamos um dia todo no Ministério da Saúde e foi muito interessante porque nós tentamos focar aquele período, um período até antes dessas prefeituras começarem. É um material que eu acho que está muito rico, que ainda precisa ser trabalhado mas que me traz dois grandes eixos colocados pelo Arouca na ocasião, um primeiro eixo que era assim um movimento grande que existia então em meados da década de 70, começo de 73, 74, daí pra frente, em que se buscava uma frente de redemocratização do país de enfrentamento da Ditadura na verdade, mas do enfrentamento não pela via armada, porque eu acho que existiu um conjunto de partidos e de movimentos sociais no país que buscaram enfrentar a Ditadura através do enfrentamento armado, da via armada, e existiram outros núcleos, eu acho que naquela ocasião o Arouca representava o Partido Comunista Brasileiro, mas não era só o Partido Comunista Brasileiro o único movimento contra isso na ocasião, que acabaram trabalhando numa outra via, na via de identificar e de fortalecer esses núcleos de resistência à Ditadura e esses núcleos que a gente chamava de construção do processo de democracia no país. Existiram várias frentes, mas uma frente sem dúvida significativa foi a frente da saúde naquele momento de progresso dos departamentos de Medicina Preventiva, numa discussão que se trazia muito assim de uma mudança do foco das Ciências Sociais na Saúde, de uma visão que vinha meio que importada em termos americanos (Estados Unidos), numa visão mais positivista de Ciências Sociais onde se trabalhava muito a relação médico/paciente, mas se trabalhava muito pouco a determinação social do processo de saúde e doença, então essa era uma discussão daquele momento importante. O momento em que na UNICAMP em particular ainda era um núcleo novo, não tinha grandes resistências do ponto de vista político, então se construiu um Departamento forte nessa linha, tanto das Ciências Sociais como das iniciativas de Medicina Comunitária, e aí que é importante a questão do LEMC – que era o Laboratório de Ensino de Medicina Comunitária, que o que ele fez foi agregar, trazer junto a parceria da Kelloggs que naquele momento tinha uma pretensão de fazer uma reestruturação da educação médica. Eu acho que essa percepção do Arouca de entender a importância de estar buscando apoio em uma outra instituição pra um projeto que eu entendo naquele momento contra-hegemônico, eu acho que foi uma coisa muito importante que se disseminou, disseminou para USP, que eu acho que foi bem lembrado também pelo Arouca na ocasião dessa entrevista o que significou a eleição do Guilherme como alguém que também trazia essa discussão, trabalhou nessa linha.

Anamaria: O concurso público que o doutor Guilherme fez é bem precoce, a gente não está na década de 70 quando isso aconteceu, ele pega antes.

Carmem: Mas ele começa a implementar o processo de Medicina Comunitária mais ou menos no mesmo período, e essa discussão nas Ciências Sociais passa a ser detonante.

Anamaria: Não, mas essa discussão é uma discussão mais antiga, é uma discussão da década de 60.

Carmem: Mas que vai repercutir nesse momento.

Anamaria: Que vai continuar nesse momento, mas era uma discussão da década de 60 já, onde já havia a proposta americana da inclusão de uma Ciência do Comportamento, a discussão começa precocemente, eu diria, a discussão crítica começa precocemente em Ribeirão Preto a partir de uma discussão entre Teruel, que era uma pessoa que foi, depois teve que se exilar, foi pra OPAS e um grupinho que era o Totó, o Marques, tinha um grupo lá de Ribeirão que... o Arouca, eu, tinham várias pessoas que vocês entrevistaram algumas delas. A gente já tinha essa discussão quando a gente era estudante, era uma discussão, e isso acontecia em muitos lugares também, essa discussão vira uma discussão institucional não só já dos estudantes e alguns professores interessados a partir de 69, quando começam as reuniões no Departamento de Medicina Preventiva.

Carmem: É, que foi desse período mesmo até meados da década de 70, mais ou menos isso, finais da década de 60 e meados, até 74.

Anamaria: Não, em 70, 74 essa visão já estava mais ou menos sedimentada, porque nós saímos daqui já em 75, quando nós saímos daqui já tinha essa visão sedimentada de uma Ciência Social diferente, porque começou quando os departamentos começaram a fazer concurso pra ter cientistas sociais de outra estirpe, que não eram vamos dizer assim, que não eram... que tinham pouca, uma postura historicista, vamos dizer assim, mas eles não tinham essa visão americana de ciência do comportamento.

Guilherme: Ana, e isso daí se deu no contexto do Juan César Garcia estando na OPAS. Porque a sensação que eu tenho é de que foi um golaço, né?

Carmem: A OPAS trazendo essa discussão e a importância do Juan César e do outro lado a Kelloggs trabalhando a educação médica, que eu acho que foram duas instituições que...

Anamaria: O Juan César, ele veio pra cá, foi um processo muito interessante porque num primeiro momento o Reginaldo (...) que era aqui do Departamento, ele tinha uma bolsa, não era da Kelloggs, mas era de uma outra, eu agora não lembro, mas a gente mexia com ele... eu não lembro, daqui a pouco eu lembro o nome dessa instituição. Milbanks Foundation! Ele era *milbanks boy*, e ele foi pra os Estados Unidos, ele era um sociólogo e lá ele entrou em contato com essa vertente, a chamada ciência do comportamento, quer dizer, a proposta era que a questão toda não era questão de sociologia, não era questão de classe, mas de comportamentos de grupos sociais, quando ele vai, e em seguida ou quase ao mesmo tempo o Ézio Cordeiro, que ele tinha se formado ele vai também pra lá e ele fica, ele passa mais ou menos, quase um ano nos Estados Unidos. Quando em 68 o Ézio volta e o Teruel já estava lá começa a haver uma... digamos assim, começa a haver inclusive através do Teruel e do Zé Roberto que hoje está na Fundação Osvaldo Cruz uma aproximação com a OPAS, e aí neste

momento nasce a relação com o Garcia, o Garcia veio aqui pela primeira vez pra fazer uma reunião assim em 68, ele vem em Campinas, ele passa no Rio, ele foi o indivíduo que de certa maneira ajudou a criação do Instituto de Medicina Social. Instituto de Medicina Social tem a marca do Garcia mais do que qualquer outro lugar. Porque era alguma coisa que se fazia a partir do nada, aqui em Campinas já tinham um Departamento de Medicina Preventiva, quando a gente veio já tinha uma entrada através da Medicina Preventiva. Lá na UERJ não tinha nada, é tudo uma criação do grupo do Ésio Cordeiro, Nina, Noronha, e Reinaldo Guimarães que ainda era estudante, em cima dessa possibilidade, por isso que o Instituto de Medicina Social é tão diferente das outras áreas. Essa relação se torna uma relação assídua, quer dizer, de trocas com o Garcia; o Garcia nos enviava pacotes de material de literatura porque nós tínhamos dificuldade de adquirir esses livros porque eram considerados subversivos, então o Garcia... Eu li, na minha tese eu usei um material de filosofia russo pra discutir a questão da causalidade, entendeu? Então, esse momento em que ela chega aqui no Departamento é o momento em que essa coisa já está em efervescência, já está andando e que a partir de uma experiência de Medicina Preventiva dessas novas idéias formulam um novo projeto que é o Projeto Kelloggs que de certa maneira atuava em várias áreas da saúde, mas tudo preso nessa coisa de mudança do ensino, mudança dos currículos.

Carmem: Porque essa era a exigência da Kelloggs.

Anamaria: Era a exigência da Kelloggs.

Guilherme: A Kelloggs se fortaleceu a ABEM?

Carmem: Se fortaleceu, eu acho que a Medicina, não sei, eu acho que ela teve um papel também, mas eu acho que mais do que isso, a ABEM tem outros determinantes que não é só a Kelloggs, mas eu acho que a Kelloggs teve uma importância nesse momento, quer dizer, mas eu acho que é uma importância porque também existiram atores que conseguiram fazer essa tradução, e pegando, articulando o discurso deles da educação médica e o que eles estavam querendo com um projeto político com a cara do Brasil, eu acho que essa era a idéia.

Anamaria: Exatamente isso.

Carmem: E aí é interessante assim, agora o meu depoimento não é nem tanto Arouca, mas assim como era esse momento pra nós, um grupo de estudantes (mais ou menos 12 pessoas), no grupo que estava ali, no 5º, 6º ano de Medicina, 4º, 5º e 6º ano e, por exemplo, os documentos que chegavam e que a gente tinha que ler e ter que ler escondido, e assim às vezes com risco do pessoal chegar em república como chegou e tendo que buscar esse material ou então você tendo que, no caso, nós tínhamos por exemplo, isso já um pouquinho na frente, grupos até de outros partidos políticos aqui na cidade que enterravam no quintal o material, esses textos que não podia ler. A gente fazia seminários, isso na hora em que vocês já tinham saído, Arouca já tinha saído daqui...

Anamaria: Essa história, conta pra gente.

Carmem: Já tinham saído da preventiva, nós sobramos como alunos e continuamos o projeto, e a gente fazia reunião, por exemplo, à tarde com textos que eram mandados, ou

a gente lia *O Capital* na época e fazia toda a discussão, e entravam pessoas; entravam professores só pra saber quem estava, anotar quem estava e todos nós tivemos nossos nomes mandados pro SNI na época por conta disso, saber o que se estava discutindo. Mas já existia uma prática que era uma prática enquanto vocês estavam aqui e isso o Arouca colocou muito nessa ocasião que ele fez o depoimento que era a questão do primeiro e do segundo discurso, quer dizer, nós criamos uma maneira de sobreviver, quando éramos nós era um discurso: era o discurso político, ideológico, buscando o material que nos chegava de todas as formas, mas não chegava de uma forma institucional pela Universidade, chegava pelos partidos, pelos contatos que a gente tinha, e do outro lado o segundo discurso, que era isso vestido de um caráter técnico em que a gente justificava isso pra Universidade.

Anamaria: E tinha uma música também. Toda música do grupo mineiro é uma música alusiva e uma metalinguagem danada, o Chico Buarque também, ele era mais direto, mas o pessoal de Minas era, a gente tinha uma identificação brutal com o pessoal de Minas por conta disso.

Carmem: Isso era normal aqui, quer dizer, a gente viveu assim durante alguns anos. Houve aí, eu acho, que foi colocado isso aí antes de você – eu acho que você tem mais dados pra colocar – mas eu me lembro bem assim, existiu um outro grupo que era um grupo mais da AP e mais da esquerda católica que num determinado momento, na circunstância de governo ainda e final de Ditadura assume o Ministério da Saúde com assessores e tal e isso acaba dando uma possibilidade de abrigar o grupo no Rio de Janeiro, então eu me lembro assim, eu não quero substituir o que vem depois aí, eu vou resgatar isso pra vocês em termos da colocação concreta que foi feita, mas foi citado, por exemplo, a questão do grupo da Santa Casa, do grupo do departamento de Preventiva da Paulista e na época no Ministério no caso do Guedes, do Nunes, do Mercadante que vinham nessa origem e que acabaram de certa forma ajudando a abrigar o pessoal no Rio.

Anamaria: O Arouca fez uma... adiantou as coisas que aconteceram depois, quando nós saímos daqui quem estava lá era Eduardo Guedes, Carvalheiro (que era assessor do Ministério), tinha aquele baiano (esqueci o nome dele agora mas eu me lembrarei depois), e que estavam em Brasília e o professor Frederico na Universidade de Brasília, não era ainda o Santana que era o Ministro, mais lá pra trás. Nessa época – e o Yunes que também era um assessor do Ministério. Não, o Yunes é da USP, é da Faculdade de Saúde Pública da USP.

Carmem: Então, mas foi assessorar o Ministério.

Anamaria: Foi assessorar, neste momento é que quando a coisa apertou aqui a gente tinha uma possibilidade que se abria pra gente de trabalhar em Brasília; o Arouca junto do Ministério, e o doutor Frederico Simões abriu um espaço pra eu trabalhar no Departamento com ele, na Universidade de Brasília, e a gente não quis, mas num momento seguinte quando a gente já estava no Rio de Janeiro, houve esse... o Guedes vai pro Ministério, foi logo em seguida, ele ascende ao Ministério e o outro, quem vai pro Ministério é o Seixas, e o Guedes era uma pessoa que tinha uma relação muito grande com o Seixas, então ele também vai, e essas pessoas nesse momento deram um grande apoio por trás, entendeu? Nós não podíamos ficar em Campinas, mas fora de Campinas a gente, na área da saúde a gente tinha o trânsito livre.

Guilherme: Eu acho que a Célia Almeida falou quem é essa pessoa, que chegou lá e estava na mesa dele porque ele vivia viajando.

Anamaria: Ele é um cara magrinho, eu esqueci o nome dele, são duas palavras o nome dele e eu não consigo me lembrar agora. O Jairnilson Paim parece um pouco com ele, e também é cria dele.

Carmem: Eu sei quem é.

Anamaria: Você sabe quem é, né, eu não consigo lembrar o nome desse baiano. Bem, então isso é verdadeiro, mas existem dois momentos num tempo, o momento da crise aguda e o momento em seguida.

Carmem: E uma crise aguda que na verdade foi o seguinte, nesse relacionamento com o OPAS acabam vindo pra Campinas dois assessores, um chileno e um outro.

Anamaria: Não, eles vêm no Projeto Kelloggs.

Carmem: No Projeto Kelloggs, desculpa, o Projeto Kelloggs vem e traz esses dois, Zamorano...

Anamaria: Zamorano, e como chamava o outro chileno? O outro que era da área, sociólogo, Zamorano era epidemiologista.

Carmem: Mas é quem nos vale, enfim, e o segundo discurso que era utilizado mais tinha textos e tinha pareceres, e um dos textos do primeiro discurso em que as coisas estavam colocadas de uma maneira mais clara foi o que chegou nas mãos do Zeferino, e foi isso que de certa forma desencadeia uma crise política, eu acho que não atingiu só aí a questão da Preventiva, atingiram vários outros grupos.

Guilherme: Isso já posteriormente a...

Carmem: Não, na UNICAMP, eu voltei um pouco no sentido assim da saída do grupo aqui, quer dizer, de repente você tem um grupo aqui, de repente você tem um projeto de Medicina Comunitária institucionalizado apoiado pela Kelloggs, apoiado pela OPAS, com um conjunto de forças que eu diria progressistas, mas que estavam enfrentando a Ditadura, articulados com outros núcleos no país, então se fazendo realmente uma frente pela democracia, eu acho que era isso, com forte participação no setor saúde, mas não era só no setor saúde, mas uma grande participação no setor saúde, e a importância do grupo aqui da UNICAMP era uma importância assim, eu acho que muito grande, bem protagônica nesse processo, e acontece que nesse momento acaba gerando essa crise no Departamento, isso foi no final de 74, 75.

Anamaria: 74.

Carmem: E acaba que a UNICAMP que de certa forma estava preservada de certo controle na época da Ditadura acaba entrando na linha em que estavam as outras universidades, e aí o grupo acaba sendo, cria-se uma crise, não se dá, propõe-se pro

Arouca (que eu me lembro, na época) que ele desse um plantão em Paulínia à noite pra não encontrar estudante, não falar com ninguém, era meio isso.

Anamaria: Nós éramos vigiados.

Carmem: E aí todo mundo vigiado e aí ele acaba achando, acho que vocês chegam numa conclusão, o grupo chega numa conclusão que era impossível sobreviver aqui com um projeto. Então foi nessas circunstâncias, e com esse apoio do pessoal do Ministério que acaba se saindo de Campinas e indo pra Fiocruz que também estava esvaziada naquele momento, com a Escola Nacional de Saúde Pública esvaziada, então e aí fecha um pouco assim um ciclo do Departamento de Saúde Preventiva da UNICAMP, mas deixa uma raiz que eu acho que acaba se expandindo, aí não mais dentro da própria UNICAMP, mas acaba sendo levada pra Prefeitura, com a eleição do MDB e com a posse do Sebastião Moraes, o Chico Amaral como prefeito e o Sebastião Moraes como secretário, que na verdade era um cirurgião, era alguém que vinha da esquerda católica, que não tinha vivência de saúde pública, mas que era um entusiasta e acabou permitindo que o projeto acontecesse. Agora, deixa o legado, mas isso assim, o Arouca continua acompanhando, ele vinha sempre, conversava, trocava, então foi assim um processo muito rico. Grande parte dos alunos, por exemplo, a minha turma se forma na Medicina em 1977, uma turma de 70 onde pelo menos 20 alunos foram trabalhar com Medicina Comunitária dentro da Prefeitura, então eu acho que teve uma importância aí assim de influenciar...

Guilherme: E essas comunidades que vocês trabalharam se encontraram nesse projeto da Prefeitura?

Carmem: Nós fomos os primeiros, eu no 5º e 6º ano de Medicina, a gente já atendia, primeiro em 76 nós continuamos trabalhando como se o LEMC continuasse existindo, mas por conta própria e articulado com os movimentos sociais no âmbito local lá das associações de moradores e na seqüência em 77 a gente já se articulava com outro movimento que estava eclodindo em Campinas que era das comunidades eclesiais de base, então na verdade um movimento de saúde na hora em que ele passa a ser institucionalizado pela Prefeitura em Campinas ele vem com um pé nesse grupo que vem do Departamento de Preventiva, nascido na liderança do Arouca e do outro lado o pessoal encontrando o pessoal das comunidades de base, e o Sebastião significou um marco do ponto de vista institucional na Secretaria Municipal.

Anamaria: Mas toda parte que era da discussão científica pára, porque esse projeto trazia articulado um leque de possibilidades de investigação tanto na área de Ciências Sociais – porque a gente queria produzir pesquisas que recolocassem a questão da saúde, então a gente tinha pesquisa no livro ao nível do processo educativo, tinha a formação de gente, mas tinha questões que o Joaquim levava sobre educação dentro da saúde, tinha projetos na área de Ciências Sociais e tinha projetos na área de Epidemiologia, que era toda a discussão da determinação da doença que era a discussão que eu fazia.

Fita 1 – Lado B

Carmem: Na história de 40 anos hoje, 41 anos que tem a Faculdade de Medicina, é um antes e um depois disso, não tem nada uma coisa com outra, quer dizer, eu acho que

houve uma cisão de uma linha que vinha evoluindo, agora o grupo continua articulado, eu acho assim, aí a gente não pode mais pensar só nesses atores, pra gente também não ser (como é que fala), deixar de lado algumas testemunhas, eu acho que importante, por exemplo, é a participação do Pelegrini, que naquele momento também era do LEMC, também foi uma pessoa importante ali. Bom, e aí esse grupo acaba se desenvolvendo aí na Prefeitura, acaba se criando um conjunto de outras iniciativas em outros municípios como eu coloquei pra vocês: Niterói e Londrina foram os primeiros e mais os municípios da região de Montes Claros com quem a gente tinha um contato grande, e aí foram os primeiros encontros de Secretarias Municipais de Saúde, Associação dos Auxiliares de Saúde, foi criada a Associação dos Auxiliares de Saúde, e acaba sendo um grupo, assim, um Movimento que acaba desembocando também na VIII Conferência, e o Movimento de Reforma Sanitária vai se construindo também com a participação desse pessoal.

Anamaria: Desculpe-me, eu cometi um erro, agora eu pensei, você tem razão; O Guedes era o Secretário Geral do Ministério. Mas não o outro que você disse, o...

Guilherme: Yunes?

Carmem: Não, o Mercadante que eu te falei, mas o Mercadante era só alguém chegado ao governo.

Anamaria: O Mercadante é que não era, quem era é o Guedes. Você estava corretíssima, desculpa.

Carmem: E até assim, aí eu vou colocar um pouco em termos da minha experiência pessoal também; nós trabalhamos essa questão em Campinas, eu acho que é uma história que eu acho também muito bonita e que também um dia precisa ser escrita porque hoje é fácil falar, mas naquele momento... Você não tinha, por exemplo, nós não podíamos nem sair pra fazer um curso de Saúde Pública, porque se saísse fechava toda a rede de Campinas, então a gente teve que agüentar o tranco durante por um bom período até poder estruturar mesmo a Secretaria e tal, passado acho que uns três anos disso o professor Tobar que eu não sei se foi citado ou não mas eu gostaria de estar colocando aí que num determinado momento ele foi uma pessoa importante, veio alguém da Colômbia que tinha o discurso das Ciências Sociais, quer dizer, que estava – Ciências Sociais não, me desculpa, o discurso da Medicina Comunitária, vinha com uma experiência, o professor Tobar veio da Colômbia com uma prática de Medicina Comunitária e assumiu o Departamento de Preventiva da UNICAMP.

Anamaria: Logo no começo...

Carmem: Lá no início, então foi importante porque ele valorizou, quer dizer, de certa forma ele avalizou também esse projeto, que eu acho que do ponto de vista da concepção e da liderança do processo eu particularmente identifiquei isso no Arouca, mas o Tobar foi alguém que contribuiu até em sendo chefe naquele momento com aquela conjuntura permitiu que esse projeto evoluísse, bom, depois que aconteceu toda essa crise e que nós já estávamos na Prefeitura, esse grupo, passado então alguns anos o doutor Tobar foi convidado a assumir o Departamento de Preventiva da Faculdade de Medicina aqui da PUC, que naquele momento passava por um processo de

reestruturação, foi então que ele nos chamou e fez uma análise crítica que colocava o seguinte: ele lamentava demais o que tinha acontecido e foi um momento difícil, porque nós tivemos muitos enfrentamentos naquele momento de saída, mas que ele lamentava muito o que tinha acontecido e ele gostaria que... de certa forma ele se sentia um pouco responsável da gente não ter continuado na Universidade. Então nasce, ele trás a gente pra PUC e a gente vem montar o Departamento de Medicina Preventiva, de Medicina Social aqui na PUC, então o grupo daqui acaba nascendo de certa forma desse movimento todo também e entra na Universidade pela mão do Tobar, quase que...

Anamaria: Pedido de desculpa.

Carmem: É, eu não sei assim, mas acho que um repensar mesmo que ele teve de todo esse processo.

Guilherme: Também, foi razoável, né?

Carmem: Não, eu acho que tinham outras pessoas que ele poderia estar procurando, mas eu acho assim, que foi certo reconhecimento. Pra gente foi uma coisa interessante porque mais do que falar não, a chance de você estar... Não era nem muito isso, mas pra nós era a análise de alguém que nós tivemos enfrentamento e que de repente veio com uma outra crítica, quer dizer, ele meio que se refez.

Anamaria: Ele apanhou muito...

Carmem: Ele começou a perceber todo...

Anamaria: Na cauda desse processo ele perdeu o controle do Departamento, ele foi pra Clínica, na Clínica ele teve problemas, ele tinha que pensar mesmo porque... ele pensou que “deixa eles irem, não mexo, não faço nada”, e ele não compareceu na defesa de tese do Arouca.

Carmem: A defesa foi assim histórica.

Anamaria: E ele caiu numa situação muito difícil, porque as pessoas, ele figurava – as pessoas são tão... tem uma coisa meia pérfida, porque ele não foi a pessoa que fez nada contra, também não fez a favor, ele viu acontecer e saiu de cena, mas ele pensou “não, deixa, eles fazem, sujam lá a mão deles, eles fazem isso, vão embora e nós continuamos aqui”, só que a coisa não aconteceu assim.

Carmem: Não continuou nada, foi um fato.

Anamaria: Ele perdeu. Foi um desmonte. Mas essa coisa dele eu não sabia, até achei legal, foi uma coisa interessante.

Carmem: E aí assim, talvez não esteja falando na seqüência correta, mas uma outra coisa que eu me lembro, a tese do Arouca pronta e Zeferino mandou engavetar, foi muito isso.

Anamaria: Ficou a tese dele e a minha um ano na mesma pinimba.

Carmem: E assim, o momento de defesa de tese lá no (...) foi uma coisa assim histórica, *O Dilema Preventivista*, porque lotado e foi assim aquela coisa da gente sentir que “puxa vida, estamos conseguindo, o Arouca está aqui, está trazendo a tese”, porque o enfrentamento político foi muito grande! Uma outra coisa que eu testemunhei um pouco não com a visão nem com a maturidade que a gente tem hoje porque acho, naquele momento eu era estudante, mas que eu acho importante até se buscar isso com outros depoimentos é a atuação do Arouca e não só nessa questão mais do envolvimento político da reforma sanitária criticando a preventiva, mas dentro da própria assessoria que ele fez ao Pinotti enquanto diretor. E como ele propunha coisas novas eu acho que teve uma importância grande no próprio desenho do curso de Medicina aqui da UNICAMP.

Regina: E esse material então que você, depois vocês fizeram...

Carmem: Eu fazendo a limpeza passo pra vocês.

Regina: Vocês fizeram uma entrevista, exatamente com essa preocupação de se recuperar essa história.

Carmem: A gente, na verdade a entrevista... Ms a visão era recuperar um momento que não está trabalhado, quase ninguém trabalhou esse período, a pessoa trabalha muito a reforma sanitária como um todo, esse fica só um pouquinho, essas entranhas.

Guilherme: Sim, é um capítulo que está meio...

Carmem: É, que está meio opaco ainda, e acho que esse foi um conjunto de questões, nessa entrevista o Arouca marca muito isso, esse primeiro momento, esse momento das Ciências Sociais, da Medicina Comunitária, de obras de Kelloggs, de Departamento de Preventivas, etc.; e um segundo momento, um momento em que você começa um processo de redemocratização já do país e aí o movimento toma corpo e aí você tem a questão das bases nos municípios como protagonistas do movimento, você tem movimento de médicos residentes, você tem movimento de sindicatos, quer dizer, é um outro que vai desembocar na VIII Conferência mas são coisas que na verdade se entrelaçaram o tempo todo.

Anamaria: Fala um pouco de onde estão as pessoas desse grupo, ficou aqui porque é importante ter esse testemunho dessas outras.

Carmem: A gente tem um grupo menor, original, que eu digo do LEMC, que eu me lembro está assim, eu estou aqui no Departamento do Curso de Medicina da PUC, hoje o Departamento aqui foi extinto e nós não trabalhamos mais com departamento, mas eu trabalhei mais de 15 anos, atualmente eu estou como Pró-Reitora, mas eu trabalhei durante 15 anos aqui com um núcleo de saúde coletiva, e que nós trabalhamos aqui no SUS com a região toda. E nesse núcleo nós também aglutinamos um conjunto de profissionais dessa época. Das pessoas que vêm lá de trás tem a Clarissa, que eu acho que é importante colocar, trabalhou também, teve uma atuação importante, hoje ela é ginecologista, mas trabalha na rede municipal e trabalha na Maternidade Campo XV, o Igor que faleceu infelizmente num desastre há mais ou menos um ano e meio, dois anos atrás, também foi um profissional de Saúde Pública, chegou a secretário Municipal, eu também fui secretária Municipal aqui em Campinas, eu fui no período de 93-96, o Igor

foi depois, eu acho que de 98. Então Clarissa, o Igor, o Ângelo que hoje está no Departamento de Medicina Preventiva da UNICAMP trabalhando com a Psicologia.

Guilherme: Você substituiu o Gastão então?

Carmem: Eu substituí o Gastão, na verdade teve... não, foi assim, o Gastão depois teve 6 meses de um outro secretário. A Daphne também é uma profissional de Saúde Pública hoje, da Secretaria de Estado, do Instituto de Saúde.

Anamaria: Eu encontro, a Daphne a gente encontra. Ela é filha do Rattner.

Carmem: É, do Rattner. Quem mais? Tânia eu acho que foi pra área de Pediatria, Ulisses foi pra Patologia, aí esse grupo acabou trazendo, foi sendo ampliado e aí você tem o Domenico Feliciello, veio dessa experiência da Vila Costa e Silva, o Domenico hoje é o diretor de Planejamento aqui na Universidade, mas também continua atuando em Saúde Pública. Cristina Restituti hoje é quem coordena a área de informação e saúde aqui em Campinas. Avancini (não sei se você lembra) e a Solange continuam na Prefeitura, foram diretores de Saúde, ela foi diretora de programas na minha gestão. Quem mais?

Anamaria: Maria Lúcia e Zé.

Carmem: Maria Lúcia e Zé Eduardo, eles tomaram outros rumos, porque aí eu acho que é uma coisa que é até bom a Ana lembrar porque voltando um pouco pra década de 70 e no final da década de 70, nós não trabalhamos só aqui em Campinas, a gente trabalhou em Itatiba, em Mogi-Mirim, em Mogi-Guaçu, na Holambra, em Salto, então esse projeto foi se desdobrando, e foram agregando várias pessoas também, que pessoas eram essas? Pessoas oriundas da UNICAMP desse grupo que eu coloquei e que se expandiu aqui em Campinas, mas pessoas que eram perseguidas politicamente Brasil afora, e que não tinham emprego na época da Ditadura, e que a gente acabava trazendo pra Secretaria Municipal de Campinas, isso é gestão Sebastião Moraes, e aí eu posso falar do Chico Monteiro? O pessoal chama de Chico Passeata, Helena, Wilson e Lígia, Cláudio e Ana, Henriene, enfim, é um conjunto de pessoas que vieram da Bahia, do Ceará, alguns que já tinham vindo, que passaram por Campinas já no final desse período de vocês no Departamento que eu também esqueci de colocar, David Capistrano, Zé Rubens, Zé Augusto, Eduardo Maia, são pessoas que também passaram por Campinas, quer dizer, nós tivemos...

Anamaria: Chico Gordo.

Carmem: Chico Gordo, nós tivemos um grupo que passou por Campinas na época do Departamento de Preventiva ainda com Arouca e esse grupo todo e depois nós tivemos um outro grupo de profissionais que acabam vindo pra Campinas na gestão do Sebastião Moraes na Secretaria de Saúde. E porque realmente foi aglutinando, eu acho que só pra colocar, a Secretaria de Saúde na gestão do Sebastião ela é uma Secretaria que carrega essa herança que vem da época aqui do grupo da Preventiva com Arouca e é uma Secretaria que do ponto de vista técnico, político, etc., é uma Secretaria que acaba sendo assim um espaço político de construção, assim da contra-hegemonia aqui na cidade de Campinas, quer dizer, os movimentos políticos importantes daquela época aconteciam todos dentro da Secretaria Municipal de Saúde, desde apoio às greves dos metalúrgicos,

à morte do Santo Dias, enfim, tudo aquilo que acontecia no panorama era ali que as coisas eram discutidas em articulação com o movimento social, isso tudo acompanhado (...). Voltando aí, o Zé Eduardo foi trabalhar na área de informática em saúde e Maria Lúcia trabalha como médica, acho que está em São Paulo hoje, mas assim, eles também tiveram, foram outros dois profissionais que junto com esse grupo que eu acabei de nomear, tiveram uma importância grande abrindo frentes de trabalho, em toda a região.

Anamaria: O Zé Eduardo é a pessoa que foi me avisar que era pra sair de casa, ele e a Maria Lúcia.

Carmem: A gente se reunia muito na casa deles. Era região de Itatiba, Itapira, Mogi-Mirim, Mogi-Guaçu, Salto, enfim, esses municípios todos em que a gente continuou trabalhando e abrindo frentes e trazendo essas pessoas, Paulinho hoje virou prefeito, quer dizer, são pessoas que...

Regina: E hoje esse movimento continua? Como é?

Carmem: Eu não entendo como movimento, eu acho que hoje esse movimento já está tão institucionalizado, eu acho que tem outras frentes, eu acho que é importante lembrar que algumas nasceram naquela época, tipo o CEBES, por exemplo, a gente criou o núcleo do CEBES aqui acho que em 77, 78, mas hoje você tem ABRASCO, tem o CEBES, você tem o CONASEMS, eu acho que o CONASEMS foi muito importante porque ele nasceu disso, esse movimento aí dos municípios, então você tem outras frentes e os partidos já institucionalizados, enfim, por último eu queria fazer uma colocação que agora me veio nessa sua pergunta. É que eu acho assim, uma coisa importante que pra mim particularmente ficou é que a gente trabalhou por uma causa suprapartidária, que nós sabíamos trabalhar as nossas diferenças, isso foi uma coisa que me marcou muito, quer dizer, nós tínhamos diferentes tendências, eu particularmente nunca fui do PCB, mas trabalhava com um grupo do PCB, do PC do B, da AP, do MR-8, enfim, e deu certa, um sentido assim de solidariedade entre o grupo e de respeito, então mesmo tendo visões diferentes do próprio processo político nós nos articulamos e conseguimos trabalhar o enfrentamento da Ditadura, na construção da democracia desse país, em particular na construção do SUS. E hoje eu acho que é uma coisa que muita gente chega nesse mais recente e não sabe fazer isso, então existe um certo sectarismo presente aí nessa última década particularmente, é partido tal, partido tal, a tendência tal e as pessoas não conseguem, coisa que no meu entendimento eu acho que prejudica o desenvolvimento do Sistema Único de Saúde, quer dizer, me marcou muito, por exemplo, na época quando eu fui tomar posse aqui da Secretaria Municipal de Saúde que apareceram todos, porque as pessoas se sentiam representadas, então vieram todas as tendências, o pessoal veio de longe no sentido de falar, e que não era a sensação do momento, era a sensação quase que de um resgate, e não era um resgate da proposta que nós já estávamos em um outro momento histórico, numa outra construção, num outro cenário, mas o que era? Eu pensei muito nisso na ocasião; era um pouco o resgate desse espírito de que a gente trabalhe em frente, de forma articulada, essa também eu acho que é uma contribuição do Arouca, quer dizer, o respeito um pouco às divergências, e o saber articular com pessoas de diferentes formações e de diferentes percepções aí na questão (...).

Guilherme: Está ótimo. Mas, na minha opinião, embora tenha um trauma, da interrupção, etc. e tal, até mesmo pelo seu depoimento de onde você chegou, mostra que

teve consistência, foi levado adiante o projeto, quer dizer, a germinação que foi plantada ela tinha uma coerência com uma proposta de mudança da realidade e acabou acontecendo. Talvez não por toda a dimensão do projeto como um todo...

Carmem: Eu acho que é o somatório de um conjunto de movimentos que sem dúvida essa foi uma contribuição muito importante, agora eu lamento assim um pouco como a Ana colocou, eu lamento que houve uma interrupção inclusive de um processo até de construção intelectual, de conceitos, de concepção, que eu acho que eu fico pensando isso, se não fosse isso talvez tivesse sido muito mais rico.

Anamaria: Mas eu acho que isso se fez de outra forma.

Guilherme: É, se fez, porque a gente comentou lá isso com o Gastão, a inquietação do grupo era tal que também não ia ficar muito tempo aí, como dizem, teve oportunidade de continuar outros projetos que não tinha mais nada disso e parou o movimento dele de ir mais adiante.

Carmem: Eu acho que a gente sai, são momentos, é a história de uma geração que se sai da questão do enfrentamento da Ditadura, passa pra questão da construção do processo da redemocratização, do processo de construção que se estende até o dia de hoje numa outra conjuntura, e com um eixo grande que é a própria construção do SUS. Agora, a gente está precisando resgatar um pouco esse processo.

***Depoimento de Everardo Duarte Nunes
(Campinas - 30.04.2005)***

Fita 1 – Lado A

Everardo: Eu sou Everardo Duarte Nunes, a minha formação é na área de Ciências Humanas, atualmente eu sou professor da Faculdade de Ciências Médicas, da UNICAMP, no Departamento de Medicina Preventiva e Social, onde eu trabalho desde 1967. Estou ainda no exercício da minha profissão docente, trabalhando com alunos de graduação, pós-graduação e especialização na área de Ciências Sociais e no campo da Saúde Coletiva.

Regina: Como é que você conheceu o Sérgio Arouca?

Everardo: Bem, eu ingressei na universidade em março de 67 e foi na mesma época que o Arouca veio para a UNICAMP. O Sérgio formou-se em Medicina em Ribeirão Preto em 1966 e logo em seguida ele veio para a Faculdade de Ciências Médicas. E estava praticamente iniciando a formação de um Departamento de Medicina Preventiva e Social, portanto eu como ele pertencemos à primeira geração de professores do Departamento, para termos um pouco essa idéia o Departamento foi criado em 1965 e a estrutura que ele vai adotar comportava uma série de profissionais que estavam praticamente... alguns deles praticamente iniciando suas carreiras na docência. Não era bem o meu caso, mas foi o caso do próprio Sérgio, que começa as suas atividades aqui.

Guilherme: Qual era o projeto? O que vocês tinham em mente pra formatação do Departamento?

Everardo: O projeto deste Departamento é um projeto que vinha já sendo elaborado desde a década de 50 em outros lugares. A grande discussão que se fazia na década de 60 era resgatar aquilo que as instituições internacionais estavam desenvolvendo no campo da estrutura do ensino em Medicina Preventiva e Social, especialmente a Organização Pan-Americana de Saúde. Então nós viemos também nesta direção que já estava sendo implementada em vários outros departamentos. Nosso departamento aparece, na mesma época em que aparece na Faculdade de Medicina da Santa Casa de São Paulo, por exemplo, pra citar um outro exemplo de Departamento que historicamente tem os mesmos 40 anos de existência que tem este Departamento. Ele este ano faz 40 anos de história.

E foi neste momento então que a estrutura deste Departamento tinha muito a ver com uma proposta, que era uma proposta de trazer para o interior da formação médica uma visão holística, do homem e das práticas médicas. Visando uma integração entre a formação biológica clássica do estudante de Medicina, com uma formação atravessada pelos fatores sociais, psicológicos, políticos, antropológicos da sua formação. Então o Departamento estrutura o seu currículo dentro desta perspectiva de uma forma ampliada já praticamente pretendendo não tratar exclusivamente a doença, mas tratar o doente. E o doente não exclusivamente dentro da escola médica, mas fora dos muros do hospital-escola, essa era a idéia central que nós temos na formatação inicial do Departamento.

Regina: Onde ficava o Departamento? Não ficava onde fica hoje.

Everardo: Não, o Departamento ficava... o Departamento começou no prédio da Santa Casa de Misericórdia, que foi o local aonde ele permaneceu durante alguns anos. A Faculdade de Medicina, quando ela é criada em 1963, ela não tinha um Hospital de Clínicas, só mais tarde que no campus da universidade, da UNICAMP, se constrói o grande Hospital de Clínicas que será de formação para os estudantes de Medicina. Então de início ele está na Santa Casa, depois nós mudamos para um outro local, um outro lugar em Campinas que era um prédio que abrigava o Departamento na transição de mudança para a universidade, para o campus da universidade.

Regina: Alguém falou Rua Manoel Quirino, era isso?

Everardo: Rua Dr. Quirino era o local aonde...

Guilherme: O prédio ainda está lá?

Everardo: O Sérgio não trabalhou no atual prédio da UNICAMP. O Sérgio trabalhou de 1967 até 1975, foi o período que ele ficou na UNICAMP, mas neste período nós estávamos ainda mudando para a universidade, eu chamo de universidade o campus.

Guilherme: Mas Everardo, quando o Arouca veio você já estava no Departamento. Como é que foi esta chegada, qual era a expectativa que se tinha?

Everardo: Eu acho que a grande expectativa pra aquele momento era com tudo. Tudo era novo praticamente. Nós estávamos trabalhando naquele momento com idéias que estavam sendo implantadas naquele momento e a geração que veio, comandada pelo professor Miguel Inácio Tobar da Costa, que foi o primeiro chefe do Departamento de Medicina Preventiva, ele procurou congregiar naquele momento uma diversidade de profissionais muito grande. Então nós tínhamos médicos recém-formados, cientistas sociais. Nós naquele momento de início de departamento éramos três cientistas sociais, numa Faculdade de Medicina, o que era relativamente inédito no campo da saúde. Tínhamos assistentes sociais, enfermeiras: uma enfermeira e uma auxiliar de enfermagem. Então o corpo do Departamento que estava se constituindo, ele tinha uma diversidade grande dentro do projeto que visava levar o aluno para um conhecimento da realidade fora da faculdade, do hospital-escola para a comunidade que era também uma das questões básicas da formação, que se tentava dar naquele momento ao estudante, que era chamada extramuros. Então neste momento nós tínhamos uma expectativa muito grande e todos nós estávamos com os nossos conhecimentos básicos, eu diria, eu como cientista social, o Sérgio e logo depois a Anamaria Tambellini que veio pro Departamento e se dedicou às áreas mais da Epidemiologia... mais tarde um pouco, da Medicina Social. O Sérgio foi o primeiro professor em 1971 de Medicina Social, esse campo que era um campo ainda também em formação. Nós não tínhamos, por exemplo, uma área explícita de planejamento e administração de saúde, isso aparece posteriormente, isso é um campo que vai ser desenvolvido praticamente nos anos 80, final dos 70 ou 80, seguramente dentro das grandes mudanças que já estavam sendo marcadas dentro do sistema de saúde brasileiro. Então a necessidade de adequação de certos conteúdos que eram essenciais, então a formação médica não somente clínica era importante para o Departamento, mas eram também importantes que as pessoas tivessem um trajeto pela Epidemiologia principalmente, que passassem pela Medicina Social, para que discutissem políticas de saúde, um início de discussão sobre

planejamento... fora outras áreas que o Departamento no início também congregou, e depois ele foi deixando de lado.

Guilherme: Você desculpa, mas eu me perdi... Mas nesse momento também existia uma necessidade muito grande do Estado em função do INAMPS de criar uma área forte de planejamento também, quer dizer... existia uma demanda concomitante ou contemporânea também a essa época, ou você não faz uma associação dessa...

Everardo: Eu não faço muito essa associação nesse momento, particularmente com a nossa experiência, pode ser que isso tenha sido uma experiência de outro departamento, mas a nossa experiência foi uma experiência muito mais colocada no plano de formação de estudante de graduação, portanto as questões políticas, as questões mais controvertidas da questão da saúde elas eram discutidas, muito eu diria... neste momento academicamente, é claro que trazia junto a experiência política dos seus membros que todos de uma forma ou de outra tinham passado por algumas experiências decorrentes da própria situação que o Brasil atravessava na década de 60, então este Departamento aparece... surge em 1965, um ano após o golpe militar, então é muito interessante você trabalhar em uma situação de repressão, mas com uma visão bastante progressista, e nisso a universidade neste momento deixou que isso acontecesse, então as formas de atuação... que não eram atuações vamos dizer de militância nesse sentido... como eu diria... militância partidária... dessa natureza, mas era uma militância frente às questões do social, não podiam deixar de ser vistas em um arcabouço sócio-político do momento brasileiro, correto?

Regina: Quer dizer, as coisas no final das contas não podiam ser tão compartimentadas... porque embora a UNICAMP fosse um certo oásis de pensamento, mas a gente tava vivendo um momento duro politicamente, então essas tensões também vão de algum modo se fazer sentir... Eu acho que o exemplo mais expressivo é exatamente o problema que o Sérgio Arouca atravessa com a tese dele e tal... que leva até à demissão dele do Departamento e tal...

Everardo: Essa questão que você levanta se estende ao longo dos anos, ao final dos anos 60, quando a gente começa a trabalhar e ela vai se agudizar mais pelos anos 70 e a grande crise que acontece é a crise em 75, no momento em que um trabalho bastante polêmico escrito por um membro do Departamento devia ser defendido como Tese de Doutorado... só pra gente chegar nesse momento onde... é, também eu acho muito interessante isso.

Regina: Deixa só eu fazer uma colocação, é porque eu tô achando que está muito sol em cima dele, eu queria te perguntar por que...

Everardo: A mim não perturba.

Regina: Não está perturbando... E Pedro, tudo bem... assim de imagem não está muito reflexo e tal, porque eu quero que o senhor esteja confortável, e eu não sei também se está fazendo muito reflexo no casaco, está?

Everardo: Posso tirar...

Regina: Você acha que é melhor ele tirar o casaco? Não? Tá bom... Não está te incomodando muito esse sol não?

Everardo: Não.

Regina: Se incomodar você pode falar, a gente pára! Muda. Então vamos continuar...

Everardo: Faça as perguntas, Regina.

Regina: Então você estava falando assim... na década de 70, toda essa tensão entre um departamento que tá trabalhando teoricamente com a questão do marxismo, trazendo a questão do social pra Medicina, quer dizer... toda uma proposta inovadora, isso era permitido pela ditadura, por outro lado essa tensão da ditadura, tensão política, ela também se faz sentir dentro do Departamento e a gente tava citando aí o exemplo do Sérgio Arouca, com a Tese de Doutorado que vai de algum modo subverter esses compartimentos... quer dizer... na universidade pode pensar, mas esse pensamento também é uma pensamento que vai mexer, vai ser um pensamento de transformação, ele não vai ficar restrito aos muros da universidade, ele está exatamente querendo romper com esses muros, ir para o social...

Everardo: Na minha visão a tese ultrapassa a questão específica do momento político e da questão mais próxima a essa politicidade, que vai impregnar as atividades da Medicina Preventiva. Explicando melhor, eu acho que ela coloca para o plano da discussão teórica uma questão que era fundamental... porque coloca... faz um exercício junto com autores, com um autor marxista, que é o Althusser, uma discussão que é da própria prática da Medicina Preventiva, esta é uma questão que provoca também, pelo menos por parte de um mecanismo dentro do Departamento, uma certa retração frente à própria tese, o próprio orientador da tese sente... como um preventivista mais ortodoxo, ele sente que aquela tese está além desta questão mais ortodoxa da Preventiva e com isso ele se afasta, ele não comparece à defesa da tese no dia, orientador... o presidente da tese é substituído, mas ele sentiu-se pessoalmente atingido, penso eu, o que é um engano porque a tese não visa pessoas, a tese visa trabalhar teoricamente o campo da Medicina Preventiva, criticamente. Em resumo a tese é isso, por isso que ela tem uma validade, não só histórica, mas teórica, de ter discutido isto de uma forma muito bem feita, com um instrumental, que vem na vertente de Michel Foucault, com sua metodologia que é a história arqueológica; e com a visão althusseriana, marxista althusseriana, para entender essa questão.

Regina: Eu até... Tem um trecho do seu artigo, do seu ensaio no livro que eu achei interessante, porque você fala que “Foucault e Althusser serão os autores privilegiados dessa tese que, escrita por um homem de esquerda, não teve receio de utilizar, de um lado um filósofo da transgressão e de outro marxista herético”. Eu queria que você comentasse porque um pouco a sensação que eu tenho é que o... essa tese do Arouca traz uma novidade... e uma novidade nunca é... nunca chega de uma forma harmônica, ela sempre é transgressora, ela sempre mexe com o *status quo*... então de algum modo ele mexeu ali, naquele equilíbrio precário do Departamento, das idéias correntes...

Everardo: Eu acredito, Regina, no fato de você pensar de forma inovadora, causa um impacto e uma polêmica, eu não me lembro exatamente a frase que eu coloco de Michel Foucault, que me parece interessante quando é... ele diz o seguinte, e que parece que se aplica bastante a esse trabalho.... “Existem momentos na vida aonde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa e perceber diferentemente do que se vê é indispensável para continuar a olhar ou refletir”... Pra mim é isso, essa é a questão. E a questão só podia ser buscada, me parece também, num autor que já tinha uma história que é Michel Foucault, numa época, em 75, Foucault, já havia publicado parte de sua obra arqueológica, todos os textos... *A História da Loucura, O Nascimento da Clínica, As Palavras e as Coisas*... Foucault já havia estado no Rio de Janeiro, fazendo as célebres conferências em 74... Ele tinha uma argumentação muito sólida e que foi muito bem apreendida pelo Sérgio em seu trabalho, então quando eu comento essa questão é porque muitas vezes pode parecer estranho não ter se baseado talvez exclusivamente nos autores marxistas mais clássicos, já ter tomado o marxismo althusseriano como ponto de partida e ter se utilizado da metodologia da arqueologia histórica como forma de fazer uma análise do discurso, eu acho que esta é... este é o panorama que se delinea e foi muito importante, porque era o primeiro trabalho consistente que aparecia na literatura nacional utilizando a abordagem foucaultiana, o segundo trabalho que aparece é do Rio de Janeiro em 78, eu digo as datas porque historicamente aparecem esses trabalhos. Em 75 é a tese de Arouca e em 78 é o livro sobre a Medicina Social do Roberto Machado, então são livros que utilizam a mesma metodologia, mas como eu lembro no trabalho que escrevi sobre a tese do Sérgio, era a primeira vez em que realmente a questão da Higiene, da Medicina Preventiva e de sua formulação num quadro político era posta como tese e muito bem argumentada.

Regina: Você usa uma expressão que eu achei interessante, que você diz assim, que “a leitura que Arouca vai fazer da Medicina Preventiva adere de forma ímpar à proposta de Foucault, mas não se restringe a uma utilização acústica do referencial de Foucault”... Eu achei interessante, esta expressão “acústica”, né? Eu acho que é um pouco isso o que você está dizendo, uma leitura muito particular que ele faz do Foucault, inclusive articulando com Althusser...

Everardo: Articulando com Althusser, porque esta foi a forma seguramente de trabalhar a questão das relações com o Estado, por exemplo, da Medicina Preventiva com o Estado e com a sociedade civil, então este estruturalismo althusseriano, ele também possibilitou uma originalidade especial no trabalho, certo?

Regina: Everardo, você acha que, passada essa... Quer dizer, porque foi uma ebulição muito grande... Porque ontem a gente tava comentando, porque parece que a defesa de tese do Arouca foi um ato político, o auditório encheu... a sensação que eu tenho é que o Arouca tinha um certo germe da subversão, porque aonde ele estava, de algum modo ele provocava, instigava, ele tirava as coisas do lugar... e assim, como é que foi esse momento da defesa da tese?

Everardo: Eu creio que o Sérgio era uma pessoa extremamente carismática, e com isso ele conseguia atrair, seduzir as pessoas de uma forma muito elegante, muito inteligente, eu acredito que isso fazia parte de sua personalidade e fazendo parte da sua personalidade ele transmitia isso. Então naquele momento já havia toda uma expectativa perante uma tese que havia ficado guardada na Reitoria por cerca de um ano. Ela havia sido escrita em 75 e a defesa estava sendo prorrogada e no momento em que se autoriza

a sua defesa, ela provoca realmente uma comoção, então havia muita gente no auditório... uma das pessoas da banca também era uma figura que já tinha uma trajetória na Medicina Social e Preventiva, que era a professora Cecília Donangelo, que já havia feito seu Doutorado anteriormente e era parte da banca e a Cecília Donangelo que vinha de formação não médica, porque ela era pedagoga, e depois foi fazer a sua Tese de Doutorado na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da USP, ela tinha uma formação muito grande no marxismo e a sua tese era uma tese que tinha trabalhado com essa vertente do materialismo histórico, então ela estava na banca e era uma figura também que tinha muita presença, falava com muita facilidade e eu lembro muito bem dela ter dito que era uma tese que causava inveja, porque o autor tinha conseguido trabalhar um tema complexo, difícil, mas teoricamente muito bem estruturado, e que os sociólogos sentiam-se muito bem... o trabalho tinha uma fundamentação sociológica muito consistente. Então no momento da defesa realmente houve um espaço que era também o espaço acadêmico de defesa de uma tese... Naquele ano muitas teses foram defendidas, a Ana Maria Canesci defendeu a tese neste ano, eu defendi tese neste ano, foi um ano de defesa de muitas teses do Departamento de Preventiva.

Regina: A sua tese foi sobre o que?

Everardo: A minha tese foi sobre o estudante de Medicina. Eu fiz um estudo sobre o estudante desde o momento em que ele entra na escola... eu fiz um estudo progressivo das transformações dele durante a sua formação médica. A minha tese se encaixava mais no plano da sociologia da educação médica que foi por onde eu caminhei naquele momento. Mas que eu me lembro...

Regina: Você tem a ata aí da defesa de tese? O que é que diz essa ata? Seria interessante assim que a gente visse, né?

Everardo: Está aqui. Posso ler?

Regina: Pode.

Everardo: “Ata da reunião da comissão examinadora da prova de doutoramento para obtenção do grau de Doutor em Ciências a que se submete o médico Antônio Sérgio da Silva Arouca. Aos 23 dias do mês de julho de 1976, no Anfiteatro da Congregação da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, às nove e trinta horas, reuniu-se a comissão examinadora da prova em epígrafe, eleita pelo professor doutor Zeferino Vaz, magnífico reitor da UNICAMP, *ad referendum* do conselho diretor, composta pelos senhores professores doutores Manildo Fávero, José Martins Filho (suplente), Guilherme Rodrigues da Silva, Cecília Donangelo e José Aristodemo Pinotti, conforme determina o artigo 11 do decreto 40.669/62, para julgar os trabalhos do médico Antônio Sérgio da Silva Arouca, apresentado sob o título *O dilema preventivista: contribuição para compreensão e crítica da Medicina Preventiva*. Os trabalhos foram declarados abertos pelo professor doutor José Aristodemo Pinotti, diretor da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, também membro da comissão examinadora, prestando esclarecimento sobre a forma do andamento da prova iniciada, lendo para os membros da comissão examinadora os artigos 12, 13, 14 do decreto 40.669/62, que regulamenta as defesas de tese. O senhor presidente determinou o início das arguições e respostas na seguinte ordem. Primeiro: professor Manildo Fávero. Segundo: professora Cecília Donangelo. Terceiro: professor José Martins Filho. Quarto:

professor Guilherme Rodrigues da Silva. Quinto: professor José Aristodemo Pinotti. Realizadas as argüições e respostas, procedeu-se ao julgamento do trabalho. Cada examinador concedeu grau de seu julgamento em cédula especial, colocando-a em envelopes opacos, em seguida o senhor presidente leu o resultado do julgamento, que foi o seguinte: Professor Ramildo Fávero, distinção com louvor; professora Cecília Donangelo, distinção com louvor; professor José Martins Filho, distinção com louvor; professor Guilherme Rodrigues da Silva, distinção com louvor; e professor José Aristodemo Pinotti, distinção com louvor. O presidente anunciou em voz alta o resultado da prova, proclamando o candidato Doutor em Ciências com grau “distinção com louvor”, devendo esse resultado ser referendado pelo Conselho Diretor da UNICAMP. Declarando encerrados os trabalhos o senhor presidente agradeceu a presença dos membros da comissão examinadora, saudou o candidato pelo brilhantismo da tese, bem como a presença de todos. Nada mais havendo a tratar, eu, Maria Angélica de Melo Rosalen, lavei a presente ata, que assino juntamente com todos os membros da comissão examinadora. Campinas, 23 de julho de 1976. E logo em seguida as assinaturas.

Regina: Quer dizer, o dia 23 de julho de 1976 foi o último ato de Sérgio Arouca aqui em Campinas. Depois ele vai embora para o Rio de Janeiro?

Everardo: Ele já estava no Rio de Janeiro, ele veio para Campinas para a defesa da tese, em realidade ele já tinha se desligado da UNICAMP.

Regina: Ontem a gente estava conversando com uma moça, que era do LEMC... a Carmem Lavras e ela... quer dizer, na visão dela, ela entendia que esse germe do trabalho plantado por essa primeira geração (da qual o senhor faz parte, o Sérgio Arouca)... que mesmo depois da saída de Sérgio Arouca, de Anamaria, desse certo desbaratamento desse grupo, que ficou alguma coisa nesses jovens residentes, estudantes, que eles continuaram um trabalho aqui em Campinas, eles fizeram um trabalho em Medicina, de Saúde Pública. Então como é que o senhor vê essa contribuição desse grupo nesse momento e os frutos desse trabalho logo a seguir, no momento seguinte?

Everardo: O LEMC foi o Laboratório de Educação Médica para a Comunidade, era assim que era o nome e ele foi criado como uma estratégia para a implantação de algumas reformas internas ao modelo da Medicina Preventiva, para sairmos já nesse momento de certas formulações mais ortodoxas do campo e tentar integrar para o trabalho de formação do estudante, os próprios residentes, pessoas que estavam... que não eram propriamente do corpo docente do Departamento, mas que faziam parte dessa... desse grupo... vamos dizer... do grupo mais progressista, que sempre existe dentro de uma escola, que queria caminhar com certas questões para fora da universidade e também não ficar muito dentro dos modelos mais clássicos de atuação comunitária nesse momento. Então foi um momento muito importante, nós tivemos vários alunos que passaram pelo Departamento. Tivemos outros docentes que trabalharam nesse momento também na estruturação desse laboratório de educação médica... mas que logo com a saída de Sérgio, a saída de... do Pelegrini... que era também parte da equipe, esta idéia do laboratório foi acabando. Então ela desaparece, acredito que meses depois da saída do Sérgio do Departamento, e desse grupo que dinamizava essa experiência.

Regina: Era um grupo, pelo que eu entendi, que tinha um trabalho concreto. A idéia marxista de teoria e prática, quer dizer, então de um lado vocês estudavam, refletiam, tinham um trabalho mais acadêmico. E do outro lado experiências práticas de trabalho com comunidade, iam a determinados lugares. Faziam grupos com as pessoas. Daí não saiu, desse germe, toda a reformulação depois dentro do aparelho do Estado, a criação do SUS, a própria VIII Conferência, será que aqui dentro desse Departamento, aqui não foi uma espécie de embrião onde essas idéias foram pela primeira vez gestadas?

Everardo: Bom, recuperando um pouco historicamente. O primeiro modelo de atuação do Departamento era um modelo bastante restrito, praticamente com o Departamento de Medicina Preventiva e Social e alguma colaboração de dois departamentos, a Ginecologia e a Pediatria talvez, que eu não me lembro. Este foi o primeiro momento de trabalhar para fora dos muros da faculdade com as questões da saúde, da doença, da atenção à saúde. Então nós tivemos um primeiro momento (que foi muito utilizado pela preventiva nos anos 60, no final dos anos 60) que era trabalhar em bairros e instalar uma forma de atuação, levando os estudantes para esses lugares. Nesse momento não havia integração do trabalho com a rede de serviços. Praticamente o departamento e a faculdade iam ao local, instalavam o seu serviço e começavam a trabalhar junto com a comunidade. Este foi o trabalho clássico de organização e desenvolvimento da comunidade em torno de um projeto de saúde. Nós trabalhamos nesse modelo. O segundo modelo foi o modelo que, saindo da relação exclusiva com o bairro, tentou fazer uma integração com um centro de saúde, de uma maneira mais abrangente. Então quando nós fomos trabalhar no Centro de Saúde em Paulínia, nós já tínhamos uma outra estrutura, onde a integração de outros departamentos da faculdade já se fez presente.

Guilherme: Mas isso também era através do LEMC?

Everardo: Não. O LEMC trabalhava nessa dimensão...

Guilherme: Da ampliação da escola?

Everardo: É. Eu até diria que o LEMC não trabalhou dentro da dimensão primeira, da dimensão mais restrita, ele começa a trabalhar dentro de uma dimensão mais ampliada da atenção, mais crítica da atenção, então o segundo momento do Laboratório de Educação Médica era formar estudante, com uma visão crítica do próprio sistema e não com uma visão de adequação ao sistema. Esta é a minha visão desse momento. Então quando a gente amplia a questão de trabalhar num centro de saúde é pra dar mais espaço à própria faculdade. Então já não é mais o Departamento de Medicina Preventiva, são alguns departamentos que queiram se integrar dentro da perspectiva de trabalhar um centro de saúde integrando.

Regina: Mas vocês já pensavam nessa época, por exemplo, nessas palavras-chave que vieram depois, por exemplo, “inclusão social”, a idéia de “gestão participativa”... era mais intuitivo? Era um trabalho...

Everardo: Não. Não pensava. Mesmo porque historicamente o planejamento em saúde entra no Departamento posteriormente, a idéia do planejamento está nos

primeiros cursos de Medicina Social, que o próprio Sérgio Arouca foi um dos coordenadores. Então havia uma visão...

Regina: Só um instantinho, temos que esperar um pouquinho porque... olha, eu acho que o sol tá esquentando, depois não vai falar: “olha, aquele pessoal da pesquisa me deixou queimado aqui. Aqueles cariocas me botaram no sol!”

Everardo: Vamos lá!

Regina: Então vamos lá.

Everardo: Então a idéia de que você pudesse fazer uma integração melhor entre o serviço e a universidade é o passo seguinte àqueles primeiros projetos mais restritos de desenvolvimento de comunidade. Que era este o primeiro projeto. Eu trabalho numa comunidade com os recursos da comunidade e com aquilo que eu posso oferecer, mais tarde não... eu me integro com o serviço existente, então eu trabalho dentro de um centro de saúde e dentro de uma comunidade e com uma comunidade, esse é o segundo momento de integração docente assistencial. Posteriormente, o terceiro grande momento, que não é este que o Arouca vivenciou aqui em Campinas... Ele vivenciou de uma maneira muito maior quando ele foi pra ENSP e depois em suas atividades como planejador. Mas aqui, naquele momento, a integração ia se fazer neste nível, não é? De integrar o Departamento, a Secretaria Municipal de Saúde e a Secretaria Estadual de Saúde, já era o embrião de uma relação entre três instituições públicas: a universidade, a prefeitura e o próprio estado, e esse modelo depois também é superado. Esse modelo vai ser posteriormente ampliado, não só pra um determinado local, um determinado município, mas para toda a rede do município, mas esse é o terceiro momento de integração docente-assistencial. Não sei se eu respondi a questão que você levantou, Regina, mas eu vejo um pouco dentro dessa tensão que se estabelece.

Regina: Quer dizer... de algum modo havia ali um embrião, começa a se pensar, mas evidentemente que tem todo o processo histórico. E inclusive das mudanças que vêm depois.

Everardo: Das mudanças, das dificuldades, das transformações que ocorrem, não é? No próprio sistema geral de saúde, mas isso é posterior. Nós estamos na década de 70, vamos dizer assim.

Guilherme: Eu gostaria de fazer uma pergunta. É bastante nítido pra quem tá de fora, perceber no campo específico da política de saúde, é inclusive até muito pessoalmente influenciada pelo Arouca a transformação que veio depois, a condução do SUS etc., quer dizer, isso é uma marca muito forte na vida dele e também no país que ele vive e sem dúvida alguma essa inquietação dele, que ele... evidenciava esse primórdio da vida dele como profissional e tudo... Isso se refletiu numa obra, numa profissão, numa coisa extraordinária! Isso é consenso entre as pessoas que a gente entrevista, o quanto isso é evidente. Agora, seria interessante que você nos dissesse, falasse um pouco pra gente... no campo da formulação teórica e acadêmica, a partir do momento em que o Arouca faz essa tese dele, na tua visão como pesquisador, como professor da academia, como é que isso andou? Se a gente pegasse 76, nós estamos falando de praticamente 30 anos atrás. Então, hoje, em 2005, na sua visão o Arouca fez aquela tese, considerada com louvor por todos os membros, esses membros dizem isso e

quem lê a tese tem essa percepção. Eu acho muito interessante que o Arouca conseguiu na genialidade dele fazer praticamente a junção do impossível, porque também tinha uma formulação que na verdade ia contra o socialismo estruturado inclusive no próprio Althusser e ele consegue juntar esses dois movimentos teóricos, eu acho que isso é muito interessante. O que a academia utilizou, do que ela se apropriou? Porque se eu não estou enganado, a partir deste processo, não na área exclusiva da tese do Arouca, mas no contexto em que se vive, houve uma penetração muito grande, um fortalecimento das Ciências Sociais no campo da Saúde Pública, até mesmo nós no Brasil criamos o campo da Saúde Coletiva, que é quase que uma coisa genuína e como nós vimos isso tudo. Temos a ABRASCO, nessa época eu estava começando a Faculdade de Medicina e fui profundamente influenciado por tudo isso, então eu queria que você dissesse assim do ponto de vista da produção teórica, acadêmica, de pesquisa e tudo, como é que você vê o desdobramento daquele momento pra cá?

Everardo: Bom, a sua pergunta é bastante complexa, porque são trinta anos de história, não dá pra gente resumir tanto tempo em poucas palavras e mesmo eu acredito que há necessidade de certos recortes. Eu diria o seguinte: a tese foi construída de uma maneira muito precisa, de uma maneira teórica muito precisa, por isso que ela se sustenta. Em primeiro lugar por isso, em segundo lugar porque ela consegue juntar na sua formulação duas leituras muito importantes no campo das Ciências Humanas, que são a leitura procedente de Foucault e a leitura procedente de Althusser. Então eu acho que ela tem essa genialidade de ter composto esses dois autores, eu até sempre diria que um orienta metodologicamente, o outro orienta teoricamente. Mas para a gente saber como juntar dois autores dessa maneira... Então eu acho que ela tem esse grande mérito de ter conseguido fazer essa leitura. Mas ainda, do ponto de vista mais teórico, ela consegue recuperar dois autores, um marxista, um autor que é o grande historiador da ciência que é Michel Foucault também, né? Poderíamos dizer, com a sua versatilidade muito grande. Então eu acho que foi um momento importante de uma construção teórica, a tese, tentando juntar Michel Foucault e Althusser, mas que não são opostos, eu mesmo faço um comentário sobre esta relação Foucault / Althusser, quando comento um capítulo do livro da tese do Arouca em relação a essa possível incongruência, que não é incongruente na minha leitura. Em primeiro lugar eu quero deixar claro que não vejo incongruência nessa associação. E o que mais? Nesse sentido eu acho que a tese permanece como uma tese que se sustenta até hoje, exatamente porque ela trabalha teoricamente os elementos constitutivos da tese. Então o trabalho até hoje pode ser lido, comentado, criticado, avaliado... mas ele tem uma sustentação muito grande teoricamente dada pela confluência de trabalhar esses dois autores, Foucault e Althusser. Eu acho que foi momento importante de elaboração nos anos 70, o seu término em 75 marca realmente um momento importante do início de uma produção acadêmica, que vai se estender ao longo dos anos, mas que teve muito a ver com essa criatividade e com essa postura que o Arouca teve em relação às suas leituras marxistas, suas leituras de Michel Foucault... a sua impregnação política inclusive... Eu acho que a tese se sustenta exatamente porque tem esses elementos constitutivos no seu todo. [pausa]

Eu acho que fica muito academicamente voltado... e eu acho que é essa a memória que a gente acaba levando, então falar do Sérgio não é só falar do profissional que foi, mas é falar do amigo que eu recebi no Departamento (porque quando ele chegou eu já estava no Departamento) e com quem eu tive prazer imenso de conviver. Devo dizer que a tese do Arouca que muita gente leu, ela foi corrigida em minha casa

pela minha mulher, ela foi lida e relida, é... lá junto com ele, então isso tudo traz para um depoimento uma... [Everardo se emociona]

Guilherme: Porque tinha essa coisa da amizade mesmo dele... era uma coisa muito forte.

Everardo: Eu acho que falar dos aspectos acadêmicos é mais fácil porque tocam a questão intelectual e em relação a isso todos conhecem o Arouca como uma figura extraordinariamente simpática, inteligente, culta e que deixa saudades, e sempre falar dele traz à memória uma grande saudade.

Regina: É... eu tenho ouvido vários depoimentos assim... dessa questão da amizade. Tem depoimentos assim... muito curiosos de quando ele estava na Fiocruz... Eu lembro assim do Luiz Fernando, que falou que chegou um determinado momento, tinha uma moça que ele estava perdidamente apaixonado pela moça e a moça ia viajar, ia se transferir para outra cidade e aí o Sérgio Arouca falou assim: “porque você está tão triste, Luiz Fernando?” “Não, porque a fulana vai viajar, vai embora”. “Não, não tem problema, a gente contrata ela, você não é meu irmão, não é meu amigo?” Então essa idéia da amizade eu acho que é uma idéia muito forte.

Everardo: E que nós cultivamos muito durante o tempo que o Sérgio esteve em Campinas. Tive a oportunidade de tempos depois ser professor do filho dele, que se formou em Medicina na nossa faculdade, ter sido colega da Anamaria Tambellini... trabalhado junto num departamento que estava em seus primeiros momentos. Isso traz à memória uma recordação muito grande e um momento de se lembrar de pessoas que marcaram uma trajetória, que marcou a vida de cada um, mas marcou. A do Sérgio marca indelevelmente o campo da saúde brasileira. Inclusive não só brasileira, mas internacional. Então isso tudo, lembrar de certos momentos é muito importante, é muito bom. Eu acho que fazer deste... da sua experiência de vida, do seu trabalho, um documento que sirva como um exemplo de um intelectual orgânico, como diria o Gramsci... um intelectual voltado para a prática social, para a prática da vida coletiva, eu acho que nisso o exemplo do Arouca é um exemplo que nós temos aí para que as gerações se espelhem.

Guilherme: Everardo, para fechar aqui esse depoimento seu...

Everardo: Desculpem-me, mas é... emoção.

Guilherme: Não, não tem isso não. É... só pra... até alegrar a entrevista e tudo... você tem algum episódio, algum momento assim... Porque o Arouca também tinha o lado dele bagunceiro, desorganizado, brincalhão... tem algum momento que você possa lembrar assim... que tenha te trazido... na vivência de vocês, essa lembrança...

Everardo: Não. Agora não me ocorre... Talvez a gente trabalhe muito com o intelectual, com o militante, com a pessoa que marcou uma época no meu Departamento e que marcou uma época na FIOCRUZ, e marcou uma época como político, como figura ligada às causas da saúde especialmente. O grande momento que foi a VIII Conferência Nacional de Saúde presidida por ele. Então eu acho que foi uma pessoa que deixa sempre uma lembrança muito grande. Muitas coisas poderiam ser lembradas, mas eu tô ficando no plano mais geral e não no plano mais pessoal da lembrança, eu acho

que ele passa para a História da Saúde Pública como uma figura de militante e de autor de um trabalho que se sustenta até hoje. Ele não é só um trabalho histórico, o trabalho do Arouca, sua Tese de Doutorado defendida aqui na UNICAMP é um trabalho que, agora publicado em livro, felizmente, com as observações de vários companheiros dele, trás para as novas gerações um exemplo de profissional, um exemplo de intelectual.

Regina: A gente pode dizer que um clássico, uma obra clássica é aquela que mesmo passando o tempo ela guarda uma atualidade, você veria o livro “O Dilema Preventivista” como um clássico na Saúde Pública?

Everardo: Vejo. Eu acredito que a década de 70 produziu este trabalho que é um trabalho marcante para se entender afinal qual era o campo da Medicina Preventiva. Este trabalho que é dos anos 70, ele se sustenta porque ele tem uma base teórica e tem um quadro explicativo das questões que ele levanta que tiveram um momento histórico, mas mais do que isso, eu acho que ela transcende aquele momento e serve mesmo como exemplo de pesquisa até hoje.

Regina: Tem alguma outra obra que você veria como um clássico da Medicina Coletiva?

Everardo: Eu acho que é o livro da Cecília Donangelo, que é a sua Tese de Doutorado “Medicina e Sociedade”, onde ela estuda a prática médica no estado de São Paulo, é também um livro clássico, ele se sustenta pela sua formulação teórica e pelo papel que ele desempenhou naquele momento de início das pesquisas que trabalhavam com as questões da prática médica – como é o caso do trabalho do Sérgio Arouca. Eu acho que eram essas as questões colocadas pelos dois trabalhos, numa linha marxista de formulação eles foram muito importantes para a formação da Saúde Pública e da Saúde Coletiva.

Cronologia da Trajetória de Sérgio Arouca

A seguir apresentamos a cronologia desenvolvida pelo Projeto, relacionada à trajetória de Sérgio Arouca. É necessário ressaltar que a cronologia apresentada está em constante atualização, tratando-se de uma “obra aberta”.

CRONOLOGIA

1941

Antônio Sérgio da Silva Arouca nasce em 20 de agosto de 1941 em Ribeirão Preto (SP), filho de José Pereira Arouca (funcionário da Caixa Econômica Estadual) e Alzira da Silva Arouca (dona de casa). Seus pais, apesar de muitas vezes pouco orçamento, oferecem a Sérgio e a seu irmão mais velho José Carlos da Silva Arouca as melhores condições possíveis para que eles pudessem ter uma boa formação. Deram condições também para que os irmãos levassem os estudos adiante, sempre no ensino público, em boas instituições.

1956

Aluno do Instituto de Educação Otoniel Motta, instituição pública de renome em Ribeirão Preto, Sérgio Arouca participa com colegas de um Centro de Amigos da Literatura, a partir do qual os participantes, além de ler, se inspiram a escrever seus versos e textos. Ali, a experiência mais marcante parece ser a do “parlamento estudantil”, inspirado por um professor de Latim chamado Lourenço. No “parlamento” os estudantes reúnem-se aos domingos para o debate de problemas nacionais, às vezes com palestrantes convidados. Algumas vezes, organizam “julgamentos” (nos mesmos moldes de um julgamento de verdade) de personagens históricos – como Calabar e Tiradentes. Sérgio teve constante atuação como “advogado de defesa”, por exemplo, inocentando Calabar.

Filia-se ao Partido Comunista do Brasil (PCB), mais tarde renomeado como Partido Comunista Brasileiro. Além do “parlamento”, outras possíveis influências na decisão de Sérgio foram seu irmão José Carlos, então já militando no PCB, e o sapateiro e alfaiate Nazareno Mantovani, pai de um colega de infância e velho amigo e vizinho da família Arouca.

1960

Ingressa no curso de graduação em Medicina da Universidade de São Paulo (USP), no *campus* de Ribeirão Preto (SP). A existência da faculdade de Medicina de Ribeirão Preto influenciou na vida do jovem. A família não tinha muitas posses e já mantinha o irmão de Sérgio em São Paulo, cursando a faculdade de Direito do Largo São Francisco. A opção mais fácil para todos é a escolhida: Sérgio cursaria Medicina na cidade. No entanto, provando que esta não é uma escolha óbvia para ele, seus primeiros meses na faculdade são de angústia. O jovem não se adapta ao ensino, se desagrada com o convívio com os cadáveres que tinha que dissecar, acredita que tudo aquilo não tinha nada a ver com sua atividade de militante comunista e se decide (depois de matar muitas aulas escondido da família) a abandonar o curso. Logo Sérgio estaria em São Paulo com o irmão, conhecendo o funcionamento da faculdade de Direito. Mais uma decepção: segundo ele, quando a conheceu, “quis voltar rapidinho”.

1961

Continua como estudante de Medicina, mas não sem dificuldades: é um aluno apenas mediano nos primeiros anos da faculdade, sem conseguir imaginar como poderia conciliar suas idéias políticas com a atividade médica. Talvez o início do namoro com sua colega Anamaria Tambellini (sua companheira de muitos anos de namoro e casamento) tenha tornado seus dias de faculdade mais agradáveis.

Começa a atuar no Centro Acadêmico da Faculdade de Medicina da USP em Ribeirão Preto.

1962

Os comunistas (em aliança com outros militantes de esquerda) conquistam a direção do CA em 1962 (elegendo Fábio Vick presidente) e mantêm seu controle com a eleição de Villalobos em 1963. Sérgio se destaca nesse período como orador. Atua também na UGT, dá aulas de formação para os secundaristas do partido e participa de debates nacionalistas no Centro Nacionalista Olavo Bilac.

1963

Participa a partir de 1963 da implantação do CPC em Ribeirão Preto, ajudando seu melhor amigo e colega de faculdade e de partido Marco Antônio Barbieri.

1964

Golpe de 1964. Jovens ou experientes militantes progressistas vivem meses de perplexidade, sem imaginar o que passariam a partir dali: o fechamento progressivo do cerco, a proibição mais radical de suas atividades, o cerceamento de suas idéias.

1965

O PCB é reorganizado em Ribeirão Preto em 1965, com Sérgio Arouca aos 24 anos incompletos assumindo a função máxima de secretário político do município.

1966

Opõe-se desde o princípio ao caminho armado, seguindo a orientação geral da maioria do Comitê Central do PCB, que desde 1965 vinha se manifestando pela frente ampla para derrotar o regime por meios pacíficos e, de preferência, legais. Apesar de estar em minoria em Ribeirão Preto e em seu estado, logo as posições de Arouca se confirmam como nacionalmente majoritárias do partido.

Gradua-se em Medicina pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP).

1967

No início do ano, Arouca dá novos rumos à sua vida, mudando-se para Campinas a convite de Zeferino Vaz com sua namorada Anamaria Tambellini, tornando-se professor do Departamento de Medicina Preventiva e Social da Universidade de Campinas (UNICAMP) e logo doutorando em Medicina na Faculdade de Ciências Médicas da referida universidade.

Nos anos seguintes integraria a Liga Brasileira de Combate à Doença de Chagas na UNICAMP e fundaria o Grupo de Ciências Sociais da Saúde da UNICAMP.

1968

Casa-se com Anamaria Tambellini. Mais tarde nasceria o único filho do casal, Pedro.

1969

Faz um curso de especialização em Saúde Pública na USP.

A partir desse ano, participa dos encontros de docentes dos Departamentos de Medicina Preventiva e Social do estado de São Paulo, ocorridos entre o final dos anos 1960 e o princípio dos 1970. Tais encontros levam Arouca a ter contato com uma gama de problemas e questionamentos do seu campo de uma maneira mais sistemática e complexa, o que sem dúvida alimenta suas reflexões. Configura-se ali um espaço de

debates que explicitaria para Arouca os avanços e limites do campo da medicina preventiva.

1971

Torna-se consultor da Organização Panamericana de Saúde (OPAS), ligada à Organização Mundial da Saúde (OMS). A OPAS tinha (e tem) o objetivo de integrar as atividades de saúde dos países do continente. Nesse contexto, passou a investigar o ensino dos aspectos preventivos e sociais da Medicina na América Latina. Logo, se expandiu até analisar de maneira geral o processo de formação de médicos e sua ligação com a prática médica e a estrutura social – questionamentos que marcariam a produção acadêmica e sanitária posterior de Arouca. Na entidade, atua como consultor representando o Brasil no Comitê Assessor de Investigações para a América Latina, atuando em diversos países como México, EUA e Colômbia (1972), e no Peru, Honduras e Costa Rica (1973). Nesse período de atuação na OPAS, aprofunda sua relação com o porto-riquenho Juan Cesar Garcia, dirigente marcante da entidade e estudioso da influência das relações socio-econômicas na Medicina. Garcia teve nesse período participação importante no estudo da educação médica na América Latina.

Participa da organização de um centro de medicina comunitária em Paulínia (SP), ligado à Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Campinas (UNICAMP). Esse centro se tornaria mais tarde uma das referências para a implantação do Sistema Único de Saúde (SUS).

1974

Frequente disciplinas no curso de pós-graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas (UNICAMP).

Arouca e seu grupo começam a enfrentar dificuldades com a direção da UNICAMP encabeçada por Zeferino Vaz.

Conclui sua tese de doutorado intitulada *O Dilema Preventivista: Contribuição para a Compreensão e Crítica da Medicina Preventiva*. Nela, aponta seus limites, e defende alternativas que deveriam passar pelo questionamento das estruturas sociais desiguais e pela superação do preventivismo – útil até certo ponto (especialmente pelo seu papel na configuração de um campo crítico no interior da Medicina), mas insuficiente. Arouca pelos anos seguintes iria colaborar na construção do conceito da “saúde coletiva”, no bojo da luta pela democratização da Medicina.

Uma tese com tal conteúdo, além da atuação do grupo de Arouca, desagradou os setores mais conservadores da UNICAMP, representados pelo reitor Zeferino Vaz. Arouca é proibido de defender sua tese na universidade.

1975

Com o clima de incerteza na instituição, e o início das operações repressivas de 1975 contra o PCB, primeiro sua mulher Anamaria (levando o filho Pedro) e mais tarde o próprio Arouca (em 1976) acabam optando pela mudança para o Rio de Janeiro. No início da onda de prisões e “desaparecimentos” de membros do PCB, Arouca encontrava-se em Brasília a trabalho. Anamaria, informada da possibilidade da prisão, foge às pressas com seu filho, sem poder contatar Arouca de imediato. Mais tarde, laços refeitos, Arouca iria reencontrar a família. Sua defesa de tese finalmente ocorre no dia 23 de julho.

1976

Torna-se coordenador do Programa de Estudos Socioeconômicos em Saúde (PESES), ligado à Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP) da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). O fator que parece explicar a opção de Arouca (e de vários integrantes do “grupo de Campinas”) pelo Rio de Janeiro e pela ENSP está no PESES. Inspirado por dirigentes da OPAS como Juan Cesar Garcia e desenvolvido pela Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) como forma de apoiar e desenvolver pesquisas no campo da Medicina Social, é implementado na ENSP junto com o Programa de Estudos e Pesquisas Populacionais e Epidemiológicas (PEPPE). Os dois recebem um grande financiamento na época, e aquilo surge como uma possibilidade de ampliar os limites de atuação do “grupo” e implementar novas idéias na Medicina Social.

Participa da fundação do Centro Brasileiro de Estudos de Saúde (CEBES), instituição voltada para o debate, reflexão e divulgação das novas idéias da Medicina Social. Integrado por diversos militantes do PCB, mas de forma alguma restrito a eles, o CEBES estava inserido num processo de ascenso do campo democrático, demonstrado pelo fortalecimento na sociedade civil de iniciativas como o Movimento pela Anistia, o surgimento de novas forças do movimento sindical, etc. O CEBES integrou, junto aos movimentos de residentes, às oposições médicas e setores acadêmicos, um grande movimento reformador naquele campo, que mais tarde levou adiante a “reforma sanitária” e deu origem ao que se convencionou chamar o “partido sanitário” – um grupo heterogêneo de pessoas, unificado por uma certa concepção comum de saúde e pela proposição de transformações na atenção pública à saúde.

Arouca inicia o processo de separação de Anamaria.

1978

Quando o PESES vai se aproximando do final, Arouca presta concurso e se torna professor titular de Planejamento na ENSP.

Integrantes do CEBES formam o “Projeto Andrômeda”. Em suas reuniões, definiam estratégias de atuação e de consolidação nos espaços institucionais. Nenhum projeto foi formulado, embora tenha havido concordâncias quanto a algumas estratégias.

Vem ao Brasil o médico e político italiano Giovanni Berlinguer para falar sobre o processo de construção da “reforma sanitária” italiana.

Começa a se discutir no Brasil o conceito de “reforma sanitária”, conjunto de reformas políticas no aparelho estatal e de mudança de concepções que pudesse levar adiante um processo de democratização da saúde pública no país.

1979

Casa-se com Sarah Scorel, também militante na área da saúde.

É um dos fundadores da Associação Internacional de Políticas de Saúde.

Torna-se presidente do CEBES.

O núcleo do CEBES em Brasília destaca-se por sua atuação parlamentar – fortalecido quando uma série de quadros técnicos se desloca para o Distrito Federal para trabalhar em órgãos do governo. Assessora parlamentares progressistas da Comissão de Saúde ligados ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB), inaugurando para a Comissão uma fase mais combativa e presente no cenário nacional. O resultado é o I Simpósio Nacional sobre Política de Saúde, organizado pela Comissão de Saúde da Câmara dos Deputados e realizado entre 9 e 12 de outubro de 1979. Nele, o CEBES apresenta o documento “A Questão Democrática na Área da Saúde”, que se torna resolução oficial do encontro.

1980

Acompanhado por Sarah Escorel, parte para a Nicarágua como consultor da OPAS no Programa de Governo da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), com o objetivo de colaborar na reorganização do sistema de saúde daquele país. Durante dois anos colabora com o Governo revolucionário nicaraguense, e acompanha o nascimento de sua filha Lara. Arouca busca colaborar com a formação de quadros na área da saúde (especialmente em planejamento). Para isso envia alguns funcionários do Ministério da Saúde daquele país para realizar cursos na ENSP. Após esse primeiro período e com a implementação de uma concepção (tradicional no planejamento governamental socialista) baseada em planos de metas, se engaja basicamente na elaboração e implementação do Plano na área da saúde. A atividade de Arouca na Nicarágua é dirigida também para a busca da descentralização do atendimento à saúde, fortalecendo a “ponta” do atendimento em detrimento da burocracia estatal e do crescente poder do partido.

1982

De volta ao Brasil, retorna ao Departamento de Administração e Planejamento em Saúde (DAPS) da ENSP da FIOCRUZ, e torna-se chefe do departamento.

1985

Em pleno processo de redemocratização do país, é indicado à presidência da FIOCRUZ por um movimento da comunidade de Mangueiras e uma frente suprapartidária. Esse movimento ultrapassa as fronteiras da FIOCRUZ, tornando-se nacional.

A 3 de maio, Arouca é nomeado para a presidência da instituição. Os colaboradores de sua gestão são unânimes em reconhecer seus méritos, trazendo para a comunidade de Mangueiras um período de renascimento e prosperidade duradoura. Durante o período em que esteve à frente da fundação, preocupa-se, sobretudo, com sua democratização, recuperando a associação de funcionários e promovendo eleições diretas para sua diretoria, promovendo o retorno dos onze cientistas que haviam sido cassados e expulsos da instituição pela ditadura militar e criando o Congresso Interno (com participação de todos os funcionários). Moderniza a administração, estabelecendo mecanismos de gestão colegiada e participativa, nomeando diretores eleitos pelas unidades e criando o Conselho Deliberativo da FIOCRUZ como sua instância máxima do poder. Inaugura novos órgãos da instituição e fornece a base para o desenvolvimento das pesquisas científicas na casa.

1986

Preside em Brasília a VIII Conferência Nacional de Saúde que, pela primeira vez, conta com a participação dos usuários dos serviços de saúde. Por opção da Comissão Organizadora e pelo estágio das lutas no setor, a Conferência é organizada pela primeira vez com uma estrutura mais ampla e descentralizada, baseada em incontáveis encontros regionais realizados ao longo de um ano. Dessa forma, é o processo congressual mais democrático realizado até então no setor, e dele emerge (extremamente legitimado pela representatividade e abertura da Conferência) o projeto de universalização da saúde e do papel estatal em sua promoção, que seria aprovado no Congresso Constituinte e integrado à Constituição.

Exerce o cargo de consultor da OMS.

1987

Com a eleição de Moreira Franco para o Governo do Estado do Rio de Janeiro, é nomeado secretário Estadual de Saúde. É pressionado a deixar a presidência da FIOCRUZ por conta disso, mas permanece exercendo as duas funções.

Recebe a visita do presidente de Portugal, Mario Soares, à FIOCRUZ, selando o acordo de cooperação científica entre Brasil e Portugal.

1988

As pressões recebidas na Fiocruz, o desgaste do e no governo, o desinteresse de Moreira Franco em defender a aplicação de um projeto de saúde progressista, entre outros fatores, levam Sérgio Arouca a abandonar o governo e continuar se dedicando apenas à presidência da FIOCRUZ.

Na Constituinte, participa ativamente como representante da sociedade civil, intervindo na confecção do capítulo de saúde da Constituição. Cunhou a famosa frase “Saúde é direito de todos e dever do Estado”, visando garantir o atendimento nas instituições públicas de saúde para todo e qualquer cidadão e não apenas para o trabalhador. As propostas expostas na VIII Conferência Nacional de Saúde são aprovadas pela Constituinte, e é criado o Sistema Único de Saúde (SUS).

1989

Afasta-se da presidência da FIOCRUZ para candidatar-se a vice-presidente da República na chapa do PCB encabeçada por Roberto Freire.

1990

É eleito deputado federal do Estado do Rio de Janeiro pelo PCB, com cerca de 94.000 votos.

Recebe a visita do presidente de Cuba Fidel Castro na FIOCRUZ, para uma palestra sobre as transformações do sistema de saúde depois da Revolução Cubana.

1991

Empossado no cargo de deputado federal, torna-se membro da Comissão de Seguridade Social e Família da Câmara dos Deputados.

Participa do Fórum Socialista, realizado no Rio de Janeiro, como discussão preparatória ao IX Congresso Nacional do PCB. Neste Congresso, torna-se vice-presidente do partido.

No período de atuação parlamentar inicia seu processo de separação de Sarah Scorel, já com três filhas deste casamento, Lara, Nina e Luna. Sua nova companheira, com quem viveu até os últimos dias, seria a também médica e ativista do movimento sanitarista, Lúcia Souto.

1992

É um dos principais idealizadores da transformação do PCB em Partido Popular Socialista (PPS), oficializada em janeiro. Propôs-se o abandono de idéias e da organização marxista-leninista e a formação de uma organização mais “moderna” e democrática, ligada à “nova esquerda” e aberta a novos tipos de pensamento além do marxista. Tudo isso é reflexo de transformações que vinham ocorrendo no partido nas últimas décadas, de seu progressivo enfraquecimento e da derrocada do “socialismo real” entre 1989 e 1991. Arouca torna-se presidente regional (RJ) e vice-presidente nacional do PPS.

Vota a favor do *impeachment* do presidente Fernando Collor.

Candidata-se à vice-prefeito da cidade do Rio de Janeiro em chapa encabeçada por Benedita da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT). A chapa é derrotada no segundo turno por César Maia, então no Partido Movimento Democrático Brasileiro (PMDB).

1994

Vota a favor da criação do Fundo Social de Emergência (FSE) instituído como fonte de financiamento para o projeto de estabilização econômica do Governo Itamar Franco (1992-1994) que ficou conhecido como Plano Real. Requer ao Tribunal de Contas da União (TCU) uma auditoria para apurar o suposto desvio de 49,8% nas despesas do Fundo Social de Emergência (FSE), que deveria ser destinado exclusivamente à área social. Além disso, é contrário ao fim do voto obrigatório e a favor da instituição do Imposto Provisório sobre Movimentação Financeira (IPMF), que também veio a servir no financiamento ao Plano Real.

Em novembro é reeleito deputado federal do Rio de Janeiro pelo PPS, com 42.717 votos.

1995

Passa a integrar a Comissão de Trabalho, Administração e Serviço Público da Câmara. Como líder do seu partido na Câmara é novamente indicado para integrar a Comissão de Seguridade Social e Família.

Mesmo sendo contrário à paralisação, apresenta na Câmara dos Deputados um projeto de anistia a todos os trabalhadores que haviam sido demitidos pela participação na greve nacional dos petroleiros que exigiam reajuste salarial e manutenção do monopólio estatal no setor. Essa greve não atinge os seus objetivos.

Propõe uma emenda constitucional autorizando as universidades e os institutos de pesquisa brasileiros a contratar professores estrangeiros mediante concurso público. Com apoio quase unânime do Congresso Nacional, o projeto também concede às instituições o direito de elegerem dirigentes e de administrar seus próprios recursos.

No bojo do processo de desestatização da economia nacional, Arouca a partir desse ano vota a favor da maioria das propostas apresentadas pelo governo recém iniciado de Fernando Henrique Cardoso: quebra do monopólio dos governos estaduais na distribuição de gás canalizado; abertura da navegação de cabotagem; revisão do conceito de empresa nacional. Dá voto contrário apenas ao fim do monopólio estatal das telecomunicações e da exploração de petróleo. Tais votos remetem à busca pelo PPS e por Arouca da ocupação de um espaço enquanto “esquerda democrática”. Arouca procurava defender uma “reforma democrática de Estado”, que o tornasse mais “público” e menos “privatista” – o que explica seu apoio (ainda que parcial e calcado num enfoque diferente) à reforma de Fernando Henrique.

1996

Com a desistência do ex-deputado Marcelo Cerqueira, é escolhido para ser o candidato do PPS à Prefeitura do Rio de Janeiro. Para tanto, contou com o apoio do Partido Verde (PV). Obtém votação inexpressiva na disputa. No segundo turno, manifesta apoio à candidatura de Luís Paulo Conde, do Partido da Frente Liberal (PFL).

Apresenta requerimento à Comissão de Seguridade Social e Família da Câmara dos Deputados solicitando uma auditoria financeira em todas as entidades de saúde do país financiadas pelo Sistema Único de Saúde (SUS) e especializadas no tratamento de idosos e de portadores de doenças crônicas e mentais. O pedido foi feito em consequência da morte de 98 pacientes na clínica geriátrica Santa Genoveva, no Rio de Janeiro.

Vota a favor da instituição da Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF), imposto que veio a substituir o IPMF.

1997

Vota a favor da emenda do governo que institui o direito de reeleição para prefeitos, governadores e presidente da República.

Vota contra o projeto do governo que previa o fim da estabilidade no funcionalismo público (apesar de ter se manifestado a princípio favoravelmente à idéia), e contra a adoção de um limite máximo para as aposentadorias do setor público e a instituição da idade mínima e do tempo de contribuição como critérios de cálculo na concessão de aposentadorias do setor privado.

1998

Candidata-se à reeleição para deputado federal pelo PPS, mas não obtém êxito, apesar dos 31.531 votos recebidos. O seu posicionamento de “oposição propositiva” ao primeiro mandato de Fernando Henrique decepciona parte de suas bases e de seu eleitorado, o que contribui para sua derrota. Mas outros fatores contaram para ela – sendo o principal deles o isolamento que o PPS vivia naquele momento, com a primeira candidatura à Presidência da República de Ciro Gomes. Arouca, apesar de bem votado, não é eleito porque seu partido acaba não obtendo no Rio de Janeiro o coeficiente eleitoral necessário para eleger um deputado federal.

2000

É convidado pelo prefeito eleito do Rio de Janeiro, César Maia, então no Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), para assumir a Secretaria Municipal de Saúde.

2001

Assume a Secretaria Municipal do Rio de Janeiro. Os atritos são uma constante nas relações entre o prefeito e seu secretário, que divergem quanto à melhor forma de prevenir o dengue, quanto à organização da Secretaria e quanto ao programa de médicos de família que Arouca queria implantar na cidade. Arouca é em pouco tempo demitido.

2002

Descobre que sofre de uma metástase hepática no cólon do intestino.

Coordena o programa de saúde de Ciro Gomes (PPS) nas eleições presidenciais deste ano e, no segundo turno, se incorpora à campanha de Lula. Com sua vitória, defende com sucesso o apoio ao Governo Lula no interior do PPS.

2003

Assume em janeiro a Secretaria de Gestão Participativa do Ministério da Saúde.

É nomeado para a coordenação-geral da XII Conferência Nacional de Saúde e para ser representante do Brasil na OMS. Tanto a Secretaria como a XII Conferência eram vistos por Arouca como passos fundamentais para levar adiante um projeto que ele acalentava nos últimos anos: a “reforma da reforma sanitária”, a reforma do SUS, que não havia sido implantado exatamente da forma como havia sido concebido e, além disso, já necessitava de profundos realinhamentos e adaptações.

Em 2 de agosto, aos 62 anos incompletos, morre no Rio de Janeiro Antônio Sérgio da Silva Arouca.

Em homenagem ao seu falecimento de Sérgio Arouca, a XII Conferência Nacional de Saúde passa a chamar-se Conferência Sérgio Arouca.